

As Festas Judaicas e o Preterismo

Mateus Fonseca



O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL
MURRAY

DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

As Festas Judaicas e o Preterismo

Compilado por
Mateus Fonseca

Revista Cristã _____
Última Chamada
Coleção Vários Autores
- Edição de Março de 2019 -

As Festas Judaicas e o Preterismo

Compilado por: Mateus Fonseca

Revista Cristã Última Chamada

Coleção Vários Autores

- Edição de Março de 2019 –

Capa: César Francisco Raymundo

O conteúdo deste e-book é um texto adaptado por Mateus Fonseca no site Arquivo Preterista: www.arquivopreterista.blogspot.com.br

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Março de 2019

Londrina, Paraná,

Índice

Sobre o autor 06

<i>1. O Descanso do Sábado (Levítico 23:1-3)</i>	<i>07</i>
<i>2. Festa da Páscoa (Levítico 23:4-5)</i>	<i>23</i>
<i>3. Festa dos Pães ázimos (Levítico 23:6-8)</i>	<i>46</i>
<i>4. Festa dos Primeiros Frutos (Levítico 23:9-14)</i>	<i>64</i>
<i>5. Festa de Pentecostes (Levítico 23:15-22)</i>	<i>83</i>
<i>6. Festa das trombetas (Levítico 23:23-25)</i>	<i>112</i>
<i>7. Festa do dia da expiação (Levítico 23:26-32) - Parte 1</i>	<i>129</i>
<i>8. Festa do dia da expiação (Levítico 23:26-32) - Parte 2</i>	<i>140</i>
<i>9. Festa dos Tabernáculos (Levítico 23:33-44)</i>	<i>165</i>
<i>10. O Significado profético da festa do Purim</i>	<i>188</i>
<i>11. Festas de Israel e seu significado profético</i>	<i>197</i>

Bibliografia 200

Obras importantes para pesquisa... 201

Patrocine esta obra 204

Sobre o autor



Mateus Fonseca nasceu em 5 de novembro de 1993 e é natural da cidade de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro. É membro da igreja Batista daquela cidade. Estudioso do Preterismo e também colaborador da Revista Cristã Última Chamada, atualmente, mantém o blog Arquivo Preterista que possui materiais de estudos sobre a interpretação preterista da profecia Bíblica.

1

O Descanso do Sábado (Levítico 23:1-3)

“Depois falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: As solenidades do Senhor, que convocareis, serão santas convocações; estas são as minhas solenidades: Seis dias trabalho se fará, mas o sétimo dia será o sábado do descanso, santa convocação; nenhum trabalho fareis; sábado do Senhor é em todas as vossas habitações”.

(Levítico 23:1-3)

A primeira coisa que quero que note aqui é que vemos a palavra SENHOR três vezes. Isto é do hebraico: Yod-Hei-Vav-He i (YHVH), que é pronunciado como Yahweh. O nome (Yahweh) aparece quase 7.000 vezes nas Escrituras hebraicas, mas nem mesmo uma vez na Bíblia inglesa, nem mesmo na Bíblia Juvenil Complexa. O CJB usa Adonai, o que significa: "SENHOR". Os tradutores substituíram o Senhor pelo título indiscriminado do SENHOR. Então, sempre que você vê o Senhor escrito em Maiúsculo, é Yahweh.

Antes que ele liste as festas, o Senhor fala sobre o sábado. Isso pode ser considerado um banquete semanal. Então, para começar nosso estudo eu quero falar sobre o sábado. Este é um tópico importante, porque todos os cristãos sinceros querem honrar a Deus fazendo o que é certo. O problema é que eles nem sempre sabem o que a Bíblia diz.

Existe uma grande divisão entre os cristãos sobre o sábado. É domingo, o primeiro dia da semana, o sábado cristão? Substituiu o sétimo dia (sábado) como o dia de descanso? O quarto dos "Dez Mandamentos" foi alterado ou acabado? Essas e outras questões semelhantes são feitas hoje pelos crentes em todo o mundo, e as respostas para elas são muito importantes.

1. O sábado continua e ainda é sábado. Esta seria a visão do adventista do sétimo dia. Eles diriam: "O domingo não é o dia do sábado. O Sábado do Todo-poderoso, de acordo com os seus Dez Mandamentos inalteráveis (Êxodo 20:8-11, Mateus 5:17-18), é o sétimo dia da semana, o dia comumente conhecido como sábado. Você pode ler a Bíblia de Gênesis ao Apocalipse e você não encontrará um único verso que autorize a observância do domingo. O verdadeiro Sábado semanal doe Javé, o Deus Todo-Poderoso de Israel, foi, é e sempre será, o sétimo dia da semana".

Michael Rood, um rabino autodidata que detém a adoração do sábado, diz: "Adoração aos domingos, e especialmente serviços de nascer do sol na Páscoa, são uma abominação para o Senhor, porque o deus do sol foi adorado nos domingos de manhã". (Mistério da Iniquidade , Capítulo 8).

2. O sábado continua, mas foi mudado para domingo. "A lei de Deus ainda permanece", dizem os outros, "mas o domingo, primeiro dia da semana, é o novo sábado cristão. Comemora a ressurreição do Senhor Jesus, o Cristo. É o Dia do Senhor e substituiu o sétimo dia sabático pela autoridade dos apóstolos inspirados e, portanto, pelo próprio Cristo. Os cristãos certamente estão obrigados a observá-lo".

Adam Clarke, em seu comentário sobre 1ª Coríntios 16, diz isso:

"Parece do todo o primeiro dia da semana, que é o sábado cristão, foi o dia em que suas principais reuniões religiosas foram realizadas em Corinto e as igrejas da Galácia e, conseqüentemente, em todos os

outros lugares onde o cristianismo prevaleceu. Este é um forte argumento para a manutenção do sábado cristão".

Era, em geral, os puritanos que eram responsáveis pela visão de que o dia do Senhor (isto é, domingo) deveria ser considerado o sábado cristão e, como tal, tomou o lugar do sábado judaico (sábado). Mas este ponto de vista causou uma rigorosa observância legalista do primeiro dia da semana, de modo que sua escravidão se tornou equivalente à de sua contraparte judaica.

As Escrituras usadas para sustentar um sábado de domingo são algo intrigantes quando realmente examinadas. É suposto que a menção em Atos 20:7 dos crentes se junte para partir o pão no primeiro dia da semana (domingo sendo o primeiro dia de sábado, sendo o sétimo, seria o último) é uma referência ao "especial" dia em que os crentes se uniram para partir o pão, mas a Escritura não diz isso:

“E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e prolongou a prática até à meia-noite”.

(Atos 20:7)

Só diz que eles partiram pão e que o fizeram no primeiro dia da semana. Atos 2:46 diz que o hábito da Igreja primitiva era o de partir o pão diariamente, não parti-lo apenas uma vez por semana. 1ª

Coríntios 16:2 também menciona o primeiro dia da semana no contexto de deixar de lado alguma contribuição para o alívio dos crentes judeus. Mas, novamente, isso não precisa se referir a um dia de semana especial no qual a Igreja se encontrou para adorar Jesus - sua adoração continuou diariamente como já foi observado anteriormente.

O apelo ao dia em que Cristo ressuscitou dos mortos (domingo) também é frequentemente citado como uma boa razão para tornar o dia especial e ser observado como o dia de descanso do crente. Embora seja verdade que a evidência sugere que a Igreja primitiva se reuniu para adorar ao Senhor aos domingos, se eles fizeram isso, não era que fossem obrigados do ponto de vista teológico, mas porque eles

escolheram fazê-lo. Além disso, a Igreja primitiva se reuniu todos os dias para adorar ao Senhor. Por nossa elevação de um dia acima de todos os outros, tendemos a esquecer a importância dos outros seis e empurrar o cristianismo para as restrições de um sétimo dia. Então, essas duas primeiras visualizações são semelhantes na medida em que ambos dizem que o sábado continua. Você lembra qual foi a penalidade para quem não cumpria os dias sabáticos?

“Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será eliminada do meio do seu povo”.
(Êxodo 31:14)

Então, em qualquer um desses pontos de vista, somos obrigados a manter o sábado. A única discussão entre estes dois é qual dia é o sábado. Um escritor adventista do sétimo dia afirma:

"O que você vai fazer sobre o domingo, que é um dia de trabalho comum posando como o sábado do Todo-Poderoso? E, mais importante ainda, o que você vai fazer agora sobre o sétimo dia da semana, o sábado do Deus Todo-Poderoso? Tenha em mente que o sétimo dia da semana foi, é e será o Verdadeiro Dia do Sábado. Aqueles que ignoram esse fato são culpados de quebrar um dos Dez Mandamentos (Êxodo 20: 8-11). E isso é pecado; porque o pecado é a transgressão da Lei do Todo Poderoso, (1 João 3: 4)".

Eu tenho que concordar com esse escritor. O sábado é o sétimo dia da semana. Eu também concordo que violar o sábado é quebrar um dos Dez Mandamentos:

“Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e

ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou”.

(Êxodo 20:8-11)

Qual dia é o sábado? É o sétimo dia. Então, o sábado é sábado. Estamos obrigados a mantê-lo? Antes de responder a isso, voltemos ao Decálogo. O comando para "manter o sábado" faz parte dos Dez Mandamentos. Ao olhar para esses mandamentos, quero que você faça as perguntas:

"Estamos vinculados por esses comandos?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o primeiro mandamento: "Não tenha outros deuses" (Êxodo 20:3)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o segundo mandamento: "Não há ídolos/imagens" (Êxodo 20:4-6)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o terceiro mandamento: "Não tome o nome de Deus em vão" (Êxodo 20:7)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer ao quarto mandamento: "Mantenha o sábado" (Êxodo 20:8-11)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer ao quinto mandamento: "Honre seus pais" (Êxodo 20:12)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer ao sexto mandamento: "Não assassinar" (Êxodo 20:13)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o sétimo mandamento: "Não cometer adultério" (Êxodo 20:14)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o oitavo mandamento - "Não roubar" (Êxodo 20:15)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o nono mandamento: "Não dê falso testemunho" (Êxodo 20:16)?

Você acredita que um cristão é obrigado a obedecer o décimo mandamento: "Sem cobiça" (Êxodo 20:17)?

O que você diz, somos nós, como cristãos, vinculados por esses mandamentos? Eu poderia colocar assim: é bom para nós roubar? Está certo para nós assassinar? Está certo para nós ter ídolos? Está certo para nós não manter o sábado?

Por que achamos que é bom ignorar o quarto mandamento, mas não os outros nove? Somos apenas obrigados aos nove mandamentos hoje? Em caso afirmativo, quando o quarto mandamento foi removido?

Deixe-me colocar a pergunta assim: "Você acredita que os Dez Mandamentos, escritos com o dedo de Deus nas Tabelas de Pedra, são a regra da vida para um cristão hoje?"

A quem foram os 10 Mandamentos dados? :

“Disse mais o Senhor a Moisés: Escreve estas palavras; porque conforme ao teor destas palavras tenho feito aliança contigo e com Israel.

E estive ali com o Senhor quarenta dias e quarenta noites; não comi pão, nem bebi água, e escrevi nas tábuas as palavras da aliança, os dez mandamentos”.

(Êxodo 34:27-28)

Estes mandamentos foram para Israel. Junto com os Dez Mandamentos veio o culto ao templo, os sacrifícios, as restrições alimentares. Você está vinculado a esses? Algum de vocês comem marisco?:

“De todos os animais que há nas águas, comereis os seguintes: todo o que tem barbatanas e escamas, nas águas, nos mares e nos rios, esses comereis.

Mas todo o que não tem barbatanas, nem escamas, nos mares e nos rios, todo o réptil das águas, e todo o ser vivo que há nas águas, estes serão para vós abominação”.

(Levítico 11:9,10)

Por que você acredita que pode comer o que quiser, mas alguns ainda se viram obrigados a obedecer o sábado? Tiago diz que a Lei é um todo:

“Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos”.

(Tiago 2:10)

A Lei do Velho Pacto é uma unidade. Se você quebrar um mandamento, você é culpado. Alguns tentaram dividir a Lei em três categorias: moral, judicial (civil) e cerimonial. Isso começou com Tomás de Aquino (1225-1274) por volta do 13^a século, e a maioria dos cristãos hoje parece ter adotado esta divisão. O problema com isso é que não há nada na Escritura para apoiar a ideia de que a Lei deve ser dividida em três partes, como a lei cerimonial, a lei civil e a lei moral. A maioria ensina que Deus acabou com os aspectos cerimoniais e civis da Lei, mas não com o aspecto moral da Lei. Tal distinção não é desenhada em qualquer lugar nas Escrituras. A Lei é vista como uma unidade ou como um todo. Tiago disse que quem quebra um ponto da Lei, quebra toda a Lei.

Então, para responder a pergunta: "Você acredita que os Dez Mandamentos, escritos com o dedo de Deus nas Tabelas de Pedra, são a regra da vida para um cristão hoje?" Minha resposta é a seguinte: "Eu acredito que os Dez Mandamentos, como eles são interpretados e aplicados por nosso Senhor e Seus apóstolos nas Escrituras do Novo Testamento, são uma parte real e essencial de nossa regra de vida". A Nova Aliança, como mediada por Cristo, é um NOVO Pacto, que substitui totalmente a Antiga Aliança".

Por que acho que roubar, mentir, adulterar e ter ídolos é errado? Porque Jesus e os apóstolos nos ensinam que essas coisas estão erradas.

Eu vivo sob a Nova Aliança, não a Velha. E na Nova Aliança não há menção de um sábado cristão. Embora a Nova Aliança revele 9 dos 10 (o Sábado é excluído) como comandos individuais, os Dez Mandamentos como uma unidade não são trazidos para a era da Nova Aliança. Isso nos leva à terceira visão do sábado.

1. O sábado continua e ainda é sábado.
2. O sábado continua, mas foi mudado para domingo.
3. O sábado é cumprido em Cristo - que é o nosso descanso no sábado.

Esta visão diz que os dias da semana são todos iguais. Sábado, domingo ou mesmo sexta-feira, eles são todos iguais para Deus. O importante é manter-se santo todos os dias da semana e esquecer um sábado semanal, porque já não existe. O mandamento do sábado foi cumprido, substituído, acabado e pregado na cruz. Os cristãos se encontram para adoração no domingo, não porque seja o sábado dos Dez Mandamentos, mas porque é conveniente. A Lei foi cumprida por Jesus e agora é obsoleta: então não há mais um mandamento do sábado para observar. É o Espírito que importa, não o dia da semana em que você escolhe para descansar.

Agora, deixe-me dizer isso: são apenas aqueles que acreditam na escatologia preterista que podem manter essa visão de forma consistente. Sabe por que isso acontece? É porque Jesus disse que a Lei da Antiga Aliança - muito pouco disso - estaria em vigor até o céu e a terra terem passado:

“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir.

Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido”.

(Mateus 5:17,18)

O que Cristo está falando aqui? Olhe com atenção e com cuidado. Este é um versículo muito importante. O que para Jesus significa "a Lei"? Jesus disse: "Não pense que eu vim abolir a Lei ou os Profetas, não vim abolir, mas cumprir". O uso dos termos "a Lei" e "os Profetas" indica que o que o Senhor está falando nestes versículos é todo o Tanakh. Se você rastrear estes termos através da sua Bíblia, você achará que, sempre que essa expressão é usada, inclui toda a Bíblia hebraica. Então, o que Jesus fala aqui sobre o Tanakh?

Gregg Bahnsen, em seu livro, *Theonomy and Christian Ethics*, diz na página 73-74:

"É o ponto de leveza que Jesus está trazendo com força antes de nós. Nem mesmo o número muito menor do aspecto menos importante da Lei no velho testamento se tornará dotada até que os céus e a terra passem. É difícil imaginar como Jesus poderia ter afirmado mais atentamente que CADA til da velha lei permanece vinculante na era do evangelho".

A Lei Mosaica é uma unidade. Ela existe como uma unidade ou não. Essa noção de que a Lei Mosaica pode ser cortada em cerimonial, civil e moral, você não encontrará em qualquer lugar da Bíblia. Jesus disse que não veio para destruir a lei, mas para cumpri-la. O que significa cumprir a Lei? A palavra "cumprir" é da palavra grega pleroo. Mateus usa esta palavra dezessete vezes, e em quinze delas se refere claramente à profecia cumprida ou a acontecer. A Lei, que lemos na Torá, e tudo o que foi dito pelos Profetas, iria "cumprir" até os mínimos detalhes. E até que tudo fosse cumprido, era obrigatório para o povo de Deus.

Cristo cumpriu a Lei cumprindo todos os tipos e profecias do Tanakh. Todas as ilustrações do sistema de sacrifício da Velha Aliança se concentram e encontram sua satisfação nEle. Todas as profecias dadas sobre o Messias que vem, Seu reino e Sua salvação encontram sua realização nEle.

Cristo realizou o Tanakh, é sobre Ele a maior ênfase no Novo Testamento; Ele conheceu as exigências justas da Lei em proporcionar

a salvação através da Sua morte na cruz. Assim, Ele cumpriu a Lei e completou o pagamento da penalidade pelos nossos pecados.

A lei foi cumprida:

“Porque o precedente mandamento é abrogado por causa da sua fraqueza e inutilidade”.

(Hebreus 7:18)

Esta é realmente uma afirmação surpreendente. Deus promete deixar de lado a Lei Mosaica e o sistema levítico. As palavras "deixar de lado" são do verbo grego *athetesis*. É um termo legal que aponta para o cancelamento completo do mandamento em questão - a Lei Mosaica. O mesmo verbo é usado em 9:26 traduzido como: "aniquilar":

“De outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”.

(Hebreus 9:26)

O desaparecimento da Lei Mosaica é tão absoluto como o afastamento do pecado. O propósito da Lei está indicado em Gálatas 3, onde é indicado que a Lei revela sua pecaminosidade e serve como um tutor ou professor para trazê-los para Cristo. Paulo diz em Gálatas 3 que agora que Cristo veio, não estamos mais sob o mestre escolar. Agora que Cristo veio e a Lei foi levada à conclusão, a Lei foi cumprida em Cristo:

“De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio. Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus”.

(Gálatas 3:24-26)

A lei, a antiga aliança, foi cumprida em Cristo? Não conheço nenhum cristão que diria que todas as leis cerimoniais da Velha Aliança ainda estão em vigor. No entanto, Jesus disse que o céu e a terra absolutamente tiveram que passar antes que a menor letra da Lei pudesse ser cumprida. Assim, se a Lei foi cumprida, o céu e a terra de que Jesus falou já devem ser retirados do caminho.

Podemos dizer que Jesus, obviamente, NÃO estava falando da terra literal em que Ele estava de pé e do céu literal que estava acima dele. Se entendemos o céu e a terra naquela passagem para serem físicos, a Lei ainda está em vigor, e todos nós somos obrigados a obedecer o sábado. Se entendemos o céu e a terra como figurativos, é possível que tenham passado junto com a Lei.

A frase "até o céu e a terra passarem" refere-se ao tempo de toda a autoridade da Antiga Aliança. Então, Jesus está dizendo que nem um único item da Lei, a Antiga Aliança, nunca será mudado até o céu e a terra passarem. Foi isso que Jesus disse? Eu acho que é!:

“Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido”.

(Mateus 5:18)

Nenhuma parte da lei era para passar até que tudo fosse realizado. Toda a Lei que está sendo realizada incluiria todas as profecias do Antigo Pacto feitas a Israel sendo cumpridas? Todas as escrituras proféticas tiveram que ser cumpridas. Isso incluiu as profecias do "Novo Céu e Terra". A Nova Aliança está sempre associada a uma Nova Era. Esta Nova Era não aconteceria até que tudo o que os Profetas haviam falado a respeito de Israel fosse cumprido.

Até que Deus criou um "Novo Céu e Terra", a Antiga Aliança permaneceu com cada um dos preceitos delas. Então, se não estamos vivendo no "Novo Céu e Terra" hoje, então estamos sob a Lei, e sob cada um daqueles mandamentos e punições. Mas eu não conheço nenhum cristão que diria que TODAS as Escrituras da Antiga Aliança

são vinculativas para nós. Se o fizessem, eles teriam que manter o sábadado os sacrifícios e as punições judiciais.

Lucas concorda com Jesus:

“Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação.

Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela.

Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas”.

(Lucas 21:20-22)

Lucas nos diz aqui que TODAS as coisas que estão escritas sobre os dias de vingança serão cumpridas na destruição de Jerusalém. O que ele quer dizer com isso? "Todas as coisas que estão escritas" refere-se ao que da Antiga Aliança estava profetizado sobre Israel. A Antiga Aliança deveria ser cumprida na destruição de Jerusalém, que era o céu e a terra passando.

Então, Lucas diz que no momento em que Jerusalém é destruída, todas as profecias a respeito dos dias de vingança serão cumpridas. O que isso inclui? Isso incluiria a profecia da Parousia, a Ressurreição nacional de Israel, os Novos Céus e a Terra, tudo que foi profetizado a Israel seria cumprido no momento da destruição de Jerusalém e teríamos então o início da nova era messiânica, a era da Nova Aliança. A morte do céu e da terra é outra maneira de falar do fim da Antiga Aliança. Para provar isso na Escritura, observe:

“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos.

Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão,

E como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão.

(Hebreus 1:10-12)

Estes versículos são uma citação do Salmo 102. Se tudo o que tínhamos fosse a profecia de Davi nos Salmos 102, poderíamos pensar que isso se refere à Terra física. Mas, o Novo Testamento lança luz ao Tanakh. Como o mundo ou os céus e a terra antigos vão perecer? Davi disse, no Salmo 102:26: "Eles envelhecerão como uma veste", e então eles seriam "mudados". É apenas uma coincidência que a Bíblia fala da morte da Antiga Aliança usando o mesmo idioma apocalíptico?

“Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar”.

(Hebreus 8:13)

A palavra "obsoleto" é a mesma palavra grega, palaios (pal-ah-yo'-o), que significa: "fazer desgastado, ou declarar obsoleto", é usado em Hebreus 1:11 sobre os Céus e Terra e 8:13 sobre a Antiga Aliança. O escritor de Hebreus nos ensina que a "Antiga Aliança" e os "Céus e a Terra" são sinônimos. Se não entendemos o uso bíblico de "céu e terra", não entenderemos as palavras de Jesus em Mateus 5:18. E se não entendemos essas palavras de Jesus, acabaremos confusos quanto ao sábado e a todas os outros preceitos do antigo pacto. O sábado era um tipo: a essência de "manter o sábado sagrado" era abster-se do trabalho físico. Fazer o trabalho físico era a única maneira de quebrar o sábado em Israel. Não havia "ir à igreja" ou qualquer outra adoração prescrita relacionada com o sábado. Isso ficou claro a partir da primeira instituição do sábado em Êxodo 16:

“E aconteceu que ao sexto dia colheram pão em dobro, dois ômeres para cada um; e todos os príncipes da congregação vieram, e contaram-no a Moisés.

E ele disse-lhes: Isto é o que o Senhor tem dito: Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobejar, guardai para vós até amanhã.

E guardaram-no até o dia seguinte, como Moisés tinha ordenado; e não cheirou mal nem nele houve algum bicho.

Então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto hoje é o sábado do Senhor; hoje não o achareis no campo.

Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele não haverá.

E aconteceu ao sétimo dia, que alguns do povo saíram para colher, mas não o acharam.

Então disse o Senhor a Moisés: Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis?

Vede, porquanto o Senhor vos deu o sábado, portanto ele no sexto dia vos dá pão para dois dias; cada um fique no seu lugar, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia.

Assim repousou o povo no sétimo dia.

(Êxodo 16:22-30)

Eles deveriam reunir o maná suficiente no sexto dia por dois dias, e Deus prometeu que não iria estragar, como era o caso em qualquer outro dia. Eles poderiam confiar em Deus que o maná não estragara. Eles deveriam descansar totalmente no sétimo dia. Não foram autorizados a sair e reunir o maná. Mais tarde, quando o sábado é dado como sinal da aliança, ficou claro que a única maneira de quebrar o sábado era o trabalho físico. Êxodo 31:14-15 é bastante explícito:

“Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será eliminada do meio do seu povo.

Seis dias se trabalhará, porém o sétimo dia é o sábado do descanso, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer algum trabalho, certamente morrerá”.

(Êxodo 31:14,15)

Eles são ordenados no versículo 14 a "não profanar o sábado", e para Moisés "profanar o sábado" é equivalente a "fazer qualquer trabalho físico". Ambos os versos afirmam que qualquer forma de trabalho físico resultaria na morte. Há uma constante ênfase em "Não trabalhe". Nem levante um dedo para pegar palitos. "Cesse do seu trabalho e

descanse". Deus disse que eles deveriam reunir o fornecimento de dois dias no sexto dia, "confie em mim, não estragará" como seria em qualquer outro dia.

Ao ler todas as referências ao sábado, você continua ouvindo: "Cesse do seu trabalho, confie em mim". A mensagem é "fé". Você pode ouvir os ecos de Romanos 4:4,5 gritando: "Pois aquele que não trabalha, mas acredita...". O sábado expulsou um homem das obras para a fé. O sábado pregou o evangelho do repouso. Em uma cultura onde o trabalho era muito difícil, muito físico, muito exigente, o sábado foi dado como um presente. Este foi um dia por semana onde você poderia simplesmente descansar, e Deus providenciaria. Mas houve um significado maior para isso. O sábado anual também pregava o Evangelho. O capítulo vinte e cinco de Levítico descreve o sábado anual. Assim como houve um sábado semanal, houve um sábado de sétimo ano. Assim como o Sabbath semanal havia uma ordem de não trabalhar, o sábado do sétimo ano ordenava nenhum trabalho durante todo o ano. Eles não podiam fazer nenhum trabalho físico por um ano inteiro. Não foram autorizados a cultivar ou colher durante um ano inteiro:

“E se disserdes: Que comeremos no ano sétimo? eis que não havemos de semear nem fazer a nossa colheita;

Então eu mandarei a minha bênção sobre vós no sexto ano, para que dê fruto por três anos,

E no oitavo ano semeareis, e comereis da colheita velha até ao ano nono; até que venha a nova colheita, comereis a velha”.

(Levítico 25:20-22)

Novamente, Deus ensinava: "Não vives pelas vossas obras, mas pela minha graça. Confie em mim, permita que a terra fique ociosa, eu lhe darei tudo o que precisa". Como o sábado semanal, o sábado do sétimo ano também empurrou os israelitas das obras para a fé. Pregou o Evangelho. Forçou-os à fé ao invés de viver pelo seu próprio trabalho.

O maior de todos os sábados era a cada cinquenta anos. Assim como seis dias foram seguidos por um dia de repouso no sábado, e seis anos foram seguidos por um ano de descanso sabático, o sétimo ano sabático foi seguido pelo Ano do Jubileu. Todas as dívidas e hipotecas de todos os tipos foram canceladas. Todos voltaram para a terra original que foi dada aos seus pais.

Você pode imaginar um israelita que estivesse em dívida com a fazenda familiar hipotecada: ele iria se levantar cedo na manhã do jubileu e ansiosamente aguardava ouvir a trombeta e o anúncio de que "o jubileu havia chegado". É exatamente o que nosso Senhor fez em Lucas 4:19, quando disse que veio proclamar o "ano aceitável do Senhor" ou "o ano do favor do Senhor". Ele estava colocando a trombeta do Evangelho em seus lábios e dizendo: "O jubileu veio, o grande dia do sábado do Senhor amanheceu".

“Porque nós, os que temos crido, entramos no repouso, tal como disse: Assim jurei na minha ira Que não entrarão no meu repouso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo”.

(Hebreus 4:3)

É por fé em Jesus que entramos no descanso. Jesus Cristo é nosso sábado. Ele cumpriu o tipo da Antiga Aliança. Nós, como crentes, descansamos totalmente e completamente nele. Recuperamos em Cristo muito mais do que perdemos no Éden. Toda dívida que devemos é paga, e nós recebemos totalmente de graça. Vivemos no ano de Jubileu. Nós entramos no verdadeiro descanso do sábado em Cristo.

2

Festa da Páscoa (Levítico 23:4-5)

A maioria dos cristãos não conhece completamente estas sete festas e seus significados. Meu objetivo e oração é que, no final desta série, todos vocês terão uma boa compreensão dessas festas e seu significado profético. Como Brasileiros, quando pensamos em férias, pensamos em um tempo longe do trabalho quando podemos fazer o que gostamos. Observamos alguns feriados; Celebramos o Natal, o Ano Novo, Aniversários e etc. Mas os feriados da Antiga Aliança com Israel foram prescritos por Deus. Havia sete deles. Esses sete feriados são discutidos em toda a Bíblia, tanto no Velho quanto no Novo Testamento. Mas somente em Levítico 23 são todos os sete feriados listados em ordem cronológica. Esses sete feriados são chamados, as Festas do Senhor.

Estas sete festas anuais são:

1. Páscoa
2. Pão ázimo
3. Primeiros Frutos

4. Pentecoste

5. Trombetas

6. Dia de expiação

7. Festa dos Tabernáculos

Encontramos os sete desses em ordem cronológica em Levítico 23:

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: As solenidades do Senhor, que convocareis, serão santas convocações; estas são as minhas solenidades... Estas são as solenidades do Senhor, as santas convocações, que convocareis ao seu tempo determinado”.

(Levítico 23:2, 4)

A palavra "solenidades" ou "festas" significa: "horários designados". A palavra "santa convocação" significa: "ensaio". Em outras palavras, as festas do Senhor foram nomeadas como tempos de culto para Israel que serviriam de "ensaios" no calendário profético de Deus. Coisas que acontecem a Israel nas coisas naturais são paralelas as que acontecem espiritualmente na igreja. Essas festas não são apenas parte da herança de Israel, há algo muito mais profundo aqui.

Javé diz aos israelitas: "Proclamarás ..." - isto é do hebraico, qara, significa: "chamar a quem é convidado". Enquanto Israel ensaiava essas sete festas ano após ano, eles eram gratos para aqueles que eram convidados. Um versículo do Novo Testamento que realmente traz isso é:

“Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho;

E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, e estes não quiseram vir”.

(Mateus 22:1-3)

Através das festas, o Senhor estava chamando a Israel, chamando-os a confiar no seu Messias. Fundamentalmente, essas sete festas representam e tipificam a sequência, o tempo e o significado dos principais eventos da obra redentora do Senhor. Elas começam no Calvário, onde Jesus voluntariamente se entregou pelos pecados do mundo (Páscoa) e clímax na consumação do Reino messiânico na destruição do templo no ano 70 d.C. Essas sete festas retratam toda a obra redentora do Messias.

O estudo das Festas é um estudo em tipologia. A tipologia é um método de interpretação bíblica em que um elemento encontrado no Tanakh, as Escrituras hebraicas, é visto para prefigurar algo no Novo Testamento. O inicial é chamado de tipo e a realização é designada como o antítipo.

Wick Broomall tem uma declaração concisa que é útil:

"Um tipo é um elenco de sombra nas páginas da história do Antigo Testamento por uma verdade cuja encarnação total ou antítipo é encontrada na revelação do Novo Testamento".

(Baker's Dictionary of Theology , p. 533)

Nós temos um tipo e um antítipo. O tipo é a imagem, o antítipo é a realidade. Um tipo é um acontecimento real e exaltado na história, que foi divinamente ordenado pelo Deus onisciente como uma imagem profética das coisas boas que Ele propôs realizar em Cristo. Paulo nos diz que Adão era um tipo:

"No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir".

(Romanos 5:14)

Quem é o antítipo de Adão? É Cristo, que Paulo chama o "último Adão" em 1ª Coríntios 15:45. Paulo nos diz que as festas eram tipos:

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”.
(Colossenses 2:16,17)

A palavra grega usada de "festival" aqui é *heorte*, que é a palavra normal usada para se referir às "Festas do Senhor". Colossenses 2:17 indica que as festas são sombras para nos ensinar sobre o Messias. Quando estudamos as festas do Senhor, estamos na realidade estudando o Messias. Cada festa é uma imagem profética do Messias:

“Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade”.

(Isaías 46:10)

O número "sete" é o número bíblico de conclusão. Depois de criar o mundo, Deus descansou no sétimo dia. Ele não descansou como consequência de uma onipotência cansada, ele não se cansa. Em vez disso, Deus descansou no sentido de conclusão e satisfação. O que Deus criou foi bom e satisfatório. Nada mais era necessário. No sétimo dia da semana, os filhos de Israel deveriam observar um descanso do sábado, modelado segundo a criação de Deus. Eles deveriam descansar de seus trabalhos.

Sete setes de anos estavam a ser contados (49 anos), e então o próximo ano (50º) era para ser o ano do Jubileu em que todos os débitos foram perdoados e os escravos libertos (Lv. 25:9-12). Setenta semanas de anos foram determinados sobre o povo judeu durante o qual Deus traria à perfeição e completou seus propósitos redentores (Dan 9:24-27). O livro do Apocalipse registra a consumação da era judaica. Ele usa o número sete mais de 50 vezes.

Comentando estas festas, um comentarista escreve:

"Quatro dos sete feriados ocorrem na primavera do ano. O cumprimento dessas festas é um "negócio feito". Em outras palavras,

eles representam eventos na vida do Messias que já ocorreram, sua morte, enterro, ressurreição e ascensão. As últimas três festas ocorrem no fim dos tempos e representam eventos futuros e ainda não cumpridas na profecia bíblica".

Cada Festa é um anúncio sobre os últimos dias de Israel. Quando você entende as Festas, você começará a ver a linha do tempo profético de Deus se desdobrando, e você crescerá mais profundamente em seu conhecimento do Messias. Nossos esforços para estudar as festas não devem apenas nos deixar com conhecimento acadêmico; em vez disso, devem nos deixar admirados, que Deus seja sempre louvado!

Observe também em Colossenses que as festas são uma sombra de coisas por vir. "coisas por vir" é da palavra grega *mello*. O verbo grego "mello" no infinitivo significa: "estar prestes a" (ver Thayer, Arndt & Gingrich, Concordância Grega do Novo Inglês).

Então, no momento da escrita de Paulo de Colossenses, as Festas, todas as festas, estavam prestes a se tornar sombras. As realidades estavam "prestes a" vir. A maioria dos crentes e a maioria dos professores da Bíblia vê as quatro primeiras festas como cumpridas na Primeira Vinda de Cristo. Mas eles ainda estão procurando o cumprimento das Festas de outono em nosso futuro. Mas, como eu disse, no dia de Paulo todas as festas estavam prestes a se tornar sombras:

“Porque tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam”.

(Hebreus 10:1)

A lei era uma sombra. A vinda de Cristo teve sua sombra no Tanakh. O propósito da Lei de Moisés é dar-nos um prenúncio, um conceito formado, da pessoa e da obra de Cristo. Os velhos sacrifícios eram uma sombra, nunca substância. As sombras não são suficientes. Você não pode viver na sombra de uma casa; você precisa de uma casa. Note

novamente que as "coisas boas", as realidades a que as sombras apontaram, estavam "prestas a" vir.

Thomas Hartwell Horne explica em *Uma Introdução ao Estudo Crítico e ao Conhecimento das Sagradas Escrituras*, um texto que era leitura padrão para estudantes de divindade britânica:

"Um tipo, em seu significado primário e literal, simplesmente denota um rascunho, ou modelo menos preciso, a partir do qual é feita uma imagem mais perfeita, mas no sentido sagrado ou teológico do termo, um tipo pode ser definido como um símbolo de algo futuro e distante, ou um exemplo preparado e evidentemente projetado por Deus para prefigurar essa coisa futura. O que é assim prefigurado é chamado de antítipo".

Como preterista, creio que as sete festas anuais ou os dias sagrados do Antigo Testamento dadas a Israel, que ocorrem nos primeiros sete meses de seu ano agrícola, foram cumpridas tanto profeticamente quanto espiritualmente no período desde a cruz até a queda de Jerusalém, que equipara com o fim da era judaica e a consumação do reino de Deus no ano 70 d.C.

Essas festas devem ser vistas em sua ordem estratégica. O judaísmo hoje trata as trombetas como o Ano Novo e isso é errado, não é o Ano Novo. Ao fazer isso, eles nunca podem realmente entender a profecia. As festas devem ser vistas em sua ordem da Páscoa através dos Tabernáculos. A festa realmente transmite dois períodos de êxodo de quarenta anos. O primeiro período de Êxodo é familiar para todos nós. Israel, segundo a carne foi removida da escravidão, para o Egito na Páscoa, e foram colocados no deserto em uma jornada física para uma terra de promessa física. Agora, o mais importante é o êxodo espiritual com o qual não estamos tão familiarizados: esse êxodo ocorre da Cruz para o ano 70 d.C.

A Páscoa é o início do processo redentor. Vejamos o "Monte da Transfiguração" em Lucas:

“E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e mui resplandecente.

E eis que estavam falando com ele dois homens, que eram Moisés e Elias,

Os quais apareceram com glória, e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém”.

(Lucas 9:29-31)

Moisés e Elias aparecem em glória, e falam da morte de Jesus. A palavra "partida" é a palavra grega êxodos. Esta mesma palavra é usada em Hebreus 11:22 e traduziu: "Êxodo". Havia um êxodo que deveria começar na cruz e começar outra jornada de quarenta anos. Neste êxodo, Israel, após o Espírito, deixou sua escravidão à Lei do Pecado e da Morte (Rm 8:2) e começa uma jornada espiritual de quarenta anos para uma herança espiritual, o Reino de Deus, a era vindoura ou os Novos Céus e a Nova Terra.

Como já vimos, no Novo Testamento aprendemos que as festas de Israel eram imagens de uma realidade espiritual, eram proféticas, falando de coisas vindouras:

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”.

(Colossenses 2:16-17)

Paulo aqui chama os festivais de sombra de coisas por vir. Hebreus 8:5 diz basicamente o mesmo:

“Os quais servem de exemplo e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou”.

(Hebreus 8:5)

“Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos”.

(1ª Coríntios 10:11)

Os "lhes" neste verso se refere ao Israel físico do antigo Testamento. O "nosso" refere-se ao Israel espiritual do Novo Testamento. O fim dos tempos veio sobre os santos do primeiro século. Todo o sistema levítico era uma sombra de Cristo, ilustrando a Sua pessoa e o trabalho que estava por vir. O próprio Jesus testemunhou o fato de que o Antigo Testamento apontou para Ele em João 5:39-40:

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam; E não quereis vir a mim para terdes vida”.

As quatro primeiras Festas são também conhecidas como “as primeiras chuvas” ou “chuvas temporãs” (primavera) e as três Festas seguintes são conhecidas como “as últimas chuvas” ou “chuva serôdia” (outono), dessa forma, esses dois períodos de chuvas estão relacionados a Primeira e a Vinda de Cristo em julgamento no ano 70 d.C. (leia Oséias 6.3, Joel 2.23, Deuteronômio 11.10-17 e Tiago 5.7-8).

Essas festas são agrupadas de acordo com a estação chuvosa em Israel. A Páscoa, a Festa dos Pães ázimos, Primeiros frutos e Pentecostes passam por um período conhecido como as primeiras chuvas. As primeiras chuvas produz o início da colheita, ela vem na Primavera. Então você tem uma estação seca de quatro meses ou 120 dias, que eu acredito ser a construção da igreja entre Pentecostes e 70 d.C. O que também é uma analogia com o arca de Noé. Isso também foi o fim de uma era. Então nós temos as últimas chuvas que ocorre durante o fim do tempo, são essas à Festa de Trombetas, Dia de Expição e Tabernáculos. Espero que vejamos que essas festas representam a queda de Jerusalém, o fim da Antiga Aliança Israel e o estabelecimento dos Novos Céus e da Terra, onde o tabernáculo de Deus está com os homens.

As safras que foram reunidas no início da época da colheita foram chamadas primícias (Êxodo 23:16). Há os primeiros frutos da cebola, que representa Jesus Cristo, e cinquenta dias depois no Pentecostes há os primeiros frutos da colheita de trigo, que é a igreja. Você deve começar suas primícias em linha reta. Existem dois conjuntos diferentes de primícias. As safras reunidas no final da época da colheita eram conhecidas como frutas do verão:

“E disse: Que vê, Amós? E eu disse: Um cesto de frutos do verão. Então o Senhor me disse: Chegou o fim sobre o meu povo Israel; nunca mais passarei por ele”.

(Amós 8:2)

Isso tem implicações negativas para o Israel físico.

Vejamos essas sete festas e veja o que podemos aprender com elas.

1. Páscoa

“No mês primeiro, aos catorze do mês, pela tarde, é a páscoa do Senhor”.

(Levítico 23:5)

A Páscoa é a festa fundacional. As outras seis festas que se seguem são construídas sobre essa. Páscoa ocorre na primavera do ano, no 14º dia do mês hebraico, Nisan (Março/Abril). Da mesma forma que muitas faculdades têm anos acadêmicos e as empresas têm anos fiscais, a Páscoa começa o ano RELIGIOSO para Israel.

Enquanto o povo judeu celebrou a Páscoa anualmente desde o tempo de Moisés, na realidade, havia apenas uma Páscoa. Ocorreu há quase 3.500 anos no Egito. Naquela época, que um cordeiro foi sacrificado e o sangue foi aplicado em cada porta da porta. Quando isso foi feito na fé e na obediência ao comando de Deus, aquela casa foi "passada", e a vida do primogênito foi poupada. Todas as observações subsequentes ao longo dos séculos foram memoriais

dessa única Páscoa. Da mesma forma, houve apenas uma ocasião em que a carne de Jesus foi perfurada e o sangue dele derramado na cruz do Calvário para a remissão do pecado. A Ceia do Senhor é um memorial contínuo dessa ocasião importante.

A história do Êxodo é um dos relatos mais dramáticos e de tirar o fôlego de toda a Escritura. Os hebreus foram escravizados no Egito. O faraó era um chefe difícil. O lote dos hebreus pareceu sem esperança. Foi naquela hora da história que Deus falou a Moisés de dentro de uma sarça ardente. O mato foi queimado e não consumido. Moisés se virou para ver essa visão incomum. Do meio daquela sarça ardente, Deus falaria ao seu servo e declararia que Moisés levaria os filhos de Israel da escravidão egípcia.

Deus disse a Moisés que Ele viu a aflição de Seu povo no Egito, que Ele havia ouvido seu pedido de ajuda, e que Ele conhecia suas dores. E agora, ele estava trazendo um libertador para tirá-los da escravidão egípcia e trazê-los para uma Terra Prometida. Cerca de 2.000 anos atrás, Jesus veio à terra para tirar o homem da escravidão e, com uma mão poderosa, nos tirou da compreensão de Satanás para Terra Prometida. (Atos 26:18; Colossenses 1:13)

Deus enviou Moisés para tirar a nação da escravidão. Naquele momento, os hebreus eram um grupo heterogêneo de escravos desorganizados e sem instrução. Eles não sabiam nada sobre a nação, mas isso se repetiria no Monte Sinai. Eles não era mais do que um grupo de escravos que, ao longo dos anos, esqueceram seu Deus.

Apesar de sua infidelidade, Deus fez uma promessa a Abraão. Ele era o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ele havia dito a eles que sua semente seria como a areia do mar e como as estrelas do céu. Esta foi uma promessa solene. Deus é um Deus que guarda a aliança. O que a boca dele fala, o braço direito dele executa. Apesar da aparência externa, eles ainda eram Seu povo. Ele estava ciente de sua aflição, e pelo seu julgamento, era hora de eles "fazerem suas malas" e se dirigirem para casa. Depois de 430 anos de escravidão, Deus realizou a Sua palavra e cumpriu a promessa.

Quando Moisés foi ao Egito, ele não foi recebido de braços abertos por um bom Faraó. Faraó endureceu seu coração e recusou-se a deixar

o povo de Deus ir. E então, a praga após praga foi desencadeada com uma exatidão mortal contra a terra idólatra do Egito. Com cada praga, Deus endureceu ainda mais o coração de Faraó. Cada uma das pragas foi dirigida contra uma deidade egípcia, até que, finalmente, o primogênito de cada casa no Egito percesse onde um cordeiro não fosse morto e o sangue não fosse aplicado. A praga chegou mesmo ao palácio do próprio Faraó. Como o faraó do Egito foi adorado como um deus, o filho de Deus morreria. Finalmente, em desespero, o faraó consentiu em deixar ir os filhos de Israel. Sob Moisés, servo do Senhor, estima-se que mais de um milhão de escravos, com todas as suas posses, passaram pela Esfinge do Egito para o deserto. Que cena! Um milhão de escravos emancipados marcham para o deserto. Ao contrário da maioria das cidades antigas, não havia uma grande muralha em torno da nação do Egito. Nenhuma era necessário. O deserto inóspito proporcionou a melhor proteção. E aqui estavam os hebreus, caminhando diretamente para ele, homens, mulheres, crianças e gado. Água, comida, vestuário e abrigo; de onde essas necessidades viriam? Você sabe a resposta. O Senhor Deus. Como Davi "Deus pode fornecer uma mesa na região selvagem?" A resposta é sim!

Eles sabiam muito pouco de onde eles estavam indo, ou como eles iriam lá. No entanto, Moisés conhecia aquele que os liderava. Eles atravessariam o Mar Vermelho, andariam pelo deserto por quarenta anos e, finalmente, sob Josué, entram na Terra Prometida.

Você lembrará que a primeira Páscoa foi observada quando Israel estava prestes a ser libertado da escravidão no Egito. Deus falou através de Moisés, exigindo que Faraó liberasse Seu povo, mas, apesar de uma série de pragas devastadoras, Faraó se recusou a fazê-lo. E agora, em preparação para a praga final e mais terrível, a morte de todos os primogênitos, Deus dá a Moisés instruções específicas sobre como os israelitas devem ser salvos. Se você se virar comigo para o Êxodo 12, observaremos a primeira Páscoa:

“E falou o Senhor a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo: Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano”.

(Êxodo 12:1,2)

Nos primeiros versículos deste capítulo vemos o significado desta festa em que Yahweh muda o calendário com a sua introdução. O mês em que Deus se referia foi o mês de Nisan. Antes de Deus estabelecer o mês de Nisan como o primeiro mês no calendário religioso, era o sétimo mês no calendário civil. No meio do ano, Deus lhes dá um novo começo. A relevância, é claro, tem a ver com Redenção.

Das muitas palavras que melhor descreveriam o que aconteceu no Egito há 3500 anos, nenhuma poderia ser melhor que REDENÇÃO. Os acontecimentos eram reais, os milagres genuínos todos operados pelo Deus dos hebreus, que era maior do que todos os deuses do Egito. Um grupo de escravos foi redimido, para que pudessem adorar o Deus verdadeiro e vivo. Mas tal redenção não era sem custo. O sangue deveria ser derramado para garantir sua redenção. O sangue de um cordeiro. Um Cordeiro da Páscoa. Todos esses cordeiros sacrificados no Egito (um por família) apontaram para o único verdadeiro Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29). Escrevendo aos coríntios, o apóstolo Paulo desenha o paralelo de todos os tempos quando diz: "Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (1ª Coríntios 5:7).

Quando Jesus aparece pela primeira vez publicamente, João Batista apresenta-o como o "Cordeiro de Deus". Estas coisas aconteceram em Betabara, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando. “No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:28-29). Aqui João se refere ao Cordeiro da Páscoa. Todos os israelitas entenderam isso. A primeira introdução de Jesus por João destaca Seu destino como o Cordeiro de Deus que deve morrer pelos nossos pecados. O Cordeiro da Páscoa anunciou o último Cordeiro da Páscoa de Deus, Jesus, o Cristo a quem Deus enviaria um dia a este mundo para ser sacrificado para que Seu sangue pudesse ser usado para remover o pecado de Seus eleitos. Todos os que colocaram a fé nEle serão salvos, não da escravidão do Egito, mas da escravidão do pecado e da culpa e entregues ao Reino de Deus - um Reino de vida, alegria, paz e amor.

O profeta, Isaías, poderia falar do Salvador de Israel como um cordeiro:

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca”.

(Isaías 53:6,7)

Isaías 53 retrata a morte substantiva de Jesus, o Cordeiro de Deus:

“O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras”.

(Êxodo 12:5)

Deus diz aos israelitas que este cordeiro deve ser puro. No Novo Testamento vemos que Cristo era o cordeiro sem defeito:

“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais,

Mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado...”.

(1ª Pedro 1:18,19)

Pedro deixa bem claro que Cristo é um Cordeiro imaculado. Paulo também menciona a falta de pecado de Cristo em 2ª Coríntios 5:21: "Aquele que não conheceu pecado..."

Existem vários pontos de interesse em nosso próximo verso:

“E o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde”.

(Êxodo 12:6)

O Senhor ordenou a Israel tomar um cordeiro no décimo dia de Nisan e deixá-lo de lado até o décimo quarto dia. Estes quatro dias foram cumpridos por Jesus durante a semana da Páscoa. Jesus entrou em Jerusalém e foi ao Templo, que era a casa de Deus, e foi exibido por quatro dias, de 10 Nisan a 14 Nisan. Durante esse tempo, Jesus foi examinado por muitos no cumprimento desta Escritura, incluindo: o chefe sacerdotes e anciãos (Mateus 21:23); Pilatos (Mateus 27: 1-2,11-14,17-26); Herodes (Lucas 23: 6-12); Anás, o sumo sacerdote (Lucas 3:2; João 18:13,24).

Então Pilatos saiu outra vez fora, e disse-lhes:

“Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum”.

(João 19:4)

Observe o que o meio de Êxodo 12:6 diz: "e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde". Esta é uma estranha construção gramatical, porque, como vimos no versículo 3, havia um cordeiro para cada família. Mas do jeito que se lê neste verso, é como se houvesse um cordeiro. Nisto, vemos a responsabilidade de todo o Israel, de fato, de todas as pessoas, na crucificação de Cristo. Foi um pecado de TODOS que o crucificaram. Marcos nos diz:

“E era a hora terceira, e o crucificaram”.

(Marcos 15:25)

São as nove horas da manhã, foi o momento do sacrifício matinal. No mesmo momento em que eles estão sacrificando o cordeiro da páscoa no monte do templo, eles estão sacrificando Jesus na cruz. Ao mesmo tempo eles estão cantando o Hallel, que é Salmos 113-118:

“Deus é o Senhor que nos mostrou a luz; atai a vítima da festa com cordas, até às pontas do altar”.

(Salmos 118:27)

Nosso texto diz que o cordeiro deve ser morto "no crepúsculo" - o hebraico literal se lê: "entre as duas noites". O cordeiro deveria ser morto "entre as noites". O dia bíblico vai da noite à noite, do pôr-do-sol ao pôr-do-sol, que é aproximadamente das 18:00 às 18:00 (Gênesis 1:5,8,13,19,23,31). O dia (das 18:00 às 18:00) é dividido em dois períodos de 12 horas. A noite é de 6:00 da manhã a 6:00 da manhã. A manhã corre das 6:00 às 18:00. Cada período de 12 horas é dividido em duas porções menores. De 6:00 da manhã a meio dia é a parte da manhã do dia. Do meio dia às 6:00 da tarde é a parte noturna do dia. A frase "entre a noite" (do Êxodo 12:6), refere-se ao período do dia que vai de meio-dia à 6:00 da tarde, que é exatamente 3:00 da noite. Esta seria a nona hora do dia, contando desde as 6:00 da manhã

Jesus morreu na hora nona do dia. Isso seria exatamente 3:00 da tarde:

“E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

(Mateus 27:46)

Na noite de 14 de Nisan , às 3:00 da tarde, o cordeiro da Páscoa deveria ser morto. E Jesus, nosso Cordeiro, foi morto no mesmo dia, no mesmo tempo que o cordeiro pascal: o 14 ° de Nisan às 3:00 p.m. Isso não é coincidência! O cordeiro era do tipo e Jesus é o antítipo.

A nona hora também era uma hora de oração, e neste momento eles cantavam o Hallel:

“O Senhor é a minha força e o meu cântico; e se fez a minha salvação”.

(Salmos 118:14)

A palavra Salvação é "Yeshua". Ele é o cordeiro final morto pelos pecados do mundo. Milhares de cordeiros seriam sacrificados na Páscoa, começando por volta das 9:00 da manhã. O shofar pareceu

anunciar às áreas circundantes que o último cordeiro de cerca de 250.000 (mais de 40.000 por hora) foi abatido. Isso seria cerca de 3:00 da tarde. O sumo sacerdote que havia inspecionado cuidadosamente o cordeiro, satisfeito de que era sem defeito, diria: "Não encontro culpa nele" (João 18:38, 19:4, 6). A principal oferta de cordeiro no monte do templo durante a Páscoa foi feita pelo sumo sacerdote depois que

todos os outros foram feitos, cerca de 3:00 da tarde. Depois que o sumo sacerdote ofereceu o último cordeiro, ele diria "Tenho sede". Ele então molhava seus lábios com água e proclamava que "está terminado", o que significa o abate de todos os cordeiros para a Páscoa. Era exatamente 3:00 da tarde, quando Jesus, nosso Sumo Sacerdote, entregou Seu Espírito e disse Suas últimas palavras; "Está terminado."

Êxodo 12:6 nos diz que deveriam "matar o cordeiro". Isto foi profético da morte de Cristo. Israel matou o cordeiro na Páscoa, começando o primeiro êxodo; e Israel matou o Cordeiro de Deus, Jesus, começando o segundo êxodo:

“Mas aqueles lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e a herança será nossa.

E, pegando dele, o mataram, e o lançaram fora da vinha”.

(Marcos 12:7,8)

Uma observância a respeito do cordeiro que deveria ser abatido era que nenhum osso do cordeiro deveria ser quebrado:

“Numa casa se comerá; não levarás daquela carne fora da casa, nem dela quebrareis osso”.

(Êxodo 12:4,6)

João lembrou-se desse fato durante seus escritos sobre Jesus. Em referência aos soldados que supervisionavam a crucificação, João disse:

“Foram, pois, os soldados, e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro que como ele fora crucificado;

Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas.

Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.

E aquele que o viu testemunhou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais.

Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado”.

(João 19:32-36)

João também nos diz que havia uma placa colocada na cruz:

“E Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.

E muitos dos judeus leram este título; porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, grego e latim”.

(João 19:19,20)

Em uma placa diretamente acima da cabeça de Jesus na cruz, Pilatos tinha quatro palavras inscritas. Ele leu (da direita para a esquerda): "Yeshua HaNazarei v Melech HaYehudim" (Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus). Se você tomar a primeira letra (consoante) de cada palavra e usá-la como um acrônimo, se lê corretamente "YHVH". É por isso que os fariseus ficaram tão chateados e disse a Pilatos que mudasse a escrita porque o sinal reconhecia Jesus como Yahweh.

Embora a Páscoa esteja cheia de significado, sua principal ênfase é Redenção. A verdade do Novo Testamento que "Cristo morreu por nossos pecados" está bem demonstrada na Páscoa. De acordo com Êxodo 12:7, o sangue do cordeiro deveria ser colocado nas duas colunas laterais e acima da porta. Por quê? Por que eles mataram esse cordeiro e colocaram seu sangue na porta? Deus responde esta pergunta nos próximos dois versículos:

“E eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo o primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e em todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o Senhor.

E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando eu ferir a terra do Egito”.

(Êxodo 12:12,13)

A primeira coisa que eu gostaria que você percebesse é que o cordeiro era um substituto. Se você fosse israelita, e você queria que sua casa escapasse da morte quando o anjo do Senhor passasse, você teria que matar uma criatura inocente. Você tinha que mostrar que o fizera manchando seu sangue na entrada da sua casa. Se você fizesse isso, então o Senhor aceitaria a vida do animal em lugar da vida de seu filho primogênito. Da mesma forma, Cristo deu a Sua vida como nosso substituto.

Essa ideia de substituição de Cristo sendo condenado, sofrendo e morrendo em nosso lugar, é fundamental para a fé cristã. Porque, em contraste com todas as outras formas de religião, defendemos um Evangelho da Graça; um evangelho de Deus, não merecido, imerecido favor. Somos perdoados, mas não porque nossos chamados "bons" feitos superam os nossos maus. Temos a vida eterna, mas não porque fazemos o nosso melhor para viver com um código moral. Pelo contrário, sabemos que nossas boas obras são insuficientes; que constantemente não conseguimos encontrar o perfeito padrão de santidade de Deus; e que merecemos, não aceitação e aprovação de Yahweh, mas sim rejeição e condenação. Não, nossa esperança não se baseia em nada que fizemos, ou poderia fazer, mas inteiramente no fato de que Jesus, o Cristo, o Cordeiro sem pecado de Deus, deu a Sua vida em troca da nossa; que por Seu sangue, ele pagou a penalidade pelo pecado em nosso favor. Como Paulo diz:

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro...”.

(Gálatas 3:13)

Por causa do nosso pecado, devemos uma dívida que não podíamos pagar. Mas louve o Senhor! Cristo pagou uma dívida que não devia, indo à cruz e aguentando a ira de Deus em nosso lugar. Ele era, e é, nosso Cordeiro da Páscoa. Isso é o Evangelho, Cristo morreu por nós:

“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”.

(Romanos 5:8)

Voltemos ao Êxodo 12 e a história da primeira Páscoa:

“E aconteceu, à meia-noite, que o Senhor feriu a todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se sentava em seu trono, até ao primogênito do cativo que estava no cárcere, e todos os primogênitos dos animais.

E Faraó levantou-se de noite, ele e todos os seus servos, e todos os egípcios; e havia grande clamor no Egito, porque não havia casa em que não houvesse um morto”.

(Êxodo 12:29,30)

Não há absolutamente nenhum sensacionalismo aqui, mas apenas o relato mais superficial do cumprimento da Palavra do Senhor, falado através de Moisés. À meia-noite, o primogênito dos egípcios foi morto, desde o rei do Egito até o gado, desde o primogênito do faraó até o prisioneiro. Os lábios e os gemidos daquela noite não eram como se alguma coisa já tivesse ouvido na terra antes. Ao mesmo tempo, nenhum dos primogênitos de Israel, seja homem ou animal, foi ferido. As promessas de Deus são fiéis. Não há necessidade de elaborar ainda mais.

Gostaria de salientar que, para escapar do julgamento, para receber os benefícios salvadores da morte do cordeiro, os israelitas tiveram que exercer fé. Eles tiveram que depositar sua confiança na Palavra de Deus, quando veio a eles através de Moisés. E eles tiveram que demonstrar essa fé fazendo o que Deus ordenou que fizessem. Se você fosse um israelita, e você ouviu o que Deus ordenou através de Moisés,

mas decidiu ignorá-lo, seu primogênito morreria, assim como os dos egípcios. Suas boas obras não o salvariam. Sua identidade como judeu, um descendente de Abraão, não o salvaria. Somente uma fé pessoal em Deus, confiar no sangue do Cordeiro o salvaria.

O significado típico da Páscoa é muito claro nos escritos do Novo Testamento. Provavelmente nenhuma instituição mosaica é um tipo mais perfeito do que isso. A primeira Páscoa foi celebrada nos 14 de Nisan. E quase dois mil anos mais tarde Jesus de Nazaré foi crucificado em 14 de Nisan. Enquanto Israel estava comemorando a Páscoa, Jesus, o verdadeiro Cordeiro de Deus, estava sendo crucificado. Ele era o Cordeiro de Deus que o antigo cordeiro da Páscoa tipificava. Ele morreu para nos salvar dos julgamentos de Deus, assim como esse cordeiro morreu em vez do primogênito. Como aqueles primeiros primogênitos redimidos pelo sangue desse cordeiro, portanto, pertenciam peculiarmente a Deus, então nós, que somos redimidos através de Cristo, pertencemos a Deus em um sentido especial. Nós somos salvos por Sua morte, não apenas por Sua vida. Um cordeiro vivo amarrado à porta de uma dessas casas hebraicas em Goshen não teria sido suficiente para proteger o primogênito da ira. Ele deveria ser morto. Aqueles que negam a morte vicária de Cristo, desconsideram a lição da Páscoa. Nem deve ser ignorada a verdade igualmente importante que o sangue deve ser aplicado, bem como o galpão. O sangue deveria ser aplicado aos portões e linteis. O sangue assim aplicado era o meio da salvação então. Então, o simples fato de que Cristo morreu por pecadores não os salvou. O sangue deve ser aplicado individualmente para a salvação da culpa e penalidade do pecado.

Ao olhar para a Páscoa e ver o seu cumprimento na Cruz de Cristo, renovamos nossa confiança nas Escrituras; essas coisas estão além da coincidência. Os primogênitos de Israel não foram poupados porque eram mais dignos ou mais justos do que os egípcios. Como os egípcios, os israelitas eram pecadores, totalmente merecedores da ira divina. Se Israel tivesse sido digno, não haveria necessidade do sacrifício do cordeiro da Páscoa com o sangue aplicado ao quadro da porta. O primogênito de Israel foi poupado devido à graça de Deus sozinho. A

provisão de Deus de um meio de fuga baseou-se em Sua graça, não nos méritos de Israel.

Não há um exemplo mais claro de salvação pela graça no Tanakh do que a Páscoa, que acabamos de estudar. Toda pessoa no Egito, seja israelita ou egípcia, era digna do julgamento divino de Deus. A razão pela qual os homens acham o julgamento de Deus no golpe do primogênito tão difícil de justificar é que eles não compreendem a seriedade de seu próprio pecado.

Crentes, devemos entender isso porque Cristo é nosso Cordeiro da Páscoa, nós somos a possessão de Deus. Os primogênitos de Israel tiveram que ser redimidos, e assim eles pertenciam a Deus. Embora apenas alguns dos israelitas que estavam no Egito tenham sido primogênitos e, portanto, precisam ser redimidos, todos nós que confiamos em Cristo pertencemos a Ele.

Porque os cristãos foram redimidos pelo Cordeiro de Deus, eles não pertencem a si mesmos, e devem, portanto, viver suas vidas como um sacrifício vivo para o Senhor. Quando chegamos à fé em Cristo, deixamos de nos possuir, e nos tornamos a possessão de Cristo. Não devemos viver nossas vidas de forma independente, de forma autônoma como cristãos, mas devemos vivê-los como aqueles que foram comprados com preço e como aqueles que pertencem a Deus.

O já e o ainda não da redenção

No tempo de Cristo, Israel, segundo a carne, ainda estava em escravidão. Observe o que Pedro diz sobre a Lei:

“Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também”.

(Atos 15:10-11)

Observe como Deus usa linguagem gráfica para descrever a Antiga Aliança Israel:

“E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado”.

(Apocalipse 11:8)

Aqui vemos a Antiga Jerusalém chamada espiritualmente Sodoma e Egito, porque a Antiga Aliança Israel se tornou um sistema de escravidão para o povo. A cruz é o início da libertação da escravidão do sistema da lei vã e inútil, ou o que se chama os elementos fracos e imensos do judaísmo (Gálatas 4:3 e 9).

Uma boa declaração sobre o que a Páscoa significa para a comunidade da Nova Aliança é:

“Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus...”.

(Romanos 3:24-25)

“Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós”.

(Lucas 22:20)

Podemos ver especificamente o que se entende aqui se olharmos para Hebreus 8:

“Porque esta é a aliança que depois daqueles dias farei com a casa de Israel, diz o Senhor; Porei as minhas leis no seu entendimento, E em seu coração as escreverei; E eu lhes serei por Deus, E eles me serão por povo; E não ensinará cada um a seu próximo, Nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor; Porque todos me conhecerão, Desde o menor deles até ao maior. Porque serei

misericordioso para com suas iniquidades, E de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais.

Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar”.

(Hebreus 8:10-13)

Uma das características desta Nova Aliança é encontrada no versículo 12: "Eu não me lembrarei mais dos seus pecados". Agora, lembre-se de que a Antiga Aliança não é totalmente *terminada* na cruz, porque a carta aos Hebreus foi escrita aproximadamente 62-64 dC, e em Hebreus 8:13, ele fala sobre a Antiga Aliança como ainda decadente e encerando pronto para desaparecer.

A Páscoa (MORTE substitutiva de Jesus) é o início do processo redentor e o início do processo da restauração/ressurreição de Israel.

3

Festa dos Pães ázimos

(Levítico 23:6-8)

A antiga Aliança de Israel teve sete festas prescritas por Deus. Essas sete festas são discutidos em toda a Bíblia, nos dois Testamentos. Mas somente em Levítico 23 é que as sete festas são listadas em ordem cronológica. Essas sete festas são chamados de "Festas do Senhor ". Estas sete festas anuais são:

1. Páscoa
2. Pão ázimo
3. Primeiros Frutos
4. Pentecostes

Estas são a Festas da Primavera e anunciam a Primeira Vinda do Senhor. Elas são um tipo de Sua morte e sua libertação (sepultamento), Sua ressurreição e Pentecostes.

5. Trombetas
6. Dia de expiação

7. Festa dos Tabernáculos

Estas são as Festas de outono e anunciam a parousia do Senhor. Relacionam-se ao resgate e restauração de Israel seguido da parousia de Cristo em 70 d.C.

Olhamos no estudo anterior a Festa da Páscoa: A Páscoa ocorre na primavera do ano, no 14 ° dia do mês hebraico de Nisan (Março/Abril). A Páscoa é um tipo ou imagem de algo muito maior - imagina a redenção dos eleitos de Deus através do sacrifício do Filho de Deus sem pecado, o Senhor Jesus. Na noite de 14 de Nisan, às 3:00 da tarde, o cordeiro da Páscoa deveria ser morto. E Jesus, nosso Cordeiro, foi morto no mesmo dia, no mesmo tempo que o cordeiro pascal: No dia de Nisan às 3:00 o cordeiro foi o tipo e Jesus é o Antítipo.

Todo o sistema levítico era um tipo de Cristo, ilustrando a Sua pessoa e o trabalho que estava por vir. O próprio Jesus testemunhou o fato de que o Tanakh apontou para ele em:

“Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam;

E não quereis vir a mim para terdes vida”.

(João 5:39,40)

O Tanakh, as Escrituras hebraicas, tudo aponta para a vinda do Cristo Redentor. Essas festas são agrupadas de acordo com a estação chuvosa em Israel. A Páscoa, a Festa dos Pães ázimos, as Primeiras Frutas e o Pentecostes passam por um período conhecido como “as primeiras chuvas” ou “chuvas temporãs” (primavera). As primeiras chuvas produz o início da colheita, ela vem na primavera. Então você tem uma estação seca de quatro meses ou 120 dias, que eu acredito que representa a construção da Igreja entre Pentecostes ao *ano* 70 d.C. Este período de quatro meses representa o êxodo de quarenta anos. Então nós temos “as últimas chuvas” ou “chuva serôdia” (outono) onde ocorrem as Festas das trombetas, dia de expiação e tabernáculos, dessa

forma, esses dois períodos de chuvas estão relacionados a Primeira vinda de Cristo e a Parousia em 70 d.C. (leia Oséias 6.3, Joel 2.23, Deuteronômio 11.10-17 e Tiago 5.7-8). Veremos que essas Festas são ensaios feitos por Israel, das várias partes do plano de Deus para a humanidade. Veremos que essas festas representam a queda de Jerusalém, o fim da Antiga Aliança Israel e o estabelecimento dos Novos Céus e da Terra, onde o tabernáculo de Deus está com os homens.

“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra”.

(Oséias 6:3)

O cultivo da terra que foram reunidas no início da época da colheita foram chamadas de "primícias" (Êxodo 23:16). São os primeiros frutos da colheita de cevada, que representa Jesus o Cristo, e cinquenta dias depois, no Pentecostes, há os primeiros frutos da colheita de trigo, que é a Igreja. Você precisa obter as suas primeiras frutas em linha reta; existem dois conjuntos diferentes de primícias. O cultivo da terra reunidas da colheita no final da época eram conhecidas como frutas do verão:

“O SENHOR DEUS assim me fez ver: E eis aqui um cesto de frutos do verão.

E disse: Que vês, Amós? E eu disse: Um cesto de frutos do verão. Então o Senhor me disse: Chegou o fim sobre o meu povo Israel; nunca mais passarei por ele.

Mas os cânticos do templo naquele dia serão gemidos, diz o Senhor DEUS; multiplicar-se-ão os cadáveres; em todos os lugares serão lançados fora em silêncio”.

(Amós 8:1-3)

A palavra hebraica para "fruta de verão" é qets (ky-its) o que significa: "fim". Foi a última safra na Palestina. Tem a ideia de completude. Essa visão de uma cesta de frutas do verão é simbólica do fim de Israel.

Essas Festas de outono retratam o fim do Israel físico no final do segundo êxodo de quarenta anos.

2. Festa dos Pães ázimos

“E aos quinze dias deste mês é a festa dos pães ázimos do Senhor; sete dias comereis pães ázimos.

No primeiro dia tereis santa convocação; nenhum trabalho servil fareis;

Mas sete dias oferecereis oferta queimada ao Senhor; ao sétimo dia haverá santa convocação; nenhum trabalho servil fareis”.

(Levítico 23:6-8)

Deus nomeou outra festa que deveria começar no dia seguinte após a Páscoa, no décimo quinto do mês hebreu, Nisan. É chamada de Festa dos Pães ázimos. Era para durar sete dias. Sete sendo o número de conclusão, a perfeição. Na primeira noite, e novamente no sétimo, haveria um sábado alto.

Depois que os cordeiros da Páscoa foram mortos e o sangue colocados os batentes da porta, Deus protegeu os israelitas em suas casas. Mas durante todo o Egito, ouviram-se altos lamentos naquela noite, quando milhares de egípcios primogênitos morreram. Finalmente, Faraó estava disposto a deixar seus escravos israelitas partir. Esse era o décimo quinto dia.

“E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando eu ferir a terra do Egito”.

(Êxodo 12:13)

A palavra "sinal" é da palavra hebraica oth (aveia), que significa "o sinal" ou "o selo". No hebraico antigo, como em chinês e egípcio antigo, os personagens são imagens que indicam o significado do personagem. Examinando as letras hebraicas da palavra oth, recebemos alef, o que significa: "líder", vav que significa "unha", e tav

significa: "cruzar". O sangue colocado no posto da porta na Páscoa significa "a unha do líder [ed] [para a] cruz".

As tribos de Israel se reuniram e começaram a sair do Egito na noite do dia 15 do primeiro mês (no calendário hebraico), era o início da Festa dos Pães ázimos.

A Bíblia dá apenas três instruções para a Festa dos Pães ázimos. Sacrifícios especiais deveriam ser oferecidos no Templo todos os dias da festa, de acordo com Levítico 23:8; Números 28:19-24. Os primeiros e sétimos dias da festa eram sábados com proibições sobre todo o trabalho (Êxodo 12:16; Levítico 23:7-8; Números 28:25; Deuteronômio 16:8).

Outro requisito era a proibição de QUALQUER fermento. Não menos de seis passagens diferentes enfatizam a proibição de fermento durante esta festa (Êxodo 12: 14-20; 13: 6-8, 23:15, 34:18; Levítico 23:6; Deuteronômio 16:3 e 8).

Não só é proibido o consumo de alimentos fermentados (como pão e pãezinhos) durante a festa, mas mesmo a presença de fermento dentro da casa é ilegal. O Senhor ordenou a Moisés:

“Sete dias comereis pães ázimos; ao primeiro dia tirareis o fermento das vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado, desde o primeiro até ao sétimo dia, aquela alma será cortada de Israel”.

(Êxodo 12:15)

A desobediência ao comando divino levou a pena de morte. Outro comando afirma:

“Sete dias se comerá pães ázimos, e o levedado não se verá contigo, nem ainda fermento será visto em todos os teus termos”.

(Êxodo 13:7)

A clareza do comando de Deus não permite espaço para debate. Qualquer fermento, não importa quão pequena seja a quantidade ou quão discreta seja sua presença, não é permitida durante a festa do Pão ázimo. Não basta simplesmente abster-se de comer fermento, ou de

fermento, ou mesmo de olhar fermento, armazenando-o em um lugar escondido. Todo o fermento deve ser purgado. A falta de fazê-lo trouxe a morte. Jesus celebrou a refeição da Páscoa antes que ele morresse? Para responder a esta pergunta, vejamos o que a Páscoa significa no Êxodo. Falando sobre o cordeiro da Páscoa, diz:

“E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos; com ervas amargas a comerão.

Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura.

E nada dele deixareis até amanhã; mas o que dele ficar até amanhã, queimareis no fogo.

Assim pois o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do Senhor”.

(Êxodo 12:8-11)

Qual foi a parte principal da refeição da Páscoa? Era o cordeiro. Quando o cordeiro foi morto? Nosso texto diz: "no crepúsculo" - o hebraico literal se lê: "entre as duas noites". A frase, "entre a noite" (de Êxodo 12:6), refere-se ao período do dia que vai do meio-dia às 06:00, que é exatamente 15:00 no 14 ° de Nisan. O cordeiro era um tipo e o Antítipo foi Jesus, o Cordeiro de Deus que foi morto no mesmo dia, no mesmo tempo que o cordeiro pascal: em 14 ° de Nisan às 3:00.

A exata mesma frase hebraica, "entre as noites", é usada em Êxodo 29:38, 39 para descrever o tempo em que o segundo sacrifício diário deveria ser oferecido. O primeiro dos holocaustos contínuos diários foi oferecido às 9 da manhã da manhã e a segunda oferta diária foi às 15h. Josefo, o historiador judeu, declarou que o sacrifício da noite estava na hora nona (às 3 da tarde) (Antiguidades, 14, 4, 3).

Assim, o cordeiro da Páscoa foi morto no final do décimo quarto dia de Nisan às 3 da tarde. Foi então preparado e assado durante as três horas, mas permaneceu do décimo quarto dia; o décimo quinto dia a partir das 18 horas. Era então o cordeiro da Páscoa que era na verdade a refeição que foi comida na noite do décimo quinto dia (Êxodo 12:8).

Isso também é chamado de primeiro dia da festa dos pães ázimos. Eles deveriam comer a refeição com pressa, com os equipamentos na mão e todas as roupas prontas para sair para uma viagem rapidamente (Êxodo 12:11).

Assim, nosso Senhor não poderia ter comido a refeição da Páscoa um dia cedo porque você não pode comer a refeição da Páscoa com o cordeiro ainda vivo e o cordeiro não foi morto até as últimas horas do dia da Páscoa. A última ceia não é a Páscoa. A última ceia estava nas primeiras horas da Páscoa.

Devemos ter em mente que a comunidade hebraica, tomando suas dicas de Gênesis 1, onde a Bíblia diz: "... a noite e a manhã foram o primeiro dia", observa seus dias como começando ao pôr-do-sol; normalmente às 6:00, mas formalmente ao pôr-do-sol. Eles não veem a meia-noite até a meia-noite como um dia, como nós; mas do pôr-do-sol ao pôr-do-sol. Assim, os 14 de Nisan começou no pôr do sol. Depois que o sol se estabeleceu, eles celebraram a Ceia do Senhor. Mas a refeição da Páscoa não foi comida até depois do pôr do sol sobre o décimo quinto dia.

“Ora, antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim”.

(João 13:1)

Este texto passa então nos detalhes da Ceia do Senhor. Então vemos que a Ceia do Senhor foi "...antes da Festa da Páscoa". É fácil estabelecer a partir do quarto Evangelho que o povo de Israel não comeu a refeição da Páscoa até algum tempo depois que Jesus participou da Última Ceia:

“Depois levaram Jesus da casa de Caifás para a audiência. E era pela manhã cedo. E não entraram na audiência, para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa”.

(João 18:28)

Isto é, obviamente, após a Última Ceia e os líderes judeus ainda não haviam comido a Páscoa. Durante a Última Ceia, o Senhor enviou Judas e o nosso texto diz:

“Porque, como Judas tinha a bolsa, pensavam alguns que Jesus lhe tinha dito: Compra o que nos é necessário para a festa; ou que desse alguma coisa aos pobres”.

(João 13:29)

Alguns dos discípulos pensaram que Jesus estava dizendo a Judas para comprar coisas para a Festa da Páscoa, que ainda era futuro para eles e para todo o Israel. Quando Judas aceitou o pão moído de Jesus na Última Ceia e saiu, simbolizava a remoção de todo o fermento da casa no dia da preparação durante a Semana da Páscoa.

E era a preparação da páscoa, e quase à hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso Rei”.

(João 19:14)

A partir desses textos, vemos que a Última Ceia, a traição de Judas e o julgamento e a crucificação de Jesus ocorreram antes de Israel comer a Páscoa. Todos ocorreram no dia quatorze, o dia da preparação, no dia em que os israelitas fizeram todos os preparativos para participar da Páscoa. Eles limparam o fermento, compraram ervas amargas, mataram o cordeiro no Templo (às 3 da tarde), tudo em preparação para a Festa dos Pães ázimos, que começaria três horas após a morte de Jesus no começo do décimo quinto dia.

Tudo bem, isso parece bastante claro, mas os outros evangelistas parecem dizer que a Última Ceia foi a refeição da Páscoa. Estes são encontrados em Mateus 26:17-21, Marcos 14:12-18 e Lucas 22:7-16. Os três registros começam por referir-se ao tempo da Última Ceia como "O primeiro dia da festa dos pães ázimos":

“E, no primeiro dia da festa dos pães ázimos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?

E ele disse: Ide à cidade, a um certo homem, e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a páscoa com os meus discípulos.

E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara, e prepararam a páscoa.

E, chegada à tarde, assentou-se à mesa com os doze.

E, comendo eles, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair”.

(Mateus 26:17-21)

Ok, você está completamente confuso? Estes textos parecem contrariar o registro de João que afirma claramente que a "Última Ceia" ocorreu antes da Festa dos Pães ázimos. No entanto, Marcos e Lucas adicionam detalhes que ajudam a esclarecer o tempo. Marcos diz que foi "o primeiro dia de pães ázimos quando mataram a Páscoa". Lucas diz que era "o dia dos pães ázimos, quando a Páscoa deve ser morta". Além disso, Mateus 27:62, Marcos 15:42 e Lucas 23:54 todos se referem ao mesmo dia da "Dia da Preparação", assim indicando que todos se referiam ao mesmo dia em que João chamou de "Dia da Preparação", quando o cordeiro da Páscoa foi morto. O "primeiro dia da festa" de uma maneira geral, do ponto de vista de que o décimo quarto foi o dia em que tiveram de fazer os preparativos para a festa que começou no dia seguinte.

Observe também que nenhum dos quatro escritores do Evangelho faz qualquer menção sobre um cordeiro sendo comido na Última Ceia. Isso porque o tempo ainda não havia matado o Cordeiro da Páscoa quando Cristo e Seus discípulos comiam sua última refeição juntos. O cordeiro da Páscoa não pode ser, e nunca é morto em um dos dias dos pães ázimos. É morto nas últimas horas do dia 14 de Nisan, em preparação para a Festa. Porque o cordeiro é selecionado, lavado, preparado e observado durante 4 dias antes da Festa, esse período de

tempo é comumente referido como parte da Páscoa, bem como a Festa propriamente dita, pelo povo judeu.

Para os judeus, a "Páscoa" foi usada em várias coisas. O dia em que os cordeiros foram mortos foi chamado "pascoa". A refeição noturna, quando esses cordeiros foram comidos, também foi chamado de "Páscoa". E mesmo o dia que se seguiu depois disso foi chamado de "Páscoa". Do mesmo modo, todo o período de oito dias, incluindo o Dia da Preparação e os sete dias de pães ázimos, foram chamados de "Páscoa".

Por que a ênfase no pão ázimo? Muitos alegaram que "o fermento simbolizava o pecado". No entanto, as Escrituras não dizem isso. Na Bíblia, o fermento é usado como um símbolo de coisas diferentes; alguns negativos, alguns positivos. Mateus 13:33 e Lucas 13: 20-21 menciona "fermento" de um tipo positivo:

“Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado”.

(Mateus 13:33)

Jesus usou o fermento como um símbolo para espalhar o Reino de Deus. Assim, seria errado afirmar que o fermento é um "símbolo do pecado". Levedar sempre traz consigo a ideia de influência. Você toma um pouco de fermento e coloca-o em um pedaço de massa, que você vai assar, e essa peça pequena influencia todo o nódulo, fazendo com que ele se levede. A levedura é uma metáfora apropriada para algo que se espalha.

“E Jesus disse-lhes: Adverti, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus”.

(Mateus 16:6)

Tanto os fariseus quanto Herodes eram pessoas de influência. O versículo 12 explica que foram os ensinamentos (doutrinas) dos fariseus e dos saduceus que Jesus chamou de "fermento".

“Então compreenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus”.

(Mateus 16:12)

Então, o fermento parece ter principalmente a ideia de influência, pode ser bom ou ruim. Observe como o fermento é usado no contexto do Êxodo:

“E os egípcios apertavam ao povo, apressando-se para lançá-los da terra; porque diziam: Todos seremos mortos.

E o povo tomou a sua massa, antes que levedasse, e as suas amassadeiras atadas em suas roupas sobre seus ombros”.

(Êxodo 12:33,34)

Então, os israelitas foram apressados para sair depressa do Egito, então eles não tiveram tempo para assar o pão para a viagem, mas tiveram que levar sua massa ainda não fermentada com eles. Naqueles dias, o "fermento" era um meio natural e orgânico de aumentar a massa através da fermentação, a fim de tornar o pão mais macio, "mais fofo". Algumas traduções usam a palavra "fermento" mas não houve levedura nos tempos bíblicos. Levedura é um produto industrial moderno que é usado como um substituto para fermentação natural. Então, "pão ázimo" é o mesmo que o pão feito sem fermento ou outros meios para levedar o pão. No Tanakh hebraico, o pão ázimo é chamado de "matzah".

Os israelitas foram convidados a manter os dias dos pães ázimos como um memorial do tempo em que o Senhor os libertou da escravidão do Egito:

“Guardai pois a festa dos pães ázimos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito; pelo que guardareis a este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo”.

(Êxodo 12:17)

Então, no capítulo 13, lemos:

“Sete dias se comerá pães ázimos, e o levedado não se verá contigo, nem ainda fermento será visto em todos os teus termos.

E naquele mesmo dia farás saber a teu filho, dizendo: Isto é pelo que o Senhor me tem feito, quando eu saí do Egito”.

(Êxodo 13:7,8)

Assim, mais tarde, nos tempos da Antiga Aliança, os antigos israelitas mantinham a Páscoa e os Dias dos Pães ázimos como memorial do que o Senhor havia feito - em reminiscência do evento, quando o Senhor libertou seus ancestrais da escravidão no Egito. Os dias dos pães ázimos não serviram como um lembrete do que os antigos israelitas fizeram ou foram, mas do que o Senhor fez por eles. O Senhor libertou-os do ímpio, da tirania e da escravidão no Egito. A liberdade da escravidão no Egito é o tipo e o antítipo é a liberdade do pecado e da morte:

A festa dos pães ázimos comemora o Êxodo.

“Guardai pois a festa dos pães ázimos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito; pelo que guardareis a este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo”.

(Êxodo 12:17)

O resgate do povo de Israel da escravidão egípcia ocorreu durante a festa dos pães ázimos. Recordar a libertação de Deus e o seu êxodo é um tema importante deste festival. A história do Êxodo é um dos relatos mais dramáticos e de tirar o fôlego de toda a Escritura. Os hebreus foram escravizados no Egito. O faraó era um chefe de tarefa difícil. O lote dos hebreus pareceu sem esperança. Foi naquela hora da história que Deus falou a Moisés de dentro de um mato ardente. O mato foi queimado e não consumido. Moisés se virou para ver essa visão incomum. Do meio daquele arbusto ardente, Deus falaria ao seu

servo e declararia que Moisés livraria os filhos de Israel da escravidão egípcia.

Deus disse a Moisés que Ele viu a aflição de Seu povo no Egito, que Ele havia ouvido o seu pedido de ajuda e que Ele conhecia suas dores. E agora, ele estava trazendo um libertador para tirá-los da escravidão egípcia e iria trazê-los para uma Terra Prometida. Cerca de 2.000 anos atrás, Jesus veio à terra para tirar o homem da escravidão e com uma mão poderosa nos tirou do pecado e da morte e para a Terra Prometida.

Vejamos a libertação física dos israelitas e entendamos o antítipo de nossa libertação da escravidão do pecado e da morte:

“E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito.

Mas Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto do Mar Vermelho; e armados, os filhos de Israel subiram da terra do Egito”.
(Êxodo 13:17,18)

“Assim partiram de Sucote, e acamparam-se em Etã, à entrada do deserto.

E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite”.

(Êxodo 13:20,21)

“Eles se partiram Sucote de suas casas e fazendas na terra de Raameses, que é a terra de Goshen. Sucote era uma base militar na fronteira oriental do Egito suficientemente grande para que este grande número de pessoas e bandos se reunissem em filas para se afastarem do Egito de uma maneira ordenada pelo caminho da região selvagem em direção ao Mar Vermelho.

Então falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel que voltem, e que se acampem diante de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom; em frente dele assentareis o campo junto ao mar.

Então Faraó dirá dos filhos de Israel: Estão embaraçados na terra, o deserto os encerrou.

E eu endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, e saberão os egípcios que eu sou o Senhor. E eles fizeram assim”.

(Êxodo 14:1-4)

Deixando a estrada, os hebreus viajaram pelo Wadi Watir, uma estrada natural através do largo desfiladeiro da montanha. Os israelitas teriam viajado por cerca de uma semana porque a viagem de Sucote a Pi-Hairote, na costa ocidental do Golfo de Aqaba, era de cerca de 200 milhas. Eles viajaram dia e noite para colocar a maior distância entre eles. *Eram* 600.000 homens, mais mulheres, crianças e idosos teriam numerado cerca de dois a três milhões. Com eles, eles levavam suas roupas, roupas de cama, comida e abrigo, levando seus rebanhos, galinhas e qualquer outra coisa que tivessem.

“Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim...”.

(Êxodo 19:4)

Penso que a jornada dos israelitas de celebrar a Páscoa em Goshen até a margem do Mar Vermelho ocupou cerca de seis dias. O Wadi Watir leva pelas montanhas, abrindo no meio de uma ampla praia de areia no Golfo de Aqaba. A praia de Nuweiba é grande o suficiente para que Israel "acampe pelo mar", onde o deserto os "fechou" (Êxodo 14:2-3). A praia tem 4,25 milhas de comprimento por 2 milhas de largura. Parece claramente em imagens de satélite, e é o único local que combina com todos os pontos da narrativa bíblica.

A única entrada da praia em Nuweiba é pelo Wadi Watir. No extremo norte da praia havia uma fortaleza egípcia, cujas ruínas ainda estavam em pé. Isso os impedira de ir para o norte depois que eles entraram na praia. Eles estavam presos "entre Migdol e o mar". Migdol era talvez uma torre de vigia acima das montanhas das quais os egípcios observavam movimentos de embarque e outras atividades,

transmitindo toda a inteligência da torre de vigia a torre de vigia por espelhos durante o dia e incêndios à noite. Assim, Faraó teria sido constantemente informado do progresso de Moisés. Uma vez que o exército de Faraó entrou no desfiladeiro, Israel foi "fechado" pelas montanhas.

“Então Faraó dirá dos filhos de Israel: Estão embaraçados na terra, o deserto os encerrou”.

(Êxodo 14:3)

Os céticos afirmam que Israel não atravessou o Mar Vermelho, mas o pântano perto de Sucote chamado o Mar das Caudas na vizinhança do Canal de Suez. Poderia fornecer uma explicação plausível sobre como os hebreus cruzaram, mas não explica como os carros de Faraó, o seu anfitrião e os capitães escolhidos foram todos afogados, ou como as profundezas os cobriram, então eles afundaram no fundo como uma pedra (Êxodo 15:4-5). A Palavra de Deus diz:

“Porque os cavalos de Faraó, com os seus carros e com os seus cavaleiros, entraram no mar, e o Senhor fez tornar as águas do mar sobre eles; mas os filhos de Israel passaram em seco pelo meio do mar”.

(Êxodo 15:19)

Observe o que Isaías diz:

“Eu sou o Senhor, vosso Santo, o Criador de Israel, vosso Rei.

Assim diz o Senhor, o que preparou no mar um caminho, e nas águas impetuosas uma vereda;

O que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força; eles juntamente se deitaram, e nunca se levantarão; estão extintos; como um pavio se apagaram.

Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas”.

(Isaías 43:15-18)

O Golfo de Aqaba tem mais de uma milha (1.800 metros) de profundidade. A costa ocidental (Sinai) cai debaixo d'água em um ângulo de 45 graus. No entanto, da Praia de Nuweiba, uma enorme barra de areia de quase uma milha de largura em seu cume, inclina-se suavemente a seis graus até a meio caminho do Golfo; Está a 900 pés abaixo do mar, e eleva-se até a costa oriental (Midian) com o mesmo ângulo gentil.

A distância de Nuweiba a Baal-Zephon na costa oposta é de onze milhas. A natureza formou esta ponte terrestre na seção mais estreita do Golfo, acumulando sedimentos lavados das montanhas de cada lado quando os wadis estão inundados. Isaías 43:16-17 chama a grande ponte terrestre, "um caminho nas águas poderosas".

Moisés e as crianças hebraicas estavam presos nesta praia:

“E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles.

E ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; e a nuvem era trevas para aqueles, e para estes clareava a noite; de maneira que em toda a noite não se aproximou um do outro.

Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas.

E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas foram-lhes como muro à sua direita e à sua esquerda”.

(Êxodo 14:19-22)

Como os israelitas atravessaram o mar com o sopro forte do vento do leste?:

“E com o sopro de tuas narinas amontoaram-se as águas, as correntes pararam como montão; os abismos coalharam-se no coração do mar”.

(Êxodo 15:8)

A palavra hebraica para "coalharam" é qapha ", o que significa: " Uma raiz primitiva, para encolher, isto é, engrossar (como vinho não enlatado, leite coalhado, céu nublado, água gelada)". O mar dividido tornou-se paredes de gelo sólido, com 1.000 pés de altura. E à medida que o vento diminuiu, os hebreus caminharam sem impedimentos por 11 milhas na ponte terrestre acima do fundo do mar até Midian na costa mais distante. Enquanto isso, o Pilar de Fogo e a Nuvem os protegeu.

Este princípio pelo qual Deus congelou o mar murado não é desconhecido para os moradores do deserto. Os aldeões no Irã erguem paredes de pedra paralelas. À noite, à medida que as temperaturas caem, derramam água no canal entre as paredes. O vento que passa pelo espaço estreito faz com que ele pareça congelado. E quando o dia amanheceu; o gelo começou a descongelar, e os egípcios entraram nela; E o Senhor afogou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros, os cavaleiros e todo o exército do faraó que os perseguiu; não tanto quanto um deles permaneceu.

Eu vi slides subaquáticos e filme de vídeo de Jonathan Gray, cuja equipe encontrou o local. Eles mostram os restos de carros egípcios, sem rodas. As rodas de carruagem de quatro, seis e oito raios foram identificadas pelo Departamento de Antiguidades do Cairo como pertencente à 18ª Dinastia, na época do Faraó. Nenhum desses artefatos havia sido descoberto anteriormente porque os arqueólogos haviam procurado a travessia do Mar Vermelho no local errado. Recentemente, Ron Wyatt encontrou uma coluna fenícia no extremo sul da Praia Nuweiba. Suas inscrições foram desfiguradas ou corroídas. Mais tarde, uma coluna idêntica foi descoberta em Baal-Zephon, na margem oposta. Suas inscrições, que estão intactas, dizem que foi erguido pelo rei Salomão em homenagem a Deus e dedicado à milagrosa passagem do Mar Vermelho por Moisés e à destruição do exército egípcio.

O Êxodo ocorreu durante a Festa dos Pães ázimos. Começou no início da festa, e eles atravessaram o Mar Vermelho no final da festa. Esta festa trata sobre a libertação. A Festa da Páscoa e a Festa dos Pães ázimos são realmente fundidas em uma festa de oito dias:

“Estava, pois, perto a festa dos pães ázimos, chamada a páscoa”.
(Lucas 22:1)

Josefo diz:

"Nós mantemos um banquete por oito dias, o que é chamado de Festa dos Pães ázimos".

É difícil separar essas festas porque a libertação que as *imagens* dos Pães ázimos só é possível por causa da Páscoa. No dia 14 de Nisan às 3:00 o cordeiro pascal foi morto e no 15 ° de Nisan os filhos de Israel comeram a refeição da Páscoa e, logo depois que eles deixaram a escravidão do Egito. E antes da festa de 7 dias, eles passaram pelo Mar Vermelho onde seus inimigos foram destruídos. Essa libertação era um tipo.

Quase 1600 anos depois, o antítipo, nossa libertação espiritual do pecado e da morte, ocorreu nas mesmas datas. No dia 14 de Nisan às 3:00 da tarde, Nosso Salvador morreu na cruz do Calvário e no dia 15 de Nisan fomos libertados do pecado e da morte. Este período de Êxodo foi um tipo de libertação! O tipo é a imagem, o antítipo é a realidade de nossa salvação pela fé em Yahweh.

Os Pães Ázimos (A libertação) é parte do processo redentor de Israel.

4

Festa dos Primeiros Frutos (Levítico 23:9-14)

Estamos estudando as festas do Senhor. São sete delas; sendo sete o número de conclusão. Essas sete festas representam e tipificam a sequência, o tempo e o significado dos principais eventos da obra redentora do Senhor. O estudo das Festas é um estudo em tipologia. A tipologia bíblica toma a unidade dos dois convênios e vê nos tipos e sombras da Antiga Aliança que prefiguram algo na Nova Aliança. Esses tipos podem ser pessoas, lugares, objetos, eventos e animais, etc. O idioma tipológico na Antiga Aliança é chamado de "tipo". A contrapartida no Novo Testamento é chamada de "antítipo". Um tipo sempre prefigura algo futuro. Um tipo bíblico e profecia preditiva são substancialmente os mesmos, diferindo apenas na forma.

Então, estas sete festas são profecias realizadas para Israel sobre o que o Senhor iria fazer em seu futuro para resgatá-los. Enquanto eles ensaiaram, ano após ano, em seus tempos marcados, eles estavam vendo uma imagem de Deus e Sua completa redenção.

Todo o Tanakh apontou para a vinda de Jesus, o Messias:

“De acordo com sua prática habitual, Paulo entrou em uma sinagoga; e em três Sábados fez uma exposição do Tanakh, explicando e provando que o Messias teve que sofrer e ressuscitar dos mortos, e que "este Jesus, a quem eu proclamo, é o Messias”.

(Atos 17:2-3)

Paulo usou o Tanakh para provar que Jesus era o Messias.

“Porque com grande veemência, convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo”.

(Atos 18:28 ARA)

“Pois ele refutou poderosamente e de forma conclusiva os judeus não crentes em público, demonstrando pelo Tanakh que Jesus é o Messias”.

(Atos 18:28 CJB)

Jesus ensinou isso também dizendo que a Torá era sobre ele:

“Porque, se vós crêsseis em Moisés, crerieis em mim; porque de mim escreveu ele”.

(João 5:46)

Moisés é igual à Torá, Jesus aparece a dois discípulos abatidos na estrada para Emaús e "começando por Moisés e todos os profetas... expôs-lhes em todas as escrituras as coisas relativas a si mesmo" (Lucas 24:27). Assim, na Torá, nos primeiros cinco livros e em todo o Tanakh, a Escritura hebraica completa, Jesus pode ser claramente visto. Vemos essas festas na Torá, e são todas uma imagem de Cristo. Vejamos a palavra "Torá" no hebraico antigo. Na língua hebraica antiga, a palavra "Torah" aparece assim:

Cada letra tinha significado, a primeira letra era tav, que parecia uma cruz; a segunda letra era um vov, que parecia um prego; a terceira letra era a erupção cutânea, que parecia uma cabeça de pessoas; e a última letra era um hey, que parecia uma janela como se fosse dizer: "Eis". Tomando o significado de cada letra da Torá, obtemos o significado: "Revelando a pessoa mais alta que é pregada na cruz". A Torá é toda sobre Jesus.

Até agora, em nossos estudos, examinamos duas das festas. Vamos analisá-las brevemente antes de olhar para a nossa terceira festa.

A Festa da Páscoa: Páscoa ocorre na primavera do ano, no 14º dia do mês hebraico de Nissan (Março/Abril). A Páscoa é um tipo ou imagem de algo muito maior - imagina a redenção dos eleitos de Deus através do sacrifício do Filho de Deus sem pecado, o Senhor Jesus. Na noite de 14 de Nissan, às 3:00 da tarde, o cordeiro da Páscoa deveria ser morto. E 1600 anos depois que a Páscoa foi instituída, Jesus, nosso Cordeiro, foi morto no mesmo dia, ao mesmo tempo que o Cordeiro da Páscoa; 14 de Nissan às 3:00 da tarde. Como o cordeiro, Jesus estava sem mancha ou defeito (1ª Pedro 1:19), e nenhum dos seus ossos foram quebrados (João 19:33).

O cordeiro era do tipo, e Jesus é o antítipo.

A Festa dos Pães Ázimos: ocorre em 15 de Nissan e tem a duração de sete dias. A maioria das pessoas dizem que esta é imagem do enterro de Jesus. Dessa forma, você tem a Páscoa imaginando Sua morte, Pães ázimos, que retratam seu sepultamento, e Primeiros Frutos que retratam Sua ressurreição. Eu sempre ensinei assim. Eu disse: "A Festa dos Pães ázimos retrata o sepultamento de Jesus, esta festa deveria acontecer no dia seguinte à Páscoa - Jesus foi enterrado no dia seguinte". Isso está errado! Então, por que ensinei isso? Eu estava seguindo o que me ensinaram:

“Porque os homens são propensos a ficar cegos, ao longo dos caminhos da mente;

E trabalhe longe do sol ao sol, para fazer o que outros homens fizeram.

Eles seguem no caminho mais comum, e para fora e para dentro, e para frente e para trás,

E ainda o seu curso desonesto perseguir, para manter o caminho que os outros fazem”.

(Este é um trecho de The Calf Path by SW Foss)

O Pão ázimo não pode representar Seu enterro, Ele não foi enterrado na festa dos Pães ázimos no dia 15. Falando sobre o corpo de Jesus, Lucas diz:

“E, havendo-o tirado, envolveu-o num lençol, e pô-lo num sepulcro escavado numa penha, onde ninguém ainda havia sido posto. E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado”.

(Lucas 23:53,54)

Que dia foi o "dia da preparação"? Era Páscoa, 14 de Nissan. Jesus foi enterrado no mesmo dia em que foi morto, na Páscoa. Ele foi colocado na terra antes do pôr do sol sobre em 14 de Nissan. Pães Ázimos começa em 15 de Nissan e prefigura a libertação. Os filhos de Israel deixaram o Egito no primeiro dia dos Pães ázimos e atravessaram o Mar Vermelho até o final da festa de sete dias. O Pão ázimo é uma festa de sete dias que retrata uma redenção perfeita.

Este Êxodo do Egito era um tipo; o antítipo é visto na redenção que Jesus trouxe sobre o pecado e da morte. Este segundo êxodo, que era o antítipo, era mencionado nos Profetas:

“E acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios; e o lugar do seu repouso será glorioso.

E há de ser que naquele dia o Senhor tornará a pôr a sua mão para adquirir outra vez o remanescente do seu povo, que for deixado, da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elã, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar”.

(Isaías 11:10,11)

Isaías 11:1-12 prediz a vinda do governo do Messias e a reunificação das 12 tribos. Isto deveria ser realizado por um segundo êxodo. Quando esse segundo êxodo começou? Para responder, precisamos saber quando o primeiro êxodo começou? Começou na festa dos pães ázimos. Então, o antítipo também começou na Festa dos Pães ázimos.

Observe o que Mateus diz de Jesus:

“E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito.

E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho”.

(Mateus 2:14,15)

Mateus diz que Jesus e seus pais fugindo para o Egito para escapar de Herodes, e seu retorno depois da morte é o que Oséias estava falando:

“Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho”.

(Oséias 11:1)

De acordo com o primeiro verso de Oséias, este livro foi escrito por Oséias. Mas como podemos saber qual é sua intenção na passagem? Primeiro, sabemos aproximadamente quando ele viveu. Nós também temos o contexto mais amplo de todo o livro, o que nos dá uma ideia mais completa do que Oséias pretendia dizer neste versículo. Quando estudamos seu texto no contexto de todo o livro, achamos que Oséias se refere ao êxodo descrito no livro de Êxodo.

Mas, como acabamos de ver em Mateus 2:15, o escritor aplica Oséias 11:1 a Jesus como um jovem que retorna à Judéia do Egito. Esta referência não parece estar de acordo com a intenção de Oséias. É aqui que devemos lembrar onde reside o significado de um texto - na intenção de seu autor, o próprio Yahweh. E quando lemos as Escrituras no contexto da Bíblia como um todo, vemos que Ele fez uma analogia entre Israel, o filho de Deus, sendo libertado do Egito; e Jesus, o Filho de Deus, vindo do Egito; um padrão que corre ao longo do Evangelho de Mateus. "Fora do Egito, eu chamei meu filho" é a Tipologia de Êxodo, onde Jesus é o Novo Israel verdadeiro.

O cenário para a história da Nova Aliança é o retorno ao deserto, ou à região selvagem, para Israel, e os 40 anos entre 30 a 70 d.C. são um segundo êxodo, o antítipo do Êxodo físico do Egito. O cruzamento

do Mar Vermelho foi um belo tipo de salvação da escravidão. A libertação da escravidão do pecado não é possível por meios humanos. Como o cruzamento do Mar Vermelho foi feito por um milagre do poder de Deus, a conversão de todo pecador que é salvo é um milagre. Quando o Mar Vermelho foi atravessado, e as pessoas se viram livres, elas cantavam a "Canção de Moisés", uma canção de louvor para salvação e libertação. Vejamos essa música:

“Então cantou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao SENHOR, e falaram, dizendo: Cantarei ao SENHOR, porque gloriosamente triunfou; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.

O Senhor é a minha força, e o meu cântico; ele me foi por salvação; este é o meu Deus, portanto lhe farei uma habitação; ele é o Deus de meu pai, por isso o exaltarei.

O Senhor é homem de guerra; o Senhor é o seu nome. Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército; e os seus escolhidos príncipes afogaram-se no Mar Vermelho.

Os abismos os cobriram; desceram às profundezas como pedra.

A tua destra, ó Senhor, se tem glorificado em poder, a tua destra, ó Senhor, tem despedaçado o inimigo...”.

(Êxodo 15:1-6)

O termo "mão direita de Deus" na profecia refere-se ao Messias a quem é dado o poder e a autoridade para subjugar seus inimigos (Salmos 110:1, Salmos 118:16).

A terceira festa é a festa dos primeiros frutos:

“E falou o Senhor a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e fizerdes a sua colheita, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote;

E ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos; no dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá.

E no dia em que moverdes o molho, preparareis um cordeiro sem defeito, de um ano, em holocausto ao Senhor,

E a sua oferta de alimentos, será de duas dízimas de flor de farinha, amassada com azeite, para oferta queimada em cheiro suave ao Senhor, e a sua libação será de vinho, um quarto de him.

E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até aquele mesmo dia em que trouxerdes a oferta do vosso Deus; estatuto perpétuo é por vossas gerações, em todas as vossas habitações”.

(Levítico 23:9-14)

Vejamos o versículo 10:

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e fizerdes a sua colheita, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote...”.

(Levítico 23:10)

Quando eles devem começar a observar esta festa? Quando eles entram na terra, isso é no final do período do Êxodo. Acrescente-se a esse pensamento. Isso se refere à colheita de cevada - a primeira planta plantada no inverno está agora, na primavera, começando a amadurecer. O primeiro feixe da colheita é cortado e, em uma cerimônia cuidadosamente prescrita e meticulosa, é apresentada a Deus. A aceitação do Senhor dos Primeiros Frutos é importante, pois da aceitação dele garante a colheita completa.

A palavra "Primeiros Frutos" é do hebraico rehshyth, que é a mesma palavra usada em Gênesis 1:1 traduzida como "começo". Ela pode ser usada para o início de um evento, mas seu significado literal é: "cume" ou "o melhor da escolha" ou o "melhor". Observe como é usado em Números 18:12:

“Todo o melhor do azeite, e todo o melhor do mosto e do grão, as suas primícias que derem ao Senhor, as tenho dado a ti”.

"Primeiros frutos" aqui também é de re'shiyth . É para ser o primeiro e o melhor da safra. O povo devia trazer um feijoeiro ao sacerdote, que levaria diante de Deus. Uma oferta queimada, uma oferta de refeições

e uma oferta de bebidas também eram necessárias naquele momento. Deuteronômio 26:1-10 dá ainda mais detalhes sobre o procedimento sobre os Primeiros Frutos:

“E será que, quando entrares na terra que o SENHOR teu Deus te der por herança, e a possuíres, e nela habitares,

Então tomarás das primícias de todos os frutos do solo, que recolheres da terra, que te dá o Senhor teu Deus, e as porás num cesto, e irás ao lugar que escolher o Senhor teu Deus, para ali fazer habitar o seu nome.

E irás ao sacerdote, que houver naqueles dias, e dir-lhe-ás: Hoje declaro perante o Senhor teu Deus que entrei na terra que o Senhor jurou a nossos pais dar-nos.

E o sacerdote tomará o cesto da tua mão, e o porá diante do altar do Senhor teu Deus.

Então testificarás perante o Senhor teu Deus, e dirás: Arameu, prestes a perecer, foi meu pai, e desceu ao Egito, e ali peregrinou com pouca gente, porém ali cresceu até vir a ser nação grande, poderosa, e numerosa.

Mas os egípcios nos maltrataram e nos afligiram, e sobre nós impuseram uma dura servidão.

Então clamamos ao Senhor Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa miséria, e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão.

E o Senhor nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres;

E nos trouxe a este lugar, e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel.

E eis que agora eu trouxe as primícias dos frutos da terra que tu, ó Senhor, me deste. Então as porás perante o Senhor teu Deus, e te inclinarás perante o Senhor teu Deus...”.

(Deuteronômio 26:1-10)

Nenhum grão deveria ser colhido até que a primeira oferta de frutos fosse trazida ao Senhor (Levítico 23:14). A oferta foi feita em memória do êxodo de Israel no Egito, pois o Senhor os livrou da escravidão e

os deu como posse "uma terra que flui com leite e mel". Então os primeiros frutos foi a primeira parcela de uma colheita maior.

“...então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote; E ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos; no dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá”.

(Levítico 23:10,11)

Em que data esta festa se realiza? A Páscoa era para ser celebrada em 14 de Nissan. A Festa dos Pães Ázimos era para ser celebrada em 15 de Nissan. Qual data é a dos "Primeiros Frutos"? Não há data dada! O texto inspirado diz que esta terceira festa ocorre "... no dia seguinte ao sábado..."! A maioria dos estudiosos dizem que a Festa das Primícias ocorreu em 16 de Nissan. Eles tomam o sábado aqui para ser o sábado do primeiro dia do pão ázimo. Eu acredito que o sábado mencionado aqui é o sábado semanal, o sétimo dia da semana. Deixe-me tentar explicar por que: Se "primeiros frutos" ocorre em 16 de Nissan, e é a imagem da ressurreição de Cristo, isso só permite que Cristo fique na sepultura por um dia e meio na melhor das hipóteses:

“Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal.

Mas ele lhes respondeu, e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o sinal do profeta Jonas...”.

(Mateus 12:38,39)

A palavra traduzida como "sinal" é *no* grego semeion, que significa: "um sinal ou marca distintiva pela qual algo é conhecido, sinal, símbolo ou indicação". Isso também pode significar: "um evento que é uma indicação ou confirmação de intervenção por poderes transcendentais, um milagre". Então, eles estão dizendo, mostre-nos um milagre!

“Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra”.

(Mateus 12:40)

Tomo isso para significar 3 dias completos, ou 72 horas. Sabemos que Jesus foi enterrado no final de 14 de Nissan, pouco antes do sol se pôr. Ele estava no túmulo em 15 de Nissan e teria permanecido no túmulo até o dia 18 de Nissan. Não há data dada nas Escrituras para a Festa dos Primeiros Frutos, porque é "... no dia seguinte ao sábado ..."! Isto é, sempre em um domingo! Assim, a data mudaria de ano para ano, mas é sempre em um domingo - o primeiro dia da semana. O que é interessante é que no ano em que Cristo foi crucificado, teve que haver três dias entre 14 de Nissan e o primeiro dia da semana (o domingo). E aconteceu que houve exatamente isso, 18 de Nissan foi domingo. Outra coincidência?

Se Cristo passasse 3 dias e 3 noites no túmulo, isso significaria que a ideia tradicional de Cristo sendo crucificado na sexta-feira é incorreta. Eu acredito que Jesus foi crucificado na quarta-feira e foi enterrado no final do dia. Ele estava no túmulo desde quinta-feira ao pôr-do-sol até sábado à noite, que é de 3 dias e 3 noites, ou 72 horas. Ele ressuscitou da morte no domingo.

Aqui está uma linha do tempo:

Páscoa em 14 de Nissan de manhã cedo (quarta-feira) Jesus foi julgado e declarado impecável por Pilatos. Ele foi pendurado na Cruz das 9:00 da manhã até as 3:00 da tarde. Jesus morre ao mesmo tempo que o último cordeiro da Páscoa está sendo abatido no Templo. Ele é preparado para ser enterrado e colocado no túmulo logo antes do pôr-do-sol.

Pães Ázimos em 15 de Nissan (quinta-feira) - o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos (que era um Sabbath cerimonial), Jesus está no túmulo (1º dia 1º e noite). No dia 16 de Nissan (sexta-feira) Jesus passa o 2º dia e a 2º noite no túmulo. No dia 17 de Nissan (sábado, o Sabat) Jesus passa o 3º dia e a 3º noite no túmulo. No dia 18 de Nissan (Domingo) Jesus ressuscitou, isto é quase no final do sábado, começando o primeiro dia da semana. Este é o dia dos Primeiros Frutos. O corpo de Jesus não pôde ser encontrado, o túmulo estava vazio.

A confusão sobre Jesus sendo crucificado na sexta-feira pode vir do texto de João:

“Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados”.

(João 19:31)

Lembre-se de que o primeiro dia da festa dos pães ázimos é um sábado cerimonial e nenhum trabalho deve ser feito. Nós aprendemos que eles tinham que pegar o corpo de Jesus no túmulo antes do sábado semanal, mas não era o sábado semanal, era o sábado cerimonial dos pães ázimos. Assim, a Páscoa ocorre em 14 de Nissan; Pães Ázimos ocorre em 15 de Nissan (e dura até o dia 22); e "Primeiros Frutos" ocorre no dia seguinte ao sábado semanal, isto é, no domingo, primeiro dia da semana. Então, Primeiros Frutos é SEMPRE em um DOMINGO. Quanto ao significado da Festa dos Primeiros Frutos, como com as outras festas, não há espaço para dúvida ou especulação; representa a ressurreição de Cristo:

“Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem”.

(1ª Coríntios 15:20)

Numa manhã em particular, no primeiro dia da semana, a Festa dos Primeiros Frutos foi acenada antes do alvorecer no Templo, e naquela manhã em particular, algumas mulheres estavam indo para um túmulo vazio. Note, este é o primeiro fruto da colheita de cevada. Esta é uma referência a Jesus, o Cristo e a Sua ressurreição. Os Primeiros Frutos foram transferidos para o Senhor como garantia da bênção Divina na colheita. Isso é reiterado em Romanos 11:16:

“E, se as primícias são santas, também a massa o é; se a raiz é santa, também os ramos o são”.

Os Primeiros Frutos consagram a colheita. Jesus é realmente o primeiro dos Primeiros Frutos. Deus ordenou aos israelitas que apresentassem uma porção da sua colheita que amadureceu primeiro como uma oferta a Ele (Êxodo 23:19; Neemias 10:35). Esta oferta reconheceu que toda a colheita era dele e era realmente dele. Era uma oferta que os israelitas faziam com fé, confiante de que o resto da colheita seguiria. Da mesma forma, o dom do Espírito de Deus aos crentes do primeiro século é a promessa dEle de completar o processo de salvação.

Mil e seiscentos anos antes da ressurreição de Cristo, o Senhor previu em tipo e sombra que Jesus seria crucificado em 14 de Nisan e subiria dos mortos três dias depois, no primeiro dia da semana, e aconteceu exatamente como Deus disse que iria. A profecia prova a veracidade da Bíblia. Deus disse que certas coisas aconteceriam, e elas aconteceram. Nenhum outro livro no mundo contém o tipo de profecias específicas encontradas em todas as páginas da Bíblia.

Jesus não só derrotou a morte por si mesmo, mas Ele promete ressurreição e vida a todos os que depositam sua confiança nEle:

“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?

Disse-lhe ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo”.

(João 11:25-27)

No versículo 26, Jesus pergunta: "Você acredita nisso?" O que é isso? É a declaração sobre o próprio Jesus que Ele dá no versículo 25. Ele diz a Maria que Ele é a ressurreição e a vida. Mas isso não é tudo; Ele pede-lhe para acreditar. Jesus está dizendo: "Eu garanto a vida eterna a todos os que acreditam em Mim". Para acreditar que Jesus é o Cristo, é essencialmente acreditar que Ele é o fiador da vida eterna para todos os que confiam nele. Por causa da Ressurreição, essas palavras carregam peso, elas nunca teriam carregado de outra forma. Se Ele permanecesse no túmulo, a questão de saber se Ele era ou não o único

caminho para o céu seria uma questão de debate. No entanto, a ressurreição responde a pergunta e acaba o argumento de uma vez por todas. Jesus tem poder sobre a morte, então eu acho que isso significa que Ele é tudo o que ele afirmou ser.

A ressurreição de Jesus foi um fato histórico testemunhado por mais de quinhentas pessoas, muitos dos quais aceitaram o martírio em vez de negar seu testemunho. A ressurreição de Jesus também se destaca como um símbolo dos Primeiros Frutos da ressurreição de Israel que se realizaria no final da era. Assim como um pequeno feixe possibilita a maior parte da safra a vir, então a ressurreição de Jesus possibilita a ressurreição nacional que viria. Primeiros Frutos sempre simbolizavam e precediam a grande safra que viria. A Ressurreição de Jesus, possibilitou que Israel fosse ressuscitado nacional e pactualmente também.

Não devemos confundir a ressurreição nacional de Israel com a Ressurreição Física do último dia. No estudo das Festas, vemos que cada parte da Bíblia cristã se enquadra no quadro do mundo hebraico. Toda a mensagem cristã está nas festas que o Senhor deu aos hebreus. Assim, centenas de anos antes de Cristo nascer, Deus estava ensinando o seu povo que o seu Messias viria, e Ele morreria por eles na Páscoa, em 14 de Nissan. Jesus foi o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Deus estava ensinando ao Seu povo que, durante três dias, Jesus estaria no túmulo e que Ele iria surgir da morte no primeiro dia da semana - o próprio dia em que Israel celebrou a Festa dos Primeiros Frutos. Jesus tornou-se o primeiro a ressuscitar dos mortos.

De acordo com a Bíblia, quando a ressurreição nacional de Israel ocorreu? Jesus foi o primeiro fruto que garantiu a ressurreição de Israel. Lembre-se do que vimos em:

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e fizerdes a sua colheita, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote...”.

(Levítico 23:10)

Quando eles devem começar a observar esta Festa? Quando eles entram na terra, isso é no final do período de Êxodo. Assim como a Festa dos Primeiros Frutos começou uma vez que eles entraram na terra, então o antítipo, a ressurreição dos mortos ocorreu quando o segundo êxodo terminou. As Escrituras testemunham que o tempo da ressurreição de Israel, ou a colheita, deveria acontecer no final da era da Antiga Aliança. Sabemos que isso aconteceu em 70 d.C. com a destruição do Templo judaico. Os discípulos sabiam que a queda do Templo e a destruição da cidade significavam o fim da era da Antiga Aliança e a inauguração de uma nova era:

“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno”.

(Daniel 12:1,2)

Daniel diz que esta ressurreição virá após um tempo de grande problema para a nação judaica. Isso soa como:

“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver”.

(Mateus 24:21)

Aqui, Jesus está falando da destruição de Jerusalém, que aconteceu no final do segundo êxodo em 70 d.C.

Gentry, preterista parcial, comentando sobre Daniel 12 diz:

"Como podemos entender essa passagem [Dn 12-2]? Daniel ensina que a ressurreição Física é consumada e ocorre durante a grande tribulação em 70 d.C.? Não ele não *diz*... Parece que Daniel está extraindo a imagem da ressurreição (que ocorrerá fisicamente no

último dia) aplicando-a simbolicamente ao primeiro século que antecede a tribulação no ano 70 d.C. Ou seja, ele está retratando os judeus cristãos separando Deus de Israel através do batimento de Israel em 70 d.C. Novamente, isso é muito parecido com a prática de Ezequiel em sua visão do vale dos ossos secos. Embora a profecia de Ezequiel esteja preocupada com Israel como um todo, enquanto Daniel mostra que a esperança de Israel é o remanescente de fé... Portanto, a ressurreição em Daniel 12 não associa a ressurreição física consumada com a tribulação do *ano* 70 d.C. Daniel apenas utiliza a imagem da ressurreição como Ezequiel, e aplica isso ao Israel corporativo. Ele está ensinando que nos eventos que envolvem *o ano* 70 d.C., o verdadeiro Israel surgirá da carcaça do antigo Israel, como em uma ressurreição".

Dr. Jordan em seu comentário diz:

"A ressurreição do versículo 2 parece se conectar ao ministério evangelístico e de ensino mencionado no versículo 3; assim, é uma espécie de ressurreição histórica de que se fala, um evento de ressurreição neste mundo, em nossa história... Agora, claramente, a ressurreição de toda a nação não significa a salvação de cada indivíduo. Assim, Daniel 12:2 nos diz que, nos dias de Jesus, a nação sofrerá uma última ressurreição espiritual, mas alguns não perseverarão e a sua ressurreição será para destruição. A parábola dos solos se encaixa aqui (Mateus 13:3-23): três tipos diferentes de pessoas ganham vida, mas apenas um dos três tipos é despertado para a vida eterna e *se torna* perseverante. Durante o ministério, Jesus levantou a nação de volta à vida. Ele curou os doentes, limpou o impuro, trouxe pessoas mortas de volta à vida, restaurou a Lei, entrou no Templo como Rei, etc. Então, como sempre, o povo restaurado caiu em pecado e o crucificou. Assim, uma ressurreição de Israel está em vista. Os maus são ressuscitados, mas não se beneficiam disso e são destruídos. Os santos experimentam uma grande angústia e vivem com Deus para todo o sempre".

Gary DeMar, que também é um preterista parcial, diz:

"A ressurreição que está sendo descrita aqui é uma ressurreição nacional... A solução é encontrada em Ezequiel 37. Aqui ao profeta é dito para profetizar aos ossos mortos espalhados pelos montes de Israel (Ezequiel 6:5). Ezequiel profetiza e os ossos ganham vida novamente. Isto é explicado em Ezequiel 37:11 como a ressurreição nacional de Israel após o cativeiro: "Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas..." (versículos 12-13). Esta linguagem gráfica refere-se à ressurreição espiritual de Israel após o cativeiro babilônico seguido por uma tentativa de destruir a nação (38-39)".

PRIMEIROS FRUTOS retrata a RESSURREIÇÃO do Messias. Esta festa ocorreu após o primeiro sábado semanal, ou seja, o domingo, após o primeiro dia da festa dos pães ázimos. Jesus levantou-se da morte no primeiro dia da semana após o primeiro dia do Pão ázimo. Estas são apenas coincidências, ou Deus nos ensinou a história da redenção? Você se lembra do que aconteceu depois da ressurreição no túmulo?

"Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni, que quer dizer: Mestre.

Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus".

(João 20:16,17)

"Pare de me apegar ..." é da palavra grega hupto, que é a palavra normal para o toque. Por que não foi permitido tocar o Jesus ressuscitado? Deixe-me dar-lhe uma pequena *explicação* da tradição que pode responder a esta pergunta. A tradição judaica diz: à medida que os cordeiros foram retirados do Monte do Templo e colocados nos fornos pelo povo, o sumo sacerdote e sua comitiva levariam seus cordeiros para a sua câmara dentro do Monte do Templo (Monte Moriá) e os colocavam nos fornos. Então, logo antes do pôr-do-sol, o sumo sacerdote lideraria sua comitiva sobre a ponte do Vale do Cedron, ao lado do Monte das Oliveiras, onde os sacerdotes tinham

plantado a cevada na primeira oferta de Frutas. Os levitas vinculariam então dez ações de cevada juntas (ainda enraizadas no chão). Então o sumo sacerdote e os levitas voltariam para as câmaras e comeriam o cordeiro da Páscoa. O sumo sacerdote permaneceria na montanha em reclusão até o final do sábado semanal, que foi três dias do ano em que Cristo foi morto.

No final do sábado semanal, o sumo sacerdote e sua comitiva deixariam suas câmaras com cestas e foices. Uma vez que eles tinham certeza de que o sol se tinha estabelecido, diante de milhares de israelitas que estavam olhando, eles cortariam os estoques de cevada que tinham amarrado na luz, mas agora cortaram a escuridão. O sumo sacerdote e os levitas levariam a cevada nas cestas para o Templo e trituravam a cevada para fazer pães. Então o sumo sacerdote os levaria e os ofereceria como uma oferta de Primeiros frutos para o Senhor na manhã do primeiro dia da semana. Até que isso seja feito, ninguém pode comer dos Primeiros Frutos da Cevada.

Diz-se que o sumo sacerdote teve que permanecer em reclusão no Monte do Templo durante todo o tempo entre o sacrifício do cordeiro da Páscoa e a apresentação da oferta dos Primeiras Frutos, para que não fosse contaminado. Jesus também estava em isolamento por esse tempo; por isso, ele disse a Maria: "Não me toque, porque ainda não subi ao Pai". Mas depois, ele diz a Tomé que coloque seus dedos nas impressões das unhas e sua mão na ferida em Seu lado. Por que Ele disse a Maria: "Não me toque", mas disse a Tomé para tocá-lo? A resposta pode estar na oferta dos Primeiros Frutos. Como o Sumo Sacerdote, ele teve que oferecer os Primeiros Frutos da ressurreição "colhidos" diante do trono de Deus no céu, antes de retornar naquela tarde para conversar com os discípulos na estrada para Emaús.

Que Jesus é o Sumo Sacerdote Antítipo é abundantemente mostrado nas Escrituras:

“Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão...”.

(Hebreus 3:1)

“Chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”.

(Hebreus 5:10)

“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação...”.

(Hebreus 9:11)

Jesus fez exatamente como os sumos sacerdotes fizeram durante séculos, porque Ele era o antítipo do sumo sacerdote. Vejamos outro texto que pode ter um pouco de luz sobre isso ao entender os Primeiros Frutos:

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito.

E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras;

E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados;

E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos”.

(Mateus 27:50-53)

Quando foram abertos estes túmulos? Na morte de Cristo na Páscoa. Quando os corpos saíram das tumbas? Na ressurreição de Cristo na Festa dos Primeiros Frutos. A terra tremeu e os túmulos foram abertos na Páscoa, mas nenhuma das pessoas neles havia ressuscitado ainda. Isso poderia ser a marcação dos Primeiros Frutos como os sacerdotes fizeram na Páscoa? Então, três dias depois, quando Cristo ressuscitou dos mortos depois do pôr-do-sol no final do sábado, aqueles cujos túmulos haviam sido abertos pelo terremoto ressuscitaram dos mortos, efetivamente "colhendo-os" para os Primeiros Frutos oferecendo na manhã seguinte.

Assim, centenas de anos antes de Cristo ter nascido, Deus estava ensinando o seu povo que o seu Messias viria e Ele morreria por eles

na Páscoa, em 14 de Nissan. Jesus foi o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Deus estava ensinando ao Seu povo que, durante três dias, Jesus estaria no túmulo e que Ele iria surgir da morte no primeiro dia da semana - o próprio dia em que Israel celebrou a Festa dos Primeiros Frutos. Jesus tornou-se o primeiro a se levantar dos mortos.

A Páscoa retrata a MORTE substitutiva de Jesus como o Cordeiro da Páscoa. A Festa dos Pães ázimos retrata a REDENÇÃO que essa morte comprou. Os Primeiros Frutos apresenta a RESSURREIÇÃO do Messias. Esta festa ocorreu no terceiro dia após a Páscoa. Jesus subiu ao terceiro dia. Estas são apenas coincidências, ou Deus nos ensinou a história da redenção?

Você pode lembrar que José de Arimatéia pediu o corpo de Jesus a Pilatos. José teve que ser extremamente rico e influente para poder se dirigir pessoalmente a Pilatos. Também entendemos que além do direito romano ele tinha que ser o parente mais próximo para receber o corpo. Em uma conversa extra bíblica, aprendemos que Pilatos ficou surpreso com o pedido de José. "Eu não entendo, José. Você é um homem poderoso e influente e acabou de construir este novo túmulo para sua família. E agora você vai usá-lo para enterrar esse criminoso?" Para o que José respondeu: "Por que não? É só para o fim de semana!"

Os Primeiros Frutos (a ressurreição de Cristo) é parte do processo redentor de Israel.

5

Festa de Pentecostes (Levítico 23:15-22)

Estamos estudando as Festas do Senhor, são sete delas e estão listadas em ordem cronológica em Levítico 23. Como já vimos, essas festas são um estudo em tipologia. As festas do Senhor realmente transmitem dois períodos de êxodo de quarenta anos, o tipo e o antítipo. O primeiro período de êxodo é quando Israel foi removido da escravidão ao Egito na Páscoa, e eles foram colocados no deserto em uma jornada física para uma terra física prometida. Agora, o mais importante, o antítipo, é o êxodo espiritual. Este êxodo corre da Cruz para o ano 70 d.C. Neste êxodo, Israel (os remanescentes) deixou sua servidão à Lei do pecado e da morte (Romanos 8:2) e começa uma jornada espiritual de quarenta anos para uma herança espiritual; o Reino de Deus, ou os Novos Céus e a Nova Terra.

Em nossos estudos anteriores, examinamos as três primeiras festas, que foram: Páscoa, Pão ázimo e Primeiros Frutos. Nós vimos que a Páscoa retrata a MORTE substitutiva de Jesus como o Cordeiro da Páscoa. A Festa dos Pães ázimos retrata a LIBERTAÇÃO da escravidão. Os PRIMEIROS FRUTOS retrata a RESSURREIÇÃO do Messias.

A quarta festa é conhecida em hebraico como Shavuot, que significa "semanas". Encontra-se em nosso texto em Levítico 23:15-22:

“Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão.

Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos ao Senhor.

Das vossas habitações trareis dois pães de movimento; de duas dízimas de farinha serão, levedados se cozerão; primícias são ao Senhor.

Também com o pão oferecereis sete cordeiros sem defeito, de um ano, e um novilho, e dois carneiros; holocausto serão ao Senhor, com a sua oferta de alimentos, e as suas libações, por oferta queimada de cheiro suave ao Senhor.

Também oferecereis um bode para expiação do pecado, e dois cordeiros de um ano por sacrifício pacífico.

Então o sacerdote os moverá com o pão das primícias por oferta movida perante o Senhor, com os dois cordeiros; santos serão ao Senhor para uso do sacerdote.

E naquele mesmo dia apregoareis que tereis santa convocação; nenhum trabalho servil fareis; estatuto perpétuo é em todas as vossas habitações pelas vossas gerações.

E, quando fizerdes a colheita da vossa terra, não acabarás de segar os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixarás. Eu sou o Senhor vosso Deus.

(Levítico 23:15-22)

Esta festa é chamada de Festa das Semanas, porque Deus especificamente disse aos filhos de Jacó que eles deveriam contar sete semanas dos Primeiros Frutos e depois o dia seguinte, este quarto banquete deveria ser observado:

“Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão.

Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos ao Senhor”.

(Levítico 23:15,16)

Sete semanas são 49 dias. Adicione um dia "o dia depois", e teremos o total a cinquenta dias. Esta quarta festa deveria ocorrer precisamente cinquenta dias após a dos Primeiros Frutos. Durante estes 50 dias entre a Ressurreição e Shavuot, Jesus se reuniu com seus discípulos muitas vezes, e no 40º dia Ele subiu ao céu. Jesus lhes havia dito que ficassem em Jerusalém e "...espere o que o Pai prometeu".

“Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias”.
(Atos 1:5)

O que os discípulos fizeram nos dez dias entre a Ascensão e o Pentecostes? A seleção do décimo segundo apóstolo é o único incidente que Lucas registra durante o período de dez dias de espera dos discípulos. Por que precisa haver doze apóstolos? Jesus estava reconstruindo Israel. Como tal, doze apóstolos eram o número perfeito; não só para mostrar o final do Antigo, mas do início do Novo. Lucas nos diz que o número dos doze apóstolos foi restaurado. Este é o Novo Israel, o verdadeiro Israel. E agora o Novo Israel está pronto para o Pentecostes.

Os nomes são muito importantes no mundo antigo hebraico. Eles geralmente refletiam o caráter significativo, a história ou o significado daquilo a que estavam ligados. Três Escritas hebraicas utilizaram três nomes separados para a Festa de Shavuot, que em hebraico significa: "Semanas". Cada nome enfatizava uma faceta diferente de sua observância. A designação hebraica mais comum foi Hag Hashavuot, que significa: "A Festa das Semanas". Sheva significa sete, Shavu'ah significa semana, e Shavuot significa semanas. Shavuot foi chamado de Festa das Semanas, porque sete semanas foram contadas da Festa dos Primeiros Frutos até a observação desta festa.

O significado primário da festa foi refletido no nome hebraico, Yom Habikkurim, ou o "Dia dos Primeiros Frutos", já que Shavuot foi o dia em que as primeiras ofertas de frutos da colheita de trigo de verão foram trazidas para o Templo:

“Também guardarás a festa das semanas, que é a festa das primícias da sega do trigo, e a festa da colheita no fim do ano”.

(Êxodo 34:22)

Assim, Shavuot marcou o INÍCIO DA COLHEITA DE VERÃO, mesmo quando a primeira Festa dos Primeiros Frutos de Israel marcou o início da COLHEITA DA PRIMAVERA.

A terceira designação, Hag Hakatzir (Hog ha kot-seer) ou "A Festa das Colheitas", refletiu o fato de que este festival foi o início oficial da safra do verão. Além das designações bíblicas, o Talmud e Josefo se referiram a este festival como Atzeret, que significa: "CONCLUSÃO". Eles viram Shavuot como a conclusão da temporada da Páscoa e da safra de primavera de sete semanas, uma vez que não há outros grandes dias sagrados judeus até o outono.

Na língua grega, Shavuot era conhecido como Pentecostes, o que significa: "quinquagésimo" desde que foi celebrado no dia 50 da Festa dos Primeiros Frutos. Cinquenta dias tem a fragrância do Jubileu. Jubileu é um conceito de cinquenta anos que tem a ver com a libertação dos cativos.

“Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão”.

(Levítico 23:15)

Em que data Shavuot foi celebrado? O Tanakh não oferece um lugar explícito no calendário judaico. Em vez disso, deve ser chegado contando sete semanas após o início do Omer, *nos* Primeiros Frutos. Então, esta festa vem cinquenta dias após *a dos* Primeiros Frutos, que também não tem data. A medida da cevada, que foi trazida ao Templo como uma primeira oferta de frutos na Festa dos Primeiros Frutos, era conhecida como omer (hebraico: "medida, gaveta"). Uma vez que esta contagem dos dias foi para começar com a oferta do omer, este período de 50 dias também é conhecido como O OMER .

A História da Festa de Shavuot

No terceiro mês depois que os israelitas deixaram o Egito, chegaram ao deserto do Sinai e acamparam em frente ao Monte Sinai. Moisés foi então dito por Deus para reunir os israelitas para receber a Lei:

“Ao terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no mesmo dia chegaram ao deserto de Sinai,

Porque partiram de Refidim e entraram no deserto de Sinai, onde se acamparam. Israel, pois, ali se acampou em frente ao monte.

E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel:

Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim;

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.

E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel”.

(Êxodo 19:1-6)

O versículo 6 faz lembrar algo? Escrevendo aos crentes, Pedro diz:

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz...”.

(1ª Pedro 2:9)

Crente, entenda isso: somos Israel - Israel verdadeiro, o povo de Deus. Vamos voltar para Êxodo:

“E veio Moisés, e chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado.

Então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo”.

(Êxodo 19:7,8)

Moisés deu aos israelitas dois dias para se purificar, lavar a roupa e se preparar para receber a Lei no terceiro dia. Ao mesmo tempo, Moisés disse-lhes que não chegassem perto do Monte Sinai. Desde o início da manhã, nuvens densas cobriram o pico da montanha. Trovões e raios foram frequentemente vistos e ouvidos. O som do shofar (chifre de carneiro) veio muito forte, e o topo da montanha estava envolvido em fogo e fumaça. Os israelitas, ao pé do Monte Sinai, ficaram maravilhados:

“E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.

E o somido da buzina ia crescendo cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta”.

(Êxodo 19:18,19)

Moisés então subiu sozinho no monte, e quando ele se aproximou do topo, uma voz poderosa anunciou os Dez Mandamentos (Êxodo 19:20-25; 20:1-21). Nenhuma data está realmente associada à doação do Decálogo na Bíblia. No entanto, pergunte a qualquer observador israelita sobre este evento e ele irá dizer-lhe que é comemorado cinquenta dias após a Festa dos Primeiros Frutos.

Então, um evento histórico muito notável aconteceu no primeiro Shavuot, e essa foi a doação dos Dez Mandamentos. Israel chegou ao Monte Sinai no terceiro dia do terceiro mês (Êxodo 19:1). O Senhor visitou o povo três dias depois (Êxodo 19:10-17). Portanto, a Lei foi dada por Deus no sexto dia do terceiro mês do calendário religioso bíblico, que é o mês de Sivan (maio-junho). Este dia é exatamente 50 dias a partir do cruzamento do Mar Vermelho.

Shavuot é chamado de estação da entrega da Torá em hebraico, porque este é o dia literal em que Deus se revelou ao povo de Israel enquanto estavam na base do Monte Sinai. O Shavuot no Monte Sinai às vezes é considerado o dia em que o judaísmo nasceu. A tradição rabínica diz que a Torá foi realmente dada no sexto de Sivan, o Shabat seguindo a nova lua de Sivan naquele ano (o que tornaria a lua nova de Sivan segunda-feira (Shabat 86b)).

Shavuot e o Fermento

Na Páscoa, o fermento foi absolutamente proibido (Êxodo 12:15,19-20), e na oferta regular de refeições, não foi permitido fermento (Levítico 2: 1,4-5, 11). Vimos no nosso último estudo que o fermento representa influência. Pode ser uma boa influência ou uma má. A Páscoa e os Pães ázimos seriam sem fermento, no Pentecostes, Deus ordenou exatamente o contrário:

“Das vossas habitações trareis dois pães de movimento; de duas dízimas de farinha serão, levedados se cozerão; primícias são ao Senhor”.

(Levítico 23:17)

Os serviços do Templo para Shavuot seguiram o mesmo padrão que o da Festa dos Primeiros Frutos, já que os dois dias sagrados foram celebrados com ofertas de primeira fruta. No entanto, a oferta para Shavuot foi única. Consistia em dois pães longos e planos, de pães de trigo, comandados pelo Senhor. Os pães não foram queimados, porque o Senhor proibiu o fermento no altar:

“Nenhuma oferta de alimentos, que oferecerdes ao Senhor, se fará com fermento; porque de nenhum fermento, nem de mel algum, oferecereis oferta queimada ao Senhor”.

(Levítico 2:11)

Em vez disso, esses pães e dois cordeiros, como oferta de paz, formaram a OFERTA MOVIDA para Shavuot. O sacerdote agitou-os diante do altar para frente e para trás, depois para cima e para baixo. Depois, eles foram reservados para "o sacerdote" (Levítico 23:20), e formaram a refeição festiva comida por sacerdotes mais tarde naquele dia no Templo.

Então, em Shavuot, eles agitariam dois pães de fermento. Por que os pães são fermentados? Como dissemos em nosso estudo sobre Pães sem fermento, o fermento representa influência. Eles não tomariam fermento do Egito, eles deveriam romper com a influência do Egito. Agora, por que dois pães levedados? Eu acho que estes representam ambas as casas de Israel que devem influenciar o mundo com a Palavra de Deus.

Durante a contagem do Omer, o Salmo 67 foi recitado diariamente porque é composto de exatamente 49 palavras hebraicas que correspondem aos 49 dias da contagem de Omer. O Salmo é sazonalmente apropriado devido ao seu motivo de colheita. É espiritualmente apropriado porque fala claramente da salvação de Deus (Jesus) sendo divulgada em toda a Terra.

“Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe; e faça resplandecer o seu rosto sobre nós (Selá.)

Para que se conheça na terra o teu caminho, e entre todas as nações a tua salvação.

Louvem-te a ti, ó Deus, os povos; louvem-te os povos todos.

Alegrem-se e regozijem-se as nações, pois julgarás os povos com equidade, e governarás as nações sobre a terra. (Selá.)

Louvem-te a ti, ó Deus, os povos; louvem-te os povos todos.

Então a terra dará o seu fruto; e Deus, o nosso Deus, nos abençoará.

Deus nos abençoará, e todas as extremidades da terra o temerão”.
(Salmos 67:1-7)

Assim, no ano em que nosso Senhor foi crucificado, eles estão recitando este Salmo todos os dias quando eles vêm a Shavuot ou Pentecostes.

O antítipo da Nova Aliança de Shavuot é o Pentecostes

Quando você ouve a palavra "Pentecostes", o que você lembra? Línguas? Dons Espirituais? O que deveria ter em mente é o nascimento da Igreja; o início da Nova Aliança. Jesus foi crucificado na Páscoa, que deu à Israel libertação na Festa dos Pães ázimos, Ele ressuscitou na Festa dos Primeiros Frutos. Então, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus, a Nova Aliança prometida chegou à festa de Shavuot/Pentecostes. Você vê que toda a mensagem cristã está nas festas? Esta não é a Teologia da Substituição, mas a Teologia do Cumprimento. O cristianismo é o cumprimento das promessas de Deus a Israel, porque somos o verdadeiro Israel. Cada peça da Bíblia cristã se enquadra no quadro do mundo hebraico.

Shavuot foi uma festa particularmente importante nos dias da Bíblia. Das sete festas divinamente designadas que foram dadas a Israel, mas apenas TRÊS foram decretadas por Deus como "FESTAS SOLENES". Sua presença na Cidade Sagrada nas três principais festas foi em obediência à Torá como Deus ordenou a Moisés:

“Três vezes no ano todo o homem entre ti aparecerá perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher, na festa dos pães ázimos, e na festa das semanas, e na festa dos tabernáculos; porém não aparecerá vazio perante o Senhor...”.

(Deuteronômio 16:16)

Isso realmente cobre todas as festas da primavera. A Páscoa e os Pães ázimos são praticamente uma festa de oito dias. A Festa dos Primeiros Frutos ocorre no meio do Pão ázimo. Então, parece que eles deveriam estar em Jerusalém para todas as festas da primavera.

O historiador romano Tácito, falando da festa de Shavuot, escreveu:

“A Cidade Santa, com uma população de cerca de seiscentos mil, explodiu entre dois e três milhões por causa dos peregrinos”.

Agora, como Israel está reunido para esta festa, observe o que acontece:

“E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar;

E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.

E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”.

(Atos 2:1-4)

Com um toque de ironia divina, no próprio dia em que os judeus de todo o mundo se reuniram em Jerusalém para reafirmar seu compromisso com a Aliança de Moisés, o Espírito Santo desceu sobre Israel para oferecer a promessa da Nova Aliança a todos os que crerem. Esta Nova Aliança, diferente da primeira aliança, é escrita no coração.

O povo hebreu reuniu-se para o Festival de Shavuot como faziam todos os anos por mil anos. Mas desta vez não era um ensaio, era o antítipo. A profecia que eles vieram ensaiar estava sendo cumprida. Este dia eles se tornariam os "primeiros frutos"; membros de uma nova Igreja, a Igreja de Deus, a Igreja de Jesus, o Messias. Havia uma nova mensagem para um novo povo, seria ouvida em todos os idiomas e por todas as pessoas. Os estudiosos cristãos marcam esse histórico Pentecostes em Jerusalém como o "aniversário espiritual da igreja".

“E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar...”.

(Atos 2:1)

"... Todos juntos em um lugar" - vejo isso como uma referência ao Templo onde eles estavam regularmente reunidos para oração:

"E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém".

(Lucas 24:53)

Por que Lucas não diz em Atos 2:1 que eles estavam no Templo? Eu acho que é porque o foco de Lucas não está no antigo templo físico, mas no novo templo espiritual. O templo judeu agora está sendo substituído pelo templo de Seu povo que logo se tornará a morada de Deus:

"E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo".

(2ª Coríntios 6:16)

O que Paulo está citando aqui?

"E o meu tabernáculo estará com eles, e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

E os gentios saberão que eu sou o Senhor que santifico a Israel, quando estiver o meu santuário no meio deles para sempre.

(Ezequiel 37:27,28)

A Nova Aliança chegou no Pentecostes. O centro de sua adoração não será mais o antigo Templo, mas o lugar de oração e adoração pelo Espírito, onde quer que estejam. O antigo Templo está sendo "deixado para trás".

"E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados".

(Atos 2:2)

O fenômeno de Pentecostes foi espetacular. Primeiro, houve um som alto, como o som de um vento poderoso e apressado. Não havia vento, apenas o som. Este som talvez "tornado" parece ser aquele que atraiu a grande multidão para o lugar onde os discípulos estavam reunidos. Pentecostes foi uma experiência audiovisual. A palavra usada para o vento aqui é interessante. Não é a palavra usual para o vento. A palavra grega usada aqui é *pnoe*. É usado apenas uma outra vez no Novo Testamento:

“Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração (*pnoe*), e todas as coisas...”.

(Atos 17:25)

Aqui significa: "respiração" e é paralelo com "vida". Esta palavra é comum na Septuaginta, onde muitas vezes é traduzida: "sopro de vida" (eg Gênesis 2:7; 7:22; 2º Samuel 22:16; Salmo 150:6; Isaías 42: 5; 57:16). Em Gênesis 2:7 é o sopro da vida respirada no homem para dar vida. Lucas usa esta palavra particular aqui para esticar a respiração viva de Deus, simbolizada pelo vento. Isso levaria imediatamente os pensamentos daqueles que conheciam suas Escrituras para outro momento, quando o sopro de Deus surgiu como um vento poderoso. Em Ezequiel 37:5-10, Israel foi comparado a um vale de ossos secos, que permaneceu morto até *que* o vento de Deus revitalizou o povo. O vento soprou sobre eles e eles viveram pelo sopro de Deus. A imagem é de Deus dando vida a pessoas espiritualmente mortas. É a transmissão da vida é a ressurreição espiritual. Os discípulos estavam sendo capacitados para trazer a vida aos ossos mortos de Israel. Deus está respirando em Seu povo e iniciando sua nova criação, que finalmente resultará no Novo Céu e na Nova Terra (Isaías 65:17-19, 66:22).

“E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados”.

(Atos 2:2)

Observe que este vento encheu a " Casa " - a pergunta que é feita aqui é que casa? Nos escritos de Lucas, o Templo é referido em outro lugar como "a Casa" (Lucas 11:51): "sua Casa de [Jerusalém]" (13:35; Atos 7:47-50); enquanto ele se refere a casas particulares, ele geralmente nos diz de quem é a casa (12:12; 18: 7; 21:8). Lucas descreve em outro lugar o Templo, em palavras de Jesus, como a "Casa da oração" (Lucas 19:46).

Na área do templo, além do lugar sagrado e da corte dos sacerdotes, havia um pátio para os homens de Israel, um pátio adicional que as mulheres também podiam entrar e um tribunal externo para os gentios. Cada pátio estava cercado por muros em que havia grandes pórticos onde as pessoas se reuniam regularmente para a oração. Havia trinta quartos espaçosos em torno do Templo, descritos por Josefo e chamados oikoi, casas. Mais tarde, estes se tornaram um lugar de encontro geral para os discípulos (Atos 3:1, 10-11; 5:12).

Sua presença neste momento no Templo explicaria como a multidão se reunia tão rapidamente e podia testemunhar o "som" (2:6), e como um grande grupo de discípulos poderia estar juntos (120). Mas Lucas evita estressar o Templo porque ele não quer sugerir que o Templo se tornou o centro do cristianismo.

“E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles”.

(Atos 2:3)

Qual é o significado dessas línguas? Ao longo das Escrituras, o fogo pode ser visto como um sinal da presença de Deus entre Seu povo. Você lembra que quando Deus veio e falou com Moisés, ele disse: "Moisés, eu quero que você seja meu líder", como ele falou com ele? Fora do que? Um arbusto ardente. Havia fogo. Deus regularmente revelou Sua presença por "fogo". Ele fez isso com Abraão (Gênesis 15:17); Quando Deus conduziu o povo de Israel para fora do Egito, houve uma coluna de fogo que foi antes deles. Significou a presença de Deus (ex., Êxodo 13:22) no Sinai (Êxodo 19:18; 24:17) e no

Tabernáculo (Êxodo 40:38), e Moisés poderia dizer que Deus "falou do fogo na montanha" (Deuteronômio 4:11) na entrega da aliança, para que não vejam semelhança de Deus, só ouviu a voz dele. Moisés declarou: "Nosso Deus é um fogo consumidor" (Deuteronômio 4:24). Da mesma forma em Ezequiel 1:27; 8:2 Deus se revela em "semelhança da aparência do fogo"; enquanto em Isaías 4:5 Deus deve ser um fogo flamejante que brilha sobre o Seu povo, quando Ele os cobre com Sua proteção. Isso sugere que o fogo está aqui *como* um símbolo da presença de Deus.

O Fogo pode ser um sinal de julgamento?

Gênesis 11:7-9 (Torre de Babel)
Línguas como sinal de julgamento.

Isaías 28:11-13
Línguas para o Povo de Deus (Judeus)

Fogo = Condenação/Julgamento/purificação (Isaías 66:15-16 e Zacarias 13:9)

Deus usa o fogo para condenação e purificação (Gênesis 19:24 e Jeremias 6:9)

Aparece 365 vezes no V.T. e 76 vezes no N.T.

Nota: mesmo quando é usado como purificação há sempre o aspecto de julgamento envolvido. Usando o princípio da Hermenêutica! Lei da Primeira referência! Definindo que o sentido simbólico da Bíblia é constantemente o de sua primeira ocorrência, podendo haver outros, sem entretanto perder-se o primeiro significado. Vemos o uso das línguas como julgamento em Gênesis 11:7-9. Em Atos 2:3 vemos línguas como que de fogo repartidas sobre cada um dos discípulos.

Notemos a menção feita nos quatro evangelhos a respeito do Batismo com o Espírito Santo:

Mateus 3:11: "...vos batizará com o Espírito Santo e com fogo..."
(Mateus 3:7 fariseus e saduceus);

Marcos 1:8: "...vos batizará com o Espírito Santo...";

Lucas 3:16: "...vos batizará com o Espírito Santo e com fogo..." (ler versos 7-8-9);

João 1:33: "...esse é o que batiza com o Espírito Santo...".

Somente em Mateus e Lucas encontramos o termo Espírito Santo e fogo? Onde na ocasião os Fariseus vieram ao batismo realizado por João Batista. Existe então uma clara distinção entre o batismo com Espírito Santo? E o batismo com fogo? O primeiro é ligado ao depósito celestial e o segundo ao fogo inextinguível (Mateus 3:12 e Lucas 3:17). Podemos confirmar essa posição em Atos 1:5 e 11:16. E o Batismo com fogo? Está em oposição ao do Espírito Santo que é sinônimo de condenação/julgamento.

O Dom de Línguas Estrangeiras

O dom das línguas, que foi concedido aos homens pela primeira vez no dia de Pentecostes, foi uma doação milagrosa que permitia que aqueles que o receberam falassem em línguas que não eram familiares, idiomas que nunca tinham aprendido. Por isso, eles estavam habilitados a declarar as boas novas às pessoas com quem eles não poderiam se comunicar.

O registro encontrado em Atos 2 fornece uma descrição clara da natureza desse presente. Nós lemos que havia em Jerusalém naquela época homens devotos "de todas as nações sob o céu", e que, quando a multidão se uniu, ficaram confusos, "porque todos os ouviram falar na própria língua" (Atos 2:5, 6). Assim, a característica proeminente e essencial do dom das línguas era que permitia aos discípulos dirigir-se aos estrangeiros, "cada um em sua própria língua".

Além disso, está gravado para a nossa iluminação de que "Todos ficaram maravilhados, dizendo um ao outro: Eis que não são todos aqueles que falam Galileus? E como ouvimos todos nós em nossa própria língua em que nascemos: Partos e Medos e os elamitas" - chamados os seis países - "nós os ouvimos falar em nossas línguas as maravilhosas obras de Deus "(vv 7-11).

A vinda do Espírito Santo foi o início dessa era nova e maravilhosa que João Batista havia anunciado (Mateus 3:11). O Senhor havia previamente instruído seus discípulos para que sua missão especial fosse pregar o arrependimento e a remissão dos pecados em Seu Nome entre todas as nações, começando em Jerusalém; mas eles deveriam aguardar naquela cidade até que fossem dotados de poder do alto (Lucas 24:47-49); pois o Evangelho deveria ser pregado, não com mero poder humano, mas "com o Espírito Santo enviado do céu" (1ª Pedro 1:12). É, portanto, um fato muito impressionante que a maneira pela qual o Espírito Santo manifestou Sua presença era pela aparência de línguas como de fogo, descansando sobre cada um dos discípulos e pela concessão de poder de pregar a todos homens que estavam reunidos em Jerusalém para observar a festa de Pentecostes, cada um em sua própria língua. Este foi um milagre muito significativo. Proclamou de forma impressionante, primeiro que a grande obra desta era para a qual o Espírito Santo havia chegado, é a pregação do ressuscitado Jesus de Nazaré como Senhor e Cristo (Atos 2: 32-36); e segundo, que este glorioso evangelho fosse proclamado a "toda nação debaixo do céu", para que todos os homens o ouvissem na língua materna.

Deve-se notar que, nos Atos 2, e onde quer que a palavra "língua" seja usada nessa conexão nas Escrituras, significa simplesmente um idioma, assim como geralmente dizemos "a língua inglesa", "a língua francesa", etc. Em 1ª Coríntios 14, onde ocorre a expressão "língua estranha", verá que a palavra "estranha" é impressa em *itálico*, mostrando que não ocorre no texto original. Essa palavra fornecida enganou alguns. A expressão significa simplesmente uma língua estrangeira.

Essa habilidade sobrenatural para se dirigir a um estrangeiro em sua própria língua serviu também o propósito (juntamente com outros milagres que abundaram naquele momento) de atestar esta nova era e essa nova mensagem (o Evangelho), como sendo de Deus. Sem tais manifestações da presença e do poder de Deus trabalhando em e com aqueles galileus obscuros, não poderia ter sido evidenciado para judeus e gentios que Deus realmente estava introduzindo uma nova ordem de coisas. Que o principal objetivo dos milagres era autenticar a pregação da "grande salvação, que primeiro começou a ser dita pelo Senhor", é declarada em muitas Escrituras, como em Hebreus 2:3, 4, onde lemos esse Deus também testemunhando (com seus pregadores) por meio de "sinais e maravilhas, e com vários milagres e presentes do Espírito Santo, de acordo com a própria vontade".

Que dons tão extraordinários foram necessários no início da nova era é óbvio. A este respeito, temos um paralelo no início da era da lei, quando Deus fez grandes sinais e milagres no Egito e no deserto. Essas manifestações cessaram quando realizaram seu propósito.

Línguas: Um Sinal de Maldição e Benção do Pacto

Deus não tem por costume surpreender seu povo com o inusitado e inesperado. A extensa história de preparação através do Antigo Testamento tinha por propósito suavizar o trauma potencial da *encarnação* do Filho de Deus. Dificilmente encontraremos uma doutrina ou experiência cristã no Novo Testamento que não tenha sua contraparte no Antigo Testamento. A tênue formação das sombras precede a esplendorosa irrupção da realidade. Com o propósito de assegurar a compreensão adequada do contexto, Deus cuidadosamente envolve com cuidados a entrada de sua verdade no mundo.

A história da salvação

Este "princípio de preparação", de forma clara, teve proeminente papel no exercício do dom carismático das línguas. No dia de Pentecostes, Pedro apontou imediatamente para o profeta Joel como uma figura do Antigo Testamento que antecipara muito especificamente o derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne. A conexão estabelecida por Pedro entre o Pentecostes e o Antigo Testamento é fartamente conhecida.

Não ocorre da mesma maneira com a conexão feita por Paulo. De forma interessante, Paulo relaciona o Antigo Testamento explicitamente com o dom de línguas, por sua vez, Pedro aplica ao fenômeno das línguas do Pentecostes uma profecia geral do Antigo Testamento que *está* relacionada diretamente com as línguas.

A passagem de Paulo, frequentemente passada por alto, está incrustada no âmago de sua exposição sobre as línguas em Corinto. De forma *sui generis*, Paulo estabelece ponto de apoio para a solução do problema do povo neotestamentário nas Escrituras inspiradas do Antigo Testamento. Por que caso sejam necessárias respostas precisas para os problemas que surgem dentro do povo de Deus, no Novo Testamento, estas devem ser buscadas nos documentos autoritativos do povo de Deus no velho pacto.

Em 1 Coríntios 14:20-22 encontra-se o comentário pertinente de Paulo, a saber:

“Irmãos, não sejais meninos no juízo, na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos.

Na lei está escrito: Falarei a este povo em outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.

De sorte que as línguas constituem um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, mas para os que creem”.

Observa-se que no primeiro termo Paulo identifica as línguas como sinal de cumprimento do pacto. A citação que o apóstolo aplica ao

fenômeno corrente das línguas origina-se de Isaías 28:11. No entanto, o processo de antecipação veterotestamentária das línguas não pode ficar restrito a Isaías. Quando o profeta anuncia que uma nação estrangeira vai transpor as fronteiras de Israel, balbuciando uma língua estranha, está aplicando simplesmente ao seu dia a maldição do pacto em Deuteronômio 28:49:

“O Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o vôo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás”.

Línguas: sinal do juízo divino

O juízo de Deus sobre o povo desobediente viria por meio de uma nação estrangeira. O sinal do juízo do pacto de Deus sobre Israel será o som de língua estranha. O contexto da alusão de Isaías à maldição do pacto de Deuteronômio é evidência plena de que o próprio profeta entendia que estava anunciando o cumprimento do juízo do pacto divino sobre seu povo. Examine-se de novo Isaías 28:9 e os versículos seguintes. O profeta pergunta: "A quem pois se ensinaria o conhecimento? E a quem se daria entender o que se ouviu?" (v. 9a). Isaías responde sua própria pergunta chamando atenção para o fracasso que se experimentou ao tentar a comunicação da mensagem de Deus para o povo rebelde.

A resposta infantil do povo ofende a Deus seu Criador. Age como se fossem crianças, lactantes, recém desmamados (v. 9b). Como "eles não quiseram ouvir" (v. 12), Deus devia falar-lhes como se estivessem ainda aprendendo a falar por meio de rimas infantis:

“preceito sobre preceito
regra sobre regra
regra e mais regra
um pouco aqui, um pouco ali”.

Em hebraico:

“sav lasav
sav lasav
kav lakav
kav lakav" (vv. 10, 13)

Qual seria o resultado desta deliberada regressão à infância por parte de Israel? Qual foi a consequência desse infantilismo? Isaías adverte aos seus ouvintes. Caso persistam em suas atitudes infantis e imaturas pretendendo não escutar nem entender, Deus lhes falaria com juízo apesar de sua condição infantil. Sua voz soaria como as palavras de um adulto imitando uma criança. Em lugar de comunicar-se com eles claramente, em sua língua nativa, falaria "por língua estranha a este povo" (v. 11). O que seria na realidade a maldição do pacto proferida por Moisés. Uma nação cuja língua não era sua língua viria sobre eles para executar a ira e a maldição de Deus. Sua relação favorável para com eles terminaria através de um povo cuja língua não poderiam entender. Deus falaria em acentos desconhecidos, "para que vão, e caiam para trás, e se quebrem, se enlacem, e sejam presos" (v. 13).

A ameaça de Isaías no sentido de que Deus realizaria as maldições do pacto proferidas Deuteronômio sobre Israel, falando a eles por "lábios gaguejantes e língua estranha" (v. 11), alcança um desdobramento posterior e mais amplo nos versículos imediatamente seguintes do capítulo. Ou seja, Isaías 28:16, que diz:

“Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada, aquele que crê não foge”.

Reconhece-se imediatamente este versículo como uma passagem de particular importância para os escritores do Novo Testamento. Paulo, em Romanos 9:31-33, explica o tropeço de Israel à luz desta passagem de Isaías. Mesmo a parábola de Cristo que dramatiza o arrebatamento do reino de Israel baseia-se no contexto veterotestamentário da pedra

angular que também opera como pedra de escândalo para Israel (Mateus 21:42-46). Este uso amplo da mensagem de Isaías 28 no Novo Testamento, aplicando-a ao caso da relação distintiva de Deus com Israel, corrobora o sentido da citação paulina das maldições do pacto na medida em que estas estão relacionadas com o fenômeno das línguas. As línguas não chegaram a ser uma surpresa para o povo de Deus. Ao contrário, tem o objetivo definido de ser sinais do pacto. Quando as línguas ocorreram, o Juízo de Deus sobre Israel fez parte da história da redenção. As línguas servem como um sinal da maldição do pacto.

O problema de Corinto no contexto histórico redentivo

Sendo que esta perspectiva sobre o papel das línguas é bastante nova, o ponto de partida desta discussão deve ressaltado de novo. É Paulo, quem, ao tratar o problema das línguas em Corinto, cita a sentença de Isaías para explicar o significado das línguas. Um exame mais cuidadoso do contexto da citação de Paulo, pode servir para reforçar a conexão do argumento de Paulo com o de Isaías. Paulo começa em 1^a Coríntios 14:20 interrompendo sua discussão sobre as línguas para exortar seus leitores a não ser "meninos" no juízo. Os coríntios estavam agindo flagrantemente como meninos ao ostentarem o dom de línguas. Estavam praticando o dom de forma imatura, sem restrições, e sem fazer considerações adequadas sobre o seu papel intrínseco no propósito de Deus.

Com especial interesse notamos a semelhança de contextos em Isaías e Paulo. O problema de Isaías era o infantilismo da nação israelita; o problema de Paulo, o infantilismo da igreja de Corinto. Ao estabelecer sua ênfase num contexto comparável com o de Isaías, Paulo reforça o peso de suas palavras. Os coríntios indiretamente recebiam a exortação de não cair no mesmo erro em que caíra o velho Israel.

Ao mesmo tempo, a semelhança de contextos entre Isaías 28 e 1ª Coríntios 14 sugere claramente que Paulo sabia o que estava fazendo quando citava Isaías 28:11, acerca do juízo de Deus para com Israel "em lábios gaguejantes e língua estranha". Não se trata de que Paulo cite um aforismo isolado para aplicá-lo tendenciosamente a essa circunstância. Ele sabia muito bem que as línguas em Isaías apareceram como um sinal de maldição do pacto. Entendia que o juízo de Israel era o tema que se estava tratando. Em síntese, Paulo citava a Isaías 28:11 precisamente porque entendia o fenômeno das línguas do Novo Testamento como o clímax do cumprimento da profecia do Antigo Testamento.

Israel recebeu nos dias do Antigo Testamento o juízo ao qual Moisés e Isaías se referiram. Ambos profetizaram que, como resultado da desobediência do pacto, o sinal de balbuciar línguas se escutaria em sua terra. Suas profecias se unificaram por uma confirmação posterior feita através de um terceiro profeta, contemporâneo ao fato histórico do cumprimento. Moisés falou no Século XV a.C. a respeito de um povo com língua estranha que viria para o juízo sob Israel (Deuteronômio 28:49). Isaías no Século VIII a.C. profetizou com a mesma perspectiva. No tempo do cativeiro de Israel, Jeremias reiterou a mesma mensagem:

“Eis que trago sobre ti uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o SENHOR; nação robusta, nação antiga, nação cuja língua ignoras; e não entendes o que ela fala”.

(Jeremias 5:15)

Esta tríplice profecia dos Séculos XV, VIII e V, antes de Cristo, encontrou seu cumprimento inicial quando os "balbuciantes" babilônios avançaram sobre Israel. Mas, Paulo diz que este sinal de maldição do pacto sobre Israel chega ao clímax de seu cumprimento na manifestação do dom de línguas da era do Novo Testamento. O juízo de Deus sobre Israel no ano 586 a.C. foi somente a antecipação de juízos ainda mais severos pronunciados por Cristo mesmo: “Eis aqui a vossa casa vos ficará deserta” (Lucas 13:35).

Agora pois, de que forma as línguas serviram como um sinal do juízo do pacto para com Israel?

As línguas em Pentecostes; clímax do cumprimento profético

Num sentido bem literal, as "línguas" de Pentecostes representaram o arrebatamento do reino das mãos de Israel para destiná-lo aos povos de todas as nações. Com efeito, todos os que presenciarem o fenômeno de Pentecostes eram de ascendência israelita. O caráter superabundante da graça divina em nenhuma parte é mais claro do que na salvação dos israelitas. Da mesma maneira o significado das línguas é bem claro. Deus não queria continuar confinando-se a um povo apenas, e comunicando-se a uma só língua. Não era da vontade de Deus continuar enclausurando sua obra de graça salvadora através de uma nação em particular. Ao invés disso, agora, Deus falará em todas as línguas a todos os povos da terra. Do mesmo modo, dirige-se a todas as nações do mundo. As línguas, assim, servem como um sinal do pacto. As línguas indicam a concretização da maldição de Deus sobre Israel, devido a sua infidelidade perante o pacto.

Evidentemente, a magnitude da graça de Deus claramente se vê no cumprimento amplo da salvação representado pelo dom de línguas. Sem dúvida alguma, as línguas servem simultaneamente como sinal de maldição e de benção do pacto. Deus se volve de Israel para todas as nações. O sermão de Pedro em Pentecostes analisa o dom de línguas como evidência do derramamento do Espírito sobre toda a carne. Mas o significado completo todavia estava por vir. Por outro lado, Paulo estabeleceu só meio da sua citação do Antigo Testamento que as línguas são sinal de maldição e de benção do pacto. Esta é uma perspectiva equilibrada que se deve levar em conta.

O caráter de sinal presente no fenômeno das línguas.

Vale notar o papel que as línguas desempenham no pacto que resulta igualmente significativo constatar o seu caráter de sinal. Depois de citar Isaías 28:11, Paulo oferece sua própria versão interpretativa. "As línguas", diz Paulo, "constituem em sinal". Tanto a natureza essencial das línguas, como o contexto da citação paulina do Antigo Testamento, que já se discutiu antes, corroboram a precisa definição do "caráter de sinal" das línguas. As línguas servem, pois, de sinal para indicar que o plano redentor de Deus deslocou da atividade centrada nos judeus, para uma atividade que *embarca* todas as nações do mundo.

Os profetas do Novo Testamento apropriam disso de forma repentina e espontânea declarando a obra magnífica de Deus nas línguas de toda a humanidade. O sinal é inequívoco. Ocorreu a transição, Deus deixará de falar na língua exclusiva de um só povo para fazê-lo depois nas muitas línguas dos mais variados povos da terra. O sinal das línguas é um sinal de transição. Um novo dia despontou para o povo de Deus.

Indicou-se anteriormente que o contexto da citação de Paulo em Isaías 28 tem a ver com o juízo de Deus para com Israel, pela dureza de seu coração. A referência à "preciosa pedra angular" de Isaías 28:16, tal como é empregada no Novo Testamento, corrobora a ideia resultante do contexto da citação de Paulo a respeito da remoção do reino das mãos de Israel. As "línguas" têm neste contexto a função de um "sinal". Sinal do cumprimento do juízo de Deus sobre Israel. Sinal da maldição do pacto realizada sobre Israel. Sinal da mudança de tratamento exclusivo de Deus com uma nação em sua linguagem especial para a manifestação aberta de Deus aos homens de todas as nações, comunicando-se com eles em suas próprias línguas.

É possível que esta perspectiva ilumine os comentários subsequentes do apóstolo. Paulo diz que as línguas são sinal "não para os crentes, mas para os incrédulos" (1 Co. 14:22). Pois bem, o que pode significar

estas palavras? É essencial notar que Paulo liga imediatamente esta asseveração com sua citação de Isaías. "De sorte que", posto que, o caráter de juízo das línguas se manifesta no contexto do pacto do Antigo Testamento, "as línguas constituem um sinal... para os incrédulos". Em virtude de seu papel particular, como selo do juízo de Deus sobre Israel, o povo incrédulo, as línguas comunicam uma mensagem especial aos incrédulos em geral, sejam judeus ou gentios. As línguas devem ser levadas em conta, especialmente pelos incrédulos. As línguas dão testemunho da fidelidade de Deus às suas palavras de maldição no pacto.

Israel persistiu em sua incredulidade e Deus cumpriu o juízo anunciado. As línguas dão testemunho do juízo de Deus sobre Israel. Era claro que Deus não haveria de continuar a tratar de forma exclusiva com uma só nação. Por meio das línguas ele anuncia sua comunicação aos homens de todas as nações. Por sua vez, as línguas anunciam ao incrédulo as dimensões universais da graça de Deus. Uma transição teve lugar. A intenção da graça de Deus foi exposta. Deus explicitou sua determinação de falar na linguagem dos homens que se encontram em todo o *globo terrestre*.

De modo que as línguas são para os incrédulos. Serve inicialmente como uma clarinada evangélica. Quando se trata propriamente com o pano de fundo da perspectiva veterotestamentária, as línguas dão seu testemunho e sinal ao incrédulo. No entanto, este sinal de transição tem um papel de menor importância para quem entra na comunidade dos crentes. "As línguas constituem sinal... para os incrédulos" (1ª Coríntios 14:22). Deus não apresentou o dom de línguas para a edificação sólida do crente. Por sua própria natureza, as línguas têm um papel concreto a ocupar na história da redenção. Como a maioria dos sinais, as línguas orientam ao longo do caminho. Uma vez, porém, tendo sido ultrapassada a placa sinalizadora, cessa sua função.

"E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem".

(Atos 2:4)

Todos estão "cheios" com o Espírito Santo. Eles estavam sob a orientação completa, direção e controle do Espírito Santo. Atos 2:1-4 como um todo está descrevendo o "batismo [baptizo] no Espírito Santo" de Atos 1:5. É a chegada de Deus pelo Seu Espírito em Seu poder permanente e presença distintiva em Seu povo, para nunca deixá-los.

A quem foi dada a promessa do Espírito? Israel. Pentecostes é o cumprimento dessa promessa, e a Igreja - o verdadeiro Israel, é seu destinatário.

Pentecoste Tipo e Antítipo

Cinquenta e quatro dias após a primeira Páscoa no Egito, a Lei foi dada à nação de Israel no Monte Sinai, escrita sobre mesas de pedra. Cinquenta e quatro dias após a Páscoa final, Jesus foi sacrificado e a Lei foi dada ao "Israel de Deus", escrito em seus corações pelo Espírito de Deus (2ª Coríntios 3:3), cumprindo assim a promessa de Deus a Israel:

“Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”.

(Jeremias 31:33)

No primeiro Shavuot, a Lei foi dada; 3.000 pessoas morreram por adorarem o bezerro de ouro, significando a aliança da Lei que trouxe a morte (Êxodo 32:28, 2ª Coríntios 3:16-18). No primeiro dia de Shavuot/Pentecostes da Nova Aliança, o Espírito foi dado; 3.000 pessoas receberam vida e foram adicionadas à Igreja de Jesus o Cristo (Atos 2:41), significando que a aliança do Espírito trazia a vida:

“O qual nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica”. (2ª Coríntios 3:6)

Nós vemos aqui que a Nova Aliança é VIDA, mas as velha é morte:

“E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos na face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, a qual era transitória...”.

(2ª Coríntios 3:7)

Na primeira ocasião, e 50 dias após a Festa dos Primeiros Frutos, Deus desceu a Moisés no Monte Sinai para trazer a Lei. Ao dar a Lei, Deus estabeleceu a nação de Israel. Como Seu povo da aliança, eles estavam destinados a se tornar um povo manifestando a justiça de Deus. Eles se tornariam um "sacerdócio real e uma nação santa". Tanto a doação da Lei no Monte Sinai quanto a entrega da Nova Aliança através do Espírito Santo foram eventos que ocorreram no mesmo dia do calendário lunar, o sexto de Sivan, o Dia de Pentecostes.

Pentecostes era o cumprimento, o antítipo, do tipo dado a Israel. Foi o nascimento da Igreja de Jesus o Cristo. Deus agora deveria habitar, não em uma tenda, mas com o Seu povo. Nós, a Igreja, somos o Novo Israel de Deus e em nós todas as promessas feitas aos Pais são cumpridas. A entrega da Torá no Monte Sinai envolveu o sacerdócio Aarônico, o sistema sacrificial, o Tabernáculo, os dias do sábado, as festas, as leis civis e cerimoniais e os Dez Mandamentos (Êxodo 19:17,20; 20:1,21-22; 21:1-2,12; 22:1,16; 23:10-11,14; 24:1-8,12,18; 25:1,8-9,40; 28:1; 31:12-18; 32:1; 34:27-28; Hebreus 8:1-6; 9:1-12,15,18-24; 10: 1,10; 13:20). Estas coisas foram dadas por Deus como uma sombra das coisas vindouras (Hebreus 10:1) para nos ensinar (Gálatas 3:24) sobre Jesus e a obra redentora de Deus (Colossenses 2:16-17). Shavuot foi o nascimento da congregação no deserto (Atos 7:38). As coisas dadas no Monte Sinai eram divinas e de Deus, mas apresentadas de maneira física (Hebreus 9:1) para nos permitir compreender as verdades espirituais que Deus queria nos comunicar (1 Pedro 2:5-9). Então Deus deu a Israel a Aliança; a Torá; os serviços;

os oráculos de Deus; e as promessas (Romanos 9: 4-5; 3:2), que eram divinas (Hebreus 9:1), no Monte Sinai para nos ensinar sobre Jesus:

“Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito”.
(Salmos 40:7)

O Tanakh devia nos apontar para Cristo. É tudo sobre Jesus!:

“Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo”.

(Gálatas 3:16)

Todas as promessas que Deus fez a Israel são cumpridas em Cristo. Todos os crentes estão em Cristo e compartilham tudo o que Cristo é e tem.

Para o Israel natural, a Páscoa era sua liberdade da escravidão do Egito (Êxodo 12). O Pão ázimo era a separação da terra do Egito na imersão (batismo) no Mar Vermelho e na Nuvem no deserto (1ª Coríntios 10:1-2). Os Primeiros Frutos foi uma garantia da próxima safra. Finalmente, Deus conduziu o povo ao monte Sinai (Êxodo 19:1), onde eles experimentaram Shavuot (Pentecostes), e Deus se revelou ao povo de uma forma cada vez mais profunda do que nunca antes.

Os Festivais da Primavera foram cumpridos por Jesus, que era nosso Cordeiro da Páscoa, que morreu no dia da Páscoa, que trouxe a libertação da escravidão do pecado durante a Festa dos Pães ázimos. Jesus surgiu como os Primeiros Frutos da colheita de cevada; Ele mesmo sendo o primeiro a ressuscitar da morte. Finalmente, a Nova Aliança prometida chegou durante a Festa de Pentecostes para reunir todos os crentes em Cristo para ser a Colheita de Primavera de Deus na Terra. À medida que estas quatro festas descrevem em detalhes os eventos significativos durante a primeira vinda do Messias, quando Ele veio para redimir o homem de volta a Deus após a queda do homem no Jardim do Éden, veremos que os Festivais de Outono nos dão uma

visão e entendimento tremendo sobre os eventos da parousia em 70 d.C.

6

Festa das Trombetas

(Levítico 23:23-25)

Estamos estudando as "Festas do Senhor" encontradas em Levítico 23. O estudo dessas festas é um estudo em tipologia. A hermenêutica tipológica envolve sinais de explicação no Tanakh como eventos de pregação e pessoas na Nova Aliança. Essas sete festas representam e tipificam a sequência, o tempo e o significado dos principais eventos da história redentora do Senhor. Eles começam no Calvário, onde Jesus voluntariamente se entregou pelos pecados do mundo (Páscoa) e o clímax está na consumação do Reino Messiânico na Parousia do Senhor (Tabernáculos). Essas sete festas retratam toda a carreira redentora do Messias.

“Depois falou o SENHOR a Moisés, dizendo:
Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: As solenidades do Senhor, que convocareis, serão santas convocações; estas são as minhas solenidades:”

(Levítico 23:1,2)

As palavras "tempos designados" são do hebraico *mow'ed*, o que significa: "horários fixos, para atender a um tempo determinado" Esta palavra aparece em Gênesis 1:14:

“E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos”.

(Gênesis 1:14)

A palavra "sinal" é da palavra hebraica oth, que significa "o sinal" ou "o selo". Examinando as letras hebraicas da palavra oth, recebemos alef, o que significa: "líder", vav que significa "unha", e tav significa: "cruzar". O sol, a lua e as estrelas eram o primeiro e mais um "sinal" do "elenco do líder" [ed] [para a] cruz". Como as luzes celestes apontam para o Messias? Espere. A palavra "estação" é o hebraico mowed, o que significa: "tempos designados". As Festas apontam para o Messias, e dependem da lua e do sol. Então, o sol, a lua e as estrelas são colocadas onde estão para a determinação bíblica das Festas do Senhor, que apontam para o Messias, o Líder pregado na cruz. Isso nos mostra quão importantes são essas festas.

Estudamos as quatro Festas da Primavera até este ponto - Páscoa, Pão ázimo, Primeiros Frutos e Pentecostes. Essas quatro festas foram um prenúncio profético da primeira vinda do Senhor Jesus. Elas falaram de Sua morte, libertação, ressurreição e o advento da Nova Aliança.

As restantes três festas que estudaremos serão as festas de outono, que foram um prenúncio profético da parousia em 70 d.C. Como preteristas parciais, não podemos confundir a parousia no ano 70 d.C. com o Retorno (parousia) Final de Cristo no último dia, quando Ele virá física e visivelmente. A Festa das Trombetas, o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos começaram cerca de 4 meses após o fim dos Festivais da Primavera. As três dessas festas ocorreram no mês de Tishri no calendário hebraico, que seria setembro ou outubro em nosso calendário. Estas três festas falam da consumação da redenção após o derramamento da ira de Deus, e o Novo Céu e a Terra, que é tipificado pela Festa dos Tabernáculos.

Entre Pentecostes e Trombetas houve um intervalo de tempo de cerca de 4 meses. Estes meses no meio eram historicamente os meses

mais secos do ano para Israel. Não houve convocações sagradas - quando a nação se reuniu diante de Deus e Seu santuário.

Esta lacuna pode ser vista como sendo tão profética de forma negativa, assim como o resto das festas são positivamente proféticas. A nação recém-redimida de Israel experimentou a Páscoa através do Pentecostes - de deixar o Egito, seu lugar de escravidão, até receber a aliança de Deus no Sinai. No entanto, através da incredulidade e da teimosia (exceto Josué e Calebe), eles vagaram pelo deserto por quarenta anos, e foi uma geração diferente que entrou na Terra Prometida e celebrou Tabernáculos. Assim, este intervalo de quatro meses pode ser visto como um lembrete desse êxodo de quarenta anos.

Tipologia e Quarenta

De todos os tipos e sombras do Tanakh, nenhum é tão penetrante e, portanto, importante, como as sombras reveladas na relação entre "quarenta" e o cumprimento das promessas.

Em todo o Tanakh encontramos esse uso do número quarenta. Exemplos desse uso são os quarenta dias e noites em que Deus fez chover sobre a face da terra; também, no cumprimento dos reinados de Saul, Davi e Salomão (Atos 13:21; 2º Samuel 5:4). Além disso, vemos o número quarenta usado como uma sombra temporal na duração da pregação de julgamento de Jonas aos ninivitas (Jonas 3:4) e o número de dias que os espiões de Canaã procuraram na terra (Números 13:25). Havia quarenta dias de jejum por Elias, Moisés e Cristo.

A Nova Aliança sublinha a importância deste número tipológico. Cristo jejuou por quarenta dias e quarenta noites e continuamente pregava que a geração (quarenta anos), então, viva, veria o julgamento de Deus. Na verdade, Cristo pregou o mesmo julgamento sobre a cidade que Jonas fez. Também pode ser significativo que o período desde o tempo da morte de Jesus até o momento da destruição de Jerusalém foi quase exatamente quarenta anos, simplesmente porque,

na Bíblia, o número "quarenta" é frequentemente usado para denotar um período de tempo em que uma mudança ocorre.

Portanto, em Gênesis 7:4 lemos as chuvas do dilúvio *caindo* por quarenta dias até que a superfície da terra se mudasse radicalmente, e em Números 13:25, que quarenta dias foi o período em que a nação de Israel mudou de ser um povo que estava disposto a entrar e tomar posse da terra prometida para um povo que não conseguiu acreditar em Deus em Sua Palavra.

Os três períodos de quarenta anos na vida de Moisés (Atos 7:23,30,42) também marcaram três mudanças distintas (o período da corte egípcia, como pastor beduíno/midianita e como líder da nação no deserto) enquanto a cidade de Nínive era o período de tempo no final do qual eles deveriam ser julgados (Jonas 3:4).

Encontramos o tipo mais significativo de todos nos quarenta anos de peregrinação no deserto que levam à posse da terra prometida. De fato, o próprio Paulo escreveu que os eventos circundantes do deserto "eram nossos exemplos" (1ª Coríntios 10:6), e que "eles estão escritos para nossa admoestação, sobre quem os fins do mundo [aion-Era] vieram" (v.11).

Uma das primeiras lições que um aluno de tipos e sombras aprenderá é o lugar elevado dado ao Êxodo no Egito. É este evento que apresenta as correspondências mais claras ao trabalho redentor de Cristo e ao cronograma de sua realização. Para ser mais específico, o êxodo do Egito e a terra prometida pelos filhos de Israel sob Moisés é uma sombra direta do êxodo da geração do Novo Testamento, desde a cruz até a entrada na eterna terra do repouso.

Vejam algumas comparações entre os dois períodos de êxodo de quarenta anos. O primeiro foi precedido pela escravidão física - a escravidão dos hebreus no Egito. O segundo foi precedido pela escravidão espiritual, a escravidão do homem ao pecado e à morte. Um apresentou a primeira Páscoa com o sangue de cordeiros. O outro cumpriu o tipo com o sacrifício do último cordeiro da Páscoa (Jesus):

“Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós”.

(1ª Coríntios 5:7)

Um trouxe a libertação física do povo de Deus atravessando o Mar Vermelho. O outro trouxe o povo de Deus libertação espiritual pelo trabalho da cruz de Cristo. O primeiro estabeleceu um contrato temporário de Deus com as pessoas que Ele escolheu - a Antiga Aliança. O segundo estabeleceu um contrato permanente - a Nova Aliança.

Cinquenta e quatro dias após a primeira Páscoa no Egito, a Lei foi dada à nação de Israel no Monte Sinai, escrita sobre tábuas de pedra. Cinquenta e quatro dias após a Páscoa final foi sacrificada, a Lei foi dada ao "Israel de Deus", escrito em seus corações pelo Espírito de Deus (2ª Coríntios 3:3, Hebreus 8:10). Muito poucos discordariam que os pontos acima são o cumprimento das sombras dadas no momento do Êxodo. Mas a correlação não para com o funcionamento inicial do êxodo, mas continua com a entrada na terra do descanso temporal, quarenta anos depois. Assim como os filhos da fé foram autorizados a entrar na terra temporal do repouso pela primeira vez, os filhos da fé na geração diretamente seguindo a cruz de Cristo foram autorizados entrar na eterna terra do repouso. Com cada aliança, um período de transição de 40 anos seguiu o ato inicial de libertação até a entrada na terra prometida.

A cidade que Abraão estava procurando era a Jerusalém celestial. O escritor relata:

“Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos;

À universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados...”.

(Hebreus 12:22,23)

A partir desses versículos, podemos ver a descrição diferente da mesma entidade; a cidade, o reino, a Jerusalém celestial, a igreja e o monte de Sião. Todos eles têm sua realização na Nova Aliança, como estabelecido no primeiro século. Isso contrastava com a antiga, física, terrestre cidade de Jerusalém. Os crentes entre o povo de Israel não receberam as promessas da terra prometida quando entraram na Palestina (Hebreus 4:6-9). Esta promessa foi em relação ao cumprimento da redenção e da vida eterna no Reino de Deus, cuja plenitude foi corporalmente dada a todos os crentes no final dos quarenta anos, desde a cruz até à destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Durante ambos os períodos, as pessoas viram as obras de Deus durante quarenta anos (Hebreus 3:9, Atos 2:17-21); Deus manifestou-se a Seu povo por meio de sinais e maravilhas; no deserto sob a liderança de Moisés, o maná diário, o material milagroso de água ou carne, e o aparecimento da nuvem e do pilar ardente revelaram a presença de Deus. No período de transição para a Nova Aliança, os apóstolos tiveram dons especiais de cura, profecia e milagres, e testemunharam a vinda do reino de Deus e a destruição dos ímpios (1ª Coríntios 14:22).

Durante os dois períodos, os ímpios foram cortados dentre os justos e não foram permitidos entrar na terra da promessa (Hb 3:11,17, Mateus 12:30, 13:49). Começando com o cumprimento da Páscoa na morte de Cristo, a calamidade cairá sobre o Israel carnal como resultado. A morte de Cristo continha uma benção da salvação para o Israel espiritual, mas para o Israel nacional da carne, isso traria calamidade. Isso é evidente a partir de Mateus 21:33-41, em que a parábola dos latifundiários ensina que o cumprimento da Páscoa, sendo o assassinato do Filho, não traria um adiamento das promessas do reino, como argumenta o Dispensacionalista, mas a destruição total sobre o Israel segundo a carne. Nos versículos 42-44, afirma-se que neste ponto o reino seria dado aos outros que não o Israel nacional, ele seria dado para uma nação espiritual frutífera de Deus; a Igreja. (cf. Daniel 7:22)

No final do primeiro período de quarenta anos, os israelitas de fé entraram na terra temporal da promessa em que Deus lhes permitiu

derrotar seus inimigos físicos. No final do segundo período de quarenta anos, a obra redentora estava completa, e o povo de Deus entrou na sua eterna terra prometida, em que Deus lhes permitiu derrotar seus inimigos espirituais (Daniel 7:22).

Mas perceba que mesmo após o Israel físico entrar na terra prometida, o povo ainda teve muitos inimigos a derrotar, e assim também seria com o Israel Espiritual, que terá seu último inimigo derrotado apenas no Retorno Final de Jesus, onde a morte, o último inimigo, será destruída na parousia Final de Cristo. (1ª Coríntios 15:26,54-57).

Observe que se a parousia de Mateus 24:30-34) ainda não ocorreu, todos os crentes ainda estão à espera da herança da terra prometida (ver Daniel 7:22). Mas acreditamos que a parousia aconteceu e foi cumprido todos os aspectos da "sombra do êxodo", usando a mesma cronologia no primeiro século, como Ele fez na sombra inicial.

As ilustrações físicas na Antiga Aliança são cumpridas em cada caso pelas realidades espirituais da Nova Aliança. O segundo é uma aliança eterna, com vitória sobre a escravidão espiritual e a morte espiritual, trazendo a libertação eterna através de uma Páscoa espiritual, resultando em nossa nova vida eterna e salvação eterna. Cristo permitiu a entrada de Seu povo santo na terra prometida através de Sua própria presença (parousia)!

Todos esses tipos e sombras, exibidos no Êxodo, encontraram sua realização no êxodo do povo de Deus, desde a escravidão do pecado até o eterno descanso em Cristo. Embora temos a expectativa do Retorno Final de Cristo no último dia, onde todas essas bênçãos eternas CONTINUARÃO, afinal elas são eternas, não podemos deixar de apreciar do que temos agora em Cristo - a vida eterna em Seu reino.

Deixe-me dizer algo sobre as datas. As primeiras quatro festas foram cumpridas no exato dia das sombras. Então, eu assumiria que as três últimas também seriam. Como o Canon foi fechado antes da conclusão das últimas três festas, não temos registro de sua realização. O que nós sabemos com certeza é que elas deveriam ser cumpridas com o período de quarenta anos, que começou no Pentecostes.

O calendário judaico é um calendário lunar-solar, embora seja principalmente lunar, com cada mês começando na Lua Nova. O problema com calendários estritamente lunares é que há aproximadamente 12,4 meses lunares em cada ano solar, então um calendário lunar de 12 meses perde cerca de 11 dias por ano e um calendário lunar de 13 meses gera cerca de 19 dias por ano. Os meses em tal calendário "deriva" em relação ao ano solar. Em um calendário de 12 meses, o mês de Nisan, que deveria ocorrer na primavera, ocorre 11 dias antes de cada ano, eventualmente ocorrendo no inverno, na queda, no verão e na primavera novamente. Para compensar essa deriva, um mês extra foi ocasionalmente adicionado; um segundo mês de Adar. O mês de Nisan ocorreria 11 dias antes por dois ou três anos e, em seguida, iria avançar 29 ou 30 dias, equilibrando a deriva.

De acordo com <http://www.hebcal.com>, em 70 d.C., o 1º de Tishrei foi em 22 de setembro. Mas eles adicionam este aviso: "AVISO: Resultados para o ano 1752 CE e antes podem não ser precisos. Hebcal não leva em conta uma correção de dez dias que foi introduzida pelo papa Gregório XIII conhecido como a Reforma Gregoriana".

Então, o que estou tentando dizer aqui é que tentar colocar dias de calendário solar exatos com estas últimas três festas é quase impossível. Portanto, desconfie daqueles que tentam dar dias de calendário solar exatos para esses eventos. Essas festas, como ensinamos, são duas festas literárias celebradas em Israel todos os anos e TIPOS do calendário profético de eventos de Deus para a Igreja. No final da estação seca vieram as festas de outono.

A primeira das festas de outono é a festa das trombetas:

“E falou o Senhor a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso, memorial com somido de trombetas, santa convocação.

Nenhum trabalho servil fareis, mas oferecereis oferta queimada ao Senhor”.

(Levítico 23:23-25)

“Semelhantermente, tereis santa convocação no sétimo mês, no primeiro dia do mês; nenhum trabalho servil fareis; será para vós dia de sonido de trombetas”.

(Números 29:1)

"Dia para soprar" é o hebraico " yom teruah", que é um nome hebraico para esta festa. Das sete festas, todas são descritas com algum detalhe, com exceção da Festa das Trombetas. O registro bíblico para a observação da festa das trombetas não é longo nem complicado. Israel simplesmente foi comandado para memorializar o dia soprando trombetas e manter o dia como um dia sábado de descanso. Esta festa é conhecida no judaísmo como Rosh Hashaná, mas nunca é conhecida por esse nome na Escritura. Rosh Hashanah literalmente significa: "Cabeça do Ano". No entanto, essa designação não foi aplicada a esta festa até ao menos no século II d.C., mais de 1.500 anos após a instituição do feriado. O momento dessa festa coincidiu com o início do Ano Novo civil de Israel.

Na Bíblia, é referido como Zikhron Teruah, ou o Memorial de sopro de trombetas (Levítico 23:24), e Yom Teruah, o Dia do sopro de trombetas (Números 29:1). A "Festa das trombetas" é um dia de trombetas sonoras no Templo e em toda a terra de Israel. Após a destruição do Templo em 70 d.C., a observância desta festa, como todas as festas, foi radicalmente alteradas. Sem um Templo e um sistema de sacrifício, essas festas não podiam mais ser observadas, o que deixa claro que estas festas TODAS terminaram com a destruição de Jerusalém e a parousia de Cristo no ano 70 d.C.

A observância real da Festa das Trombetas é registrada apenas uma vez na Escritura. Esdras, o escriba, relatou que foi durante a Festa das Trombetas que o altar do Templo foi reconstruído, e os sacrifícios foram reinstituídos por aqueles que retornaram do exílio da Babilônia (Ed 3:1-6). Neemias registrou que esse avivamento arrebatador também aconteceu em Israel no mesmo dia em que Esdras ensaiou a lei de Deus aos ouvidos do povo (Neemias 7:73-8:13).

Há várias coisas sobre esta festa que deve despertar nosso interesse. Primeiro, esta festa foi celebrada no primeiro dia do mês. Em segundo

lugar, esta festa deveria ser celebrada no primeiro dia do sétimo mês. Em terceiro lugar, a festa foi marcada por um sopro de trombetas. A palavra hebraica aqui é *teruah*, o que significa: "um alarme, um sinal, um som de tempestade, um grito, um grito ou explosão de guerra, alarme ou alegria". Por que isso significa que esta festa foi no primeiro dia do mês? A festa das trombetas é a única das sete festas que começou no primeiro dia do mês. Os meses hebraicos começaram na Lua Nova. As outras festas ocorreram em direção ao meio dos respectivos meses, quando a lua estava cheia (ou quase cheia). As noites estariam cheias de luz da lua. Na Lua Nova, a lua é ESCURA e apenas uma linda crescente. O início de cada mês era originalmente dependente do avistamento da Lua Nova quando a lua era apenas uma crescente; as noites seriam escuras, com pouca luz da lua. O tempo preciso da Lua Nova nem sempre foi facilmente determinado devido às condições climáticas e à falta de testemunhas.

Duas testemunhas concordantes visando o primeiro fragmento da Lua Nova determinaram cada novo mês. As duas testemunhas veem a Lua Nova e atestam isso antes do Sinédrio no Templo. Isso pode acontecer durante dois dias, dependendo de quando as testemunhas vierem. Como ninguém sabia quando as testemunhas viriam, ninguém sabia quando a Festa das Trombetas começaria. Após a aparição da Lua Nova foi confirmada, então a Festa das Trombetas poderia começar, e o resto das Festas de Outono poderia ser calculado com precisão a partir dessa data. A Festa das Trombetas também é considerada um sábado cerimonial, e nenhum trabalho deve ser feito. Portanto, todos os preparativos para a Festa das Trombetas devem ser feitos com antecedência. Como ninguém sabia o dia exato da aparência da Lua Nova, Ele manteve as pessoas em permanente estado de alerta. Eles sabiam aproximadamente quando a Lua Nova se revelaria, mas eles não conheciam a hora exata de sua aparição.

A vigilância foi um ingrediente crítico desta festa. Os rabinos adicionaram um segundo dia a esta festa para se certificar de que não sentiram falta disso. Esta necessidade de vigilância e preparação em conexão com a Festa das Trombetas é ecoada e reocupada em todo o Novo Testamento em conexão com a vinda do Senhor:

“Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor”.

(Mateus 24:42)

O Sétimo Mês - devemos ver imediatamente o significado do sétimo mês. Como o sétimo mês deste mês foi reservado como um mês sabático. O Senhor ordenou o sétimo dia como o dia de sábado, o dia do repouso (Êxodo 20:8-11). O dia do sábado devia ser um dia de descanso e lembrança do que Deus havia feito. Não só haveria um Dia de Sábado, mas também um Ano de Sabático (Levítico 25:1-7) e um ano de Jubileu (Levítico 25:8-17), ano seguinte a sete séculos de anos. O Ano Sabático e o Ano do Jubileu foram tempos de descanso, redenção e liberdade. Durante as duas vezes, todos descansaram. Durante o sexto ano, Deus prometeu uma porção tripla, o suficiente para levar as pessoas para o sétimo e oitavo anos.

O sétimo mês foi especial da mesma forma. Durante o sétimo mês, ocorreram as festas de outono muito especiais: as festas das trombetas, o dia da expiação e a festa dos tabernáculos. Quase todo o mês foi reservado para essas três festas. O que é especial sobre o sopro de trombetas? Existem basicamente dois tipos de trombetas em Israel: trombetas feitas de chifres de carneiro, ou as trombetas de shofar e prata. O shofar era uma trombeta curvada formada a partir de um chifre de carneiro. Na língua hebraica, o shofar (trombeta do chifre do carneiro) era claramente distinto de um keren, o "chifre de um animal", quando não usado como instrumento musical. O chifre do carneiro veio de algum tipo de sacrifício do novilho ou do carneiro. Os chifres do carneiro foram especialmente usados para explodir a nota de gritar na queda das paredes de Jericó. Era a trombeta de Jubileu. As trombetas construídas a partir de chifres de vacas foram rejeitadas devido à lembrança do culto idólatra de Israel ao bezerro dourado na região selvagem. O chifre do carneiro foi visto como um lembrete muito mais agradável da libertação de Deus de Isaque através do carneiro preso por seus chifres no mato.

Quando o Senhor designou o primeiro de Tishri como um "dia de sopro" e um "memorial de sopro", o tipo de trombeta para a Festa das Trombetas não foi especificamente identificado. Quase sem exceção, a observância histórica e a tradição rabínica especificavam o shofar (chifre de carneiro), não as trombetas de prata dos sacerdotes, como o principal instrumento pretendido pelas Escrituras. Talvez o motivo original para especificar o chifre do carneiro seja encontrado no anúncio do Ano do Jubileu. A Escritura designou o shofar (chifre do carneiro), não a trombeta de metal precioso, como a trombeta a ser tocada em Yom Kippur. A cada 50 anos, este shofar anunciou a chegada do Ano do Jubileu, no qual os escravos foram libertados e os campos ficaram descansados do ciclo agrícola.

Além da cerimônia de sacrifício, a trombeta teve vários usos para a nação de Israel. Os dois usos principais foram reunir uma assembléia diante do Senhor, e soou um alarme para avisar o povo daquilo que estava por vir (Números 10:2-4,9). A festa das trombetas é o dia escuro de Israel. Ocorreu na Lua Nova quando a luz noturna principal dos céus está escurecida. Os profetas de Israel repetidamente advertiram sobre um próximo dia de julgamento para a nação. Foi chamado de "o dia de Javé ". Era para ocorrer no final da era judaica. O Dia de Javé foi um tempo em que o Senhor derramou a Sua ira sobre Israel.

O profeta Amós falou deste dia sombrio de julgamento:

“Ai daqueles que desejam o dia do Senhor! Para que quereis vós este dia do Senhor? Será de trevas e não de luz.

É como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se entrando numa casa, a sua mão encostasse à parede, e fosse mordido por uma cobra.

Não será, pois, o dia do Senhor trevas e não luz, e escuridão, sem que haja resplendor?”

(Amós 5:18-20)

Vemos em Joel que a trombeta foi usada para inaugurar o dia de Javé:

“Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR vem, já está perto...”.

(Joel 2:1)

Mencionamos anteriormente que a Festa das Trombetas é o único dia de festa para começar quando a lua está escura. Observe o que Sofonias diz:

“O grande dia do Senhor está perto, sim, está perto, e se apressa muito; amarga é a voz do dia do Senhor; clamará ali o poderoso.

Aquele dia será um dia de indignação, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas,

Dia de trombeta e de alarido contra as cidades fortificadas e contra as torres altas”.

(Sofonias 1:14-16)

Esta passagem de Sofonias é apenas uma das muitas que fala do dia do Senhor como um dia de trevas e um dia em que o shofar soa. À medida que o escurecimento da lua nos céus da noite anunciava a Festa das Trombetas, também os céus deveriam escurecer-se divinamente quando o Dia de Javé começou:

“O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”.

(Joel 2:31)

No Novo Testamento, a trombeta deveria ser soprada para reunião dos eleitos:

“E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus”.

(Mateus 24:31)

Essa trombeta é descrita em Mateus 24.30, veja isto no comentário de Gary DeMar:

“A “grande trombeta” é o chamado do Evangelho. Remete a Números 10.1- 10 onde trombetas de prata foram feitas para chamar o povo à adoração e para cadenciar sua marcha. Também se refere ao Jubileu, o ano em que a terra voltava para os donos originais, o ano em que Satanás é desapossado e Cristo reclama para si o mundo (At 3.19-21). O ano do Jubileu significou a vinda do Reino de Cristo, e foi anunciado por trombetas (Lv 25.8-17; Lc 4.16- 21; Is 61.1-3). A voz dos mensageiros do Evangelho atua de forma similar ao som da trombeta chamando o povo ao arrependimento: “Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados” (Is 58.1; v. Tb. Jr 6.1; Ez 33.3-6; Rm 10.18).

A trombeta também é usada para reunir a nação como povo unificado: “E será, naquele dia, que o Senhor padejará o seu fruto desde as correntes do rio até o rio do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. E será, naquele dia, que se tocará um grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que foram desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao SENHOR no monte santo, em Jerusalém” (Is 27.12,13). O ajuntamento se dá desde a Assíria até o Egito, lugares aonde os judeus foram levados em cativeiro. Edward J. Young escreveu: “Esse linguajar figurado simboliza o chamado para o retorno. Não devemos conceber uma trombeta literal soprada”.

Sabemos que as Festas da Primavera foram cumpridas com a morte, e a ressurreição de Jesus e o nascimento da Igreja. Jesus, o Cordeiro de Deus, cumpriu a Páscoa quando foi oferecido como um sacrifício pelos nossos pecados na festa da Páscoa. Ele cumpriu a Festa dos Pães ázimos quando livrou Seu povo de seus pecados. Ele cumpriu Primeiros Frutos quando Ele ressuscitou. Sabemos que a Festa das Semanas foi cumprida com o início da Nova Aliança, cinquenta dias depois. As quatro Festas da Primavera foram cumpridas na primeira

vinda de Jesus, e as três Festas de outono foram cumpridas na parousia em 70 d.C.

O *toque* do shofar é uma espécie de *toque* que chamou de fiel casa para estar com o Senhor, mas também é um tipo de shofar que foi criticado para julgar a nação Israel que se recusou a vir a Cristo. Em suma, vemos a Festa das Trombetas cumprida na ressurreição de Israel e o Dia do Senhor. Ambos são anunciados pelo *toque* do shofar.

A Bíblia geralmente fala de homens e anjos tocando trombetas, mas apenas duas vezes é registrado que Deus sopra uma trombeta. Em ambos os casos, é o shofar. A primeira ocasião foi no Monte Sinai, quando o Senhor se revelou do céu e se preparou para levar a nação sob a Antiga Aliança. A glória do Senhor desceu com uma tempestade ardente e com o som do shofar (Êxodo 19:18-20).

A segunda ocasião em que Deus soprou o SHOFAR estava na parousia do Messias. O Senhor desceu do Céu como um redemoinho, as nuvens de Sua glória, fogo e o SOM DA TROMPETA. O profeta Zacarias declara:

“E o SENHOR será visto sobre eles, e as suas flechas sairão como o relâmpago; e o Senhor DEUS fará soar a trombeta, e irá com os redemoinhos do sul”.

(Zacarias 9:14)

Os rabinos antigos citaram repetidamente este versículo em conexão com a vinda do Messias:

“E é o chifre do carneiro que o Santo, abençoado seja Ele, está destinado a soprar quando o filho de Davi, nosso justo, se revelará, como é dito: “E o Senhor nosso Deus soprará o chifre”.

(Tanna deve Eliyahu Zutta XXII)

Estas últimas três festas são um pouco mais difíceis de adotar quanto ao seu antítipo, porque não têm nenhuma referência bíblica quanto à sua realização. A Bíblia está em silêncio sobre a realização da Nova Aliança, porque nenhum livro da Bíblia foi escrito após o ano 70 d.C.

Mas sabemos que o padrão estabelecido pelas Festas da Primavera é continuado nas Festas de Outono.

Nós vemos o tipo deste banquete, no capítulo 6 de Josué, com a destruição de Jericó no final do êxodo de quarenta anos. SETE sacerdotes, com a Arca de Deus no meio, marcharam com sete trombetas ao redor da muralha de Jericó por 6 dias. No sétimo dia, eles marcharam em torno de SETE TEMPOS. No final da marcha, as trombetas foram sopradas, as pessoas gritaram, e Deus fez cair os muros de Jericó. A vitória foi COMPLETA.

Os acontecimentos de Jericó ofereceram uma imagem gráfica e uma profecia real de eventos no fim da era judaica, quarenta anos após o Pentecostes, quando havia sete anjos com sete trombetas de condenação e julgamento:

“E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas”.

(Apocalipse 8:2)

Naquele tempo, a grande e poderosa cidade de Babilônia (Jerusalém) de repente caiu:

“Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande cidade de Babilônia, aquela forte cidade! pois em uma hora veio o seu juízo”.

(Apocalipse 18:10)

Acompanhado por um grande grito no céu:

“Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela”.

(Apocalipse 18:20)

O nome "Josué" vem do hebraico Yehoshua. O nome de Joshua (Josué) às vezes aparece em sua forma abreviada como "Yeshua" (Neemias 8:17). Como em Josué, a destruição da cidade veio ao som

das trombetas, então, no final da era judaica, a destruição de Jerusalém ocorreu quando Jesus soou a trombeta.

Outro nome para Rosh HaShanah é 'Yom HaDin', o Dia do Juízo. Os justos estão separados e estarão com Deus. Os malvados e os incrédulos enfrentaram a ira de Deus na queda de Israel, durante o período da tribulação. Nós vemos o antítipo espiritual da Festa das Trombetas na queda de Jerusalém e na parousia de Cristo no ano 70 d.C. Assim, no sopro da trombeta, em Mateus 24, a cena foi estabelecida, e Cristo cumpriu a festa. Adivinha que mês foi quando Jerusalém caiu? (Tishrei geralmente ocorre em setembro-outubro no calendário gregoriano).

A Festa das Trombetas, o Dia da Expição e os Tabernáculos da festa ocorrem no SÉTIMO mês. O número sete é o número de perfeição e plenitude. Nestas festas, o crente é levado à plenitude da Divindade.

7

Festa do Dia da Expição (parte 1) (Levítico 23:26-32)

Estamos estudando as "Festas do Senhor" encontradas em Levítico 23. O estudo das festas é um estudo em tipologia. Estas festas foram dadas a Israel por Deus, para que Seu povo pudesse entender a vinda de Cristo e o papel que Cristo desempenharia ao redimir o homem de volta a Deus após a queda do homem no Jardim do Éden. Embora a maioria dos crentes da Bíblia tenha ouvido falar das festas, o significado profundo e a importância dessas festas são quase universalmente não compreendidas.

O apóstolo Paulo escreveu aos crentes gentios que as festas do Senhor, a Lua Nova e os Dias do sábado eram uma sombra das coisas que ensinam sobre Cristo (Colossenses 2:16-17). Jesus foi a substância ou o cumprimento do plano maior que Deus revelou e prenunciou nestes sete importantes festivais. Essas sete festas representam e tipificam a sequência, o tempo e o significado dos principais eventos da história redentora do Senhor.

Estudamos as quatro Festas da Primavera - Páscoa, Pão ázimo, Primeiros Frutos e Pentecostes. Essas quatro festas foram um prenúncio profético da Primeira Vinda do Senhor Jesus, o Cristo. O antítipo da Páscoa foi a morte de Cristo no Calvário. O antítipo da Festa dos Pães ázimos foi a libertação que Ele comprou. O antítipo de

Primeiros Frutos foi a ressurreição de Cristo. O antítipo de Pentecostes foi a chegada da Nova Aliança.

As festas de outono eram um prenúncio profético da parousia de Cristo em 70 d.C. Até agora, nós apenas olhamos para a primeira festa de outono, que foi a festa das trombetas. O antítipo da Festa das Trombetas foi a destruição de Jerusalém e a reunião dos eleitos que ocorreram em 70 d.C. As duas festas restantes são o Dia da Expição e os Tabernáculos.

Ouça, crentes, a maioria de todos os teólogos concorda que estas sete festas se relacionam com esses eventos redentores, mas não conseguem ver a tipologia do êxodo de quarenta anos. Portanto, eles ainda estão procurando as Festas de outono para ocorrer no futuro. Eles separaram as festas de outono das festas da primavera por milhares de anos, o que destrói muitos tipos diferentes dados no Tanakh; o principal sendo o êxodo do Egito. O livro de Hebreus deixa claro que o êxodo e quarenta anos são um tipo que é cumprido na Nova Aliança.

Vejam a sexta festa do Senhor, que é Yom Kippur ou o Dia da Expição:

“Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Mas aos dez dias desse sétimo mês será o dia da expiação; tereis santa convocação, e afligireis as vossas almas; e oferecereis oferta queimada ao Senhor.

E naquele mesmo dia nenhum trabalho fareis, porque é o dia da expiação, para fazer expiação por vós perante o Senhor vosso Deus.

Porque toda a alma, que naquele mesmo dia se não afligir, será extirpada do seu povo.

Também toda a alma, que naquele mesmo dia fizer algum trabalho, eu a destruirei do meio do seu povo.

Nenhum trabalho fareis; estatuto perpétuo é pelas vossas gerações em todas as vossas habitações.

Sábado de descanso vos será; então afligireis as vossas almas; aos nove do mês à tarde, de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado”.

(Levítico 23:26-32)

Então, no capítulo 16, onde a cerimônia para Yom Kippur é apresentada, diz:

“E isto vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez do mês, afligireis as vossas almas, e nenhum trabalho fareis nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós”.

(Levítico 16:29)

O Dia da Expição foi o sexto dia sagrado instituído de Israel e ocorre no outono do ano. No calendário hebraico, cai no décimo dia de Tishri, o sétimo mês hebreu, que corresponde aproximadamente a setembro ou outubro. "O Dia da Expição" é o equivalente em português para Yom Kippur. Kipur é da raiz hebraica kaphar, que significa: "cobrir". Portanto, a palavra expiação significa simplesmente uma cobertura. Foi em Yom Kippur que uma expiação (cobertura) foi feita para os pecados do ano anterior. A expiação, ou cobertura, consistiu em sacrifício de sangue de um animal inocente.

O tipo

Yom Kippur foi o dia mais solene do ano para o povo de Israel. Muitas vezes, simplesmente era referido como "O Dia". Foi um dia que a expiação foi feita para o sacerdote e sua família, a comunidade, o Lugar Santíssimo, a tenda das reuniões e o altar. Foi um dia solene.

“E, passado muito tempo, e sendo já perigosa a navegação, pois, também o jejum já tinha passado, Paulo os admoestava...”.

(Atos 27:9)

Yom Kippur foi designado por Deus como um dia em que "Você afligirá suas almas". Por definição, entendeu-se isso: "jejum". Yom Kippur não foi o único jejum no judaísmo, mas foi o único ordenado nas Escrituras. O israelita que não conseguiu se dedicar ao jejum e ao arrependimento em Yom Kippur deveria ser "cortado de seu povo" (Levítico 23:29). Yom Kippur também foi um dia com proibições

contra todas as formas de trabalho. Aqueles que também escolheram ignorar este regulamento sofrerão a pena de morte (Levítico 23:30).

Yom Kipur também foi um dia muito solene para o sacerdócio de Israel. Somente nesse único dia do ano, o sumo sacerdote permitiu entrar no Santo dos Santos no Templo e comparecer perante a presença da glória de Deus. Nós vemos o serviço para Yom Kippur em Levítico 16:

“E falou o SENHOR a Moisés, depois da morte dos dois filhos de Arão, que morreram quando se chegaram diante do SENHOR.

Disse, pois, o Senhor a Moisés: Dize a Arão, teu irmão, que não entre no santuário em todo o tempo, para dentro do véu, diante do propiciatório que está sobre a arca, para que não morra; porque eu aparecerei na nuvem sobre o propiciatório.

Com isto Arão entrará no santuário: com um novilho, para expiação do pecado, e um carneiro para holocausto.

Vestirá ele a túnica santa de linho, e terá ceroulas de linho sobre a sua carne, e cingir-se-á com um cinto de linho, e se cobrirá com uma mitra de linho; estas são vestes santas; por isso banhará a sua carne na água, e as vestirá”.

(Levítico 16:1-4)

O sumo sacerdote era obrigado a usar roupas sagradas tecidas de linho branco em vez de suas roupas coloridas normais cobertas com o peitoral dourado. Suas roupas de linho eram usadas apenas naquele dia e nunca mais. Era absolutamente crítico para a nação que seu sumo sacerdote não se tornasse ritualmente impuro e, assim, desqualificasse-se de desempenhar seus deveres de Yom Kippur. Para evitar essa possibilidade, o sacerdote precisou deixar sua casa uma semana antes de Yom Kippur para ficar na sede do sacerdote na área do Templo. Durante a semana, o sumo sacerdote foi duas vezes rociado com as cinzas de uma novilha vermelha para contornar a possibilidade de que ele se tornara impuro através do contato com um cadáver. Tal foi o processo de limpeza normal para a impureza cerimonial (Números 19:1-10).

Dispensacionalistas falam sobre o fato de estarem produzindo novilhas vermelhas hoje em Israel. Mas a novilha vermelha não faz bem sem um sacerdócio. E não pode haver serviço sacerdotal porque todos os registros genealógicos foram destruídos em 70 d.C. quando o Templo foi destruído. Estes buscaram o seu registro nos livros genealógicos, porém não se achou; então, como imundos, foram excluídos do sacerdócio (Neemias 7:64).

Era de importância incondicional que um sacerdote de Aarão pudesse demonstrar que sua mãe e seu pai eram israelitas e da tribo de Levi e da família de Aarão. Isso foi essencial:

“Por memorial para os filhos de Israel, que nenhum estranho, que não for da descendência de Aarão, se chegue para acender incenso perante o Senhor; para que não seja como Coré e a sua congregação, como o Senhor lhe tinha dito por intermédio de Moisés...”.

(Números 16:40)

Sem um sacerdócio, o Templo seria inútil. Nenhum registro genealógico, nenhum sacerdócio; sem sacerdócio, nenhum templo.

De volta a Yom Kipur: Um substituto também foi nomeado para o sumo sacerdote no caso de ele morrer, ou apesar de todas as precauções, tornar-se impuro. Este substituto costumava ser o próximo em linha para o ofício do sumo sacerdote e, como tal, o indivíduo mais poderoso do Templo depois do sumo sacerdote. Ele era o capitão do Templo e exercia o comando direto dos oficiais da guarda do templo (levitas patrulhavam as instalações do Templo, aplicando a Lei Mosaica). Foram os capitães do Templo que prenderam a Pedro e João no Livro de Atos:

“E, estando eles falando ao povo, sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo, e os saduceus...”.

(Atos 4:1)

O sumo sacerdote não realizou regularmente os serviços do Templo, mas durante a semana que antecedeu Yom Kippur, ele sozinho realizou

os sacrifícios. Todos os aspectos de seus deveres para o próximo dia sagrado foram praticados fielmente, seja com o pulso e o indicador, queimando incenso, acendendo o suporte da lâmpada ou ensaiando seus movimentos por todo o Templo. Não poderia haver erros, ou o resultado seria uma grande catástrofe e humilhação para a nação - os sacrifícios de Israel seriam desqualificados, deixando os pecados do povo descobertos.

Embora o dia dos judeus tenha começado ao pôr-do-sol, o serviço do Templo para Yom Kippur não começou até amanhecer na manhã seguinte. As cinzas no altar foram limpas, e quatro incêndios, em vez dos três normais, foram iluminados para separar o dia distinto. Em qualquer outro dia, o sumo sacerdote simplesmente lavaria as mãos e os pés com água da pátria sacerdotal antes de realizar seu serviço. Em Yom Kippur, ele foi obrigado a mergulhar totalmente em um banho de ouro especial perto da Corte dos Sacerdotes. Isso foi realizado atrás de uma grande cortina de linho, que revelou a sombra de seus movimentos para a visão pública. Isso assegurou que não foram feitas alterações nos procedimentos exigidos. O sumo sacerdote vestiu suas roupas de ouro com grande cuidado. Sua majestosa manta púrpura estava cercada de pequenos sinos dourados para que as pessoas pudessem ouvi-lo trabalhar enquanto os representava. Ao longo de sua túnica, ele usava um peitoral dourado que estava cheio de 12 pedras preciosas - um constante lembrete de que ele era o representante das 12 tribos de Israel perante o Deus verdadeiro e vivo.

Depois de se vestir, o sumo sacerdote lavou as mãos e os pés para realizar o serviço diário regular. Após o serviço da manhã, o sumo sacerdote voltou para a sua câmara de banho para vestir suas roupas de linho brancas para Yom Kippur. Cinco vezes durante o dia, ele mudou de roupa, e cinco vezes ele seguiu o mesmo procedimento de limpeza. Cada vez, ele lavava as mãos e os pés, tirou as roupas, imergiu totalmente o corpo, colocou a roupa e lavou as mãos e os pés pela segunda vez.

O serviço do Templo da tarde foi o foco principal da observação de Yom Kippur. Através dos sacrifícios deste serviço, foi feita expiação pelos pecados do sacerdócio e do povo de Israel no ano anterior.

O sumo sacerdote começou o serviço da tarde, mudando-se para o Tribunal dos Sacerdotes, onde um jovem touro o esperava entre o altar e a varanda do Templo. Uma vez que este touro foi a oferta pelo pecado para o sumo sacerdote e o sacerdócio, a cerimônia ocorreu perto do Templo onde os sacerdotes ministraram. O sumo sacerdote pressionava as duas mãos contra a cabeça do touro jovem, como sinal de identificação com ele como seu substituto e fazia uma confissão de seu pecado. Três vezes durante sua confissão, ele pronunciaria o nome da aliança do Senhor (YAHWEH). Sob a lei oral judaica, este nome sagrado foi proibido de ser falado em qualquer outra ocasião para que não seja levado em vão (Êxodo 20:7), erroneamente ou abusando dele. Cada vez que o Nome foi proferido pelo sumo sacerdote, o sumo sacerdote pronunciaria o nome da aliança de Yahweh enquanto ministrava no Templo. O sumo sacerdote foi acompanhado por dois sacerdotes no lado leste do altar. À direita estava o sumo sacerdote (o sacerdote nomeado para ocupar seu lugar no caso de ele se tornar incapaz de cumprir suas funções). À esquerda, foi acompanhado pelo chefe sacerdote da divisão de sacerdotes escolhidos para ministrar naquela semana. No total, o sacerdócio foi dividido em 24 cursos de sacerdotes, com cada curso servindo uma semana em um horário rotativo de 24 semanas (1º Crônicas 24:19).

Dois cabritos estavam ali, lado a lado, esperando o sumo sacerdote. Eles eram idênticos em tamanho, cor e valor. Eles enfrentaram o Templo e olharam para o sumo sacerdote e sua comitiva quando se aproximaram:

“Também tomará ambos os bodes, e os porá perante o Senhor, à porta da tenda da congregação.

E Arão lançará sortes sobre os dois bodes; uma pelo Senhor, e a outra pelo bode emissário.

Então Arão fará chegar o bode, sobre o qual cair a sorte pelo Senhor, e o oferecerá para expiação do pecado.

Mas o bode, sobre que cair a sorte para ser bode emissário, apresentar-se-á vivo perante o Senhor, para fazer expiação com ele, a fim de enviá-lo ao deserto como bode emissário”.

(Levítico 16:7-10)

Dois lotes de ouro foram colocados dentro de um vaso dourado sentado no pavimento de pedra nas proximidades. Um deles foi inscrito com "PARA YAHWEH", e o outro com "PARA AZAZEL". O sumo sacerdote abalou a embarcação e tirou aleatoriamente um lote em cada mão. Ao segurar os lotes na frente das cabras e determinar o resultado, ele declarou "uma oferta pelo pecado ao Senhor". Os dois animais juntos foram vistos como uma oferta singular.

A cabra sobre a qual o lote "Para Azazel" caiu foi imediatamente identificada por uma tira de lã amarrada a um dos seus chifres. Foi então virado para enfrentar as pessoas, cujo pecado mais tarde seria colocado em sua cabeça.

O bode expiatório foi chamado de 'aza'zel. Isso parece ser uma contração de duas palavras hebraicas. 'az, que é uma das muitas palavras hebraicas para uma cabra e significa: "ser forte" e "azal", o que significa: "fazer desaparecer ou ser removido". Então, esta palavra em conjunto significa: "a cabra que foi removida ou enviada". Tyndale, o tradutor do século XVI do Antigo Testamento, foi aparentemente responsável por traduzir esta palavra primeiro no escape inglês, que foi mais tarde encurtado para o bode expiatório.

A cabra determinada por YAHWEH foi deixada para ser entregue no grande altar de pedra; o lugar onde em breve seria oferecido como oferta pelo pecado. Nos dias do segundo templo, o bode expiatório foi realmente morto para que (carregando os pecados de Israel) não pudesse ir a um lugar habitado mais tarde. Para evitar tal tragédia, o bode expiatório foi levado ao limite de um penhasco rochoso e empurrado pelo sacerdote.

A melhor interpretação do Azazel é entendida por Alfred Edersheim em seu livro, *The Temple, Its Ministry e Services*. Edersheim diz que a prática judaica mais recente de empurrar a cabra sobre um precipício rochoso foi, sem dúvida, uma inovação, de nenhuma maneira sancionada pela Lei de Moisés, e nem mesmo introduzida no momento em que a tradução da Septuaginta foi feita, como a representação de Levítico 16:26 mostra. A Lei simplesmente ordenou que a cabra, uma vez que chegou a "a terra não habitada", deveria ser permitida "deixar

ir", e a ordenança judaica de ter empurrado a cabra no penhasco é significativa da perversão rabínica de seu tipo espiritual. A palavra "azazel", que só ocorre no Levítico 16, é por consentimento universal, derivado de uma raiz que significa: "completamente para" deixar de lado", ou "desaparecer completamente" (página 258).

Eu vejo o Messias representado tanto no bode que foi abatido quanto o sangue dele foi levado ao Santíssimo dos Santos, e como o bode que levava nossas transgressões sobre Ele e foi levado para o deserto. A ideia de liberar a cabra para o deserto mostra a remoção de nossos pecados; que Deus removeu nossos pecados colocando-os no Messias.

O sumo sacerdote voltou para o jovem touro pela segunda vez e apertou as mãos na cabeça. Desta vez ele confessou os pecados do sacerdócio, onde, como antes, confessara seu próprio pecado em sua cabeça. O touro foi então abatido pelo sumo sacerdote, e o sangue coletado em uma tigela dourada. Um sacerdote nas proximidades receberia à tigela com a tarefa de mexer o sangue para que não coagulasse.

Em seguida, o sumo sacerdote tomou uma panela de fogo dourada ou incensário e subiu a rampa até o altar. Ele encheram com cuidado a panela de fogo com brasas vivas que queimavam em cima do altar. Então ele pegou dois punhados de incenso e colocou-os em uma concha dourada. Com a bandeja de fogo na mão direita e o incenso à esquerda, ele subiu ao Templo e passou pelo Lugar Sagrado onde ficava a lâmpada, a mesa do pão e o altar do incenso estavam localizados. Na parte de trás do lugar sagrado, ele fez uma pausa para fazer o seu caminho através do véu (a espessa cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos). Uma vez dentro do Santo dos Santos, ele ficou em silenciosa solidão. Somente o brilho alaranjado suave das brasas acendeu a sala. O sumo sacerdote serviu o incenso sobre as brasas e esperou alguns instantes para que uma nuvem perfumada de fumaça pudesse preencher a sala antes de voltar a atravessar a cortina grossa.

No templo de Salomão, a Arca da Aliança residia no Santo dos Santos, e a glória de Deus descansou acima dela. Após o cativeiro

babilônico, a arca nunca foi recuperada. O Santo dos Santos permaneceu uma sala vazia com apenas uma pedra singular (chamada de "pedra fundamental") com três dedos de altura (2 1/4 polegadas) acima do pavimento. O sumo sacerdote tomou então a tigela dourada cheia com o sangue do touro e retornou ao Santo dos Santos. Ele cuidadosamente espalhou o sangue diante da Arca da Aliança. Pulverizou-o uma vez e depois sete vezes para baixo, como se estivesse atirando um chicote. Enquanto isso, ele contou em voz alta para evitar erros. Ele então saiu do Santo dos Santos e colocou a tigela em um suporte dourado. O sumo sacerdote saiu para o tribunal dos sacerdotes para matar a cabra reservada para o Senhor.

Depois, ele polvilhou o lado de fora do véu com o sangue do touro. Então ele repetiu o procedimento com o sangue da cabra. Finalmente, jogou as duas tigelas juntas e polvilhou os chifres (pontos salientes em cada canto) do altar no pátio.

A atenção foi atraída para a cabra restante:

“E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso.

Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e deixará o bode no deserto”.

(Levítico 16:21,22)

O sumo sacerdote passou a colocar as mãos na cabeça e confessou os pecados do povo sobre ele. O bode expiatório foi conduzido por um sacerdote através do Portão Oriental, a mais de 10 milhas até o deserto para nunca mais ser visto novamente.

Enquanto o bode expiatório estava sendo levado para o deserto e as pessoas aguardavam a palavra que tinha sido realizada, o serviço da tarde continuou. O sumo sacerdote terminou de sacrificar o touro e o bode no altar, e as suas partes restantes foram levadas para fora da cidade para serem queimadas (Hebreus 13:11-13). Então o sumo

sacerdote se dirigiu ao povo. Ele leu as passagens de Yom Kippur de Levítico e citou a passagem de Números de cor para verificar se todos os mandamentos foram devidamente cumpridos. Finalmente, as ofertas restantes para Yom Kippur foram oferecidas; estes eram os holocaustos, em oposição às ofertas do pecado.

O sumo sacerdote entrou no Santo dos Santos uma última vez para remover a panela de fogo e a concha de incenso. Ele então se banhou, pela quinta vez durante o dia, e vestiu suas roupas douradas. À medida que a noite fresca de outono aproximava-se rapidamente, ele realizava o serviço regular do Templo da noite, e assim o Yom Kippur chegava ao fim.

A observância moderna de Yom Kippur tem pouca semelhança com a observância bíblica. A observância moderna baseia-se mais nas tradições dos homens do que nos mandamentos de Deus. Assim, nos dias modernos, Israel atravessa os movimentos do ensaio desta festa, perderam a realidade por dois mil anos. Eles não sacrificam mais em Yom Kippur, não há mais bodes expiatórios, nem mais serviço sacerdotal, nem mais Templo; porque tudo foi cumprido em 70 d.C. quando Jesus veio em julgamento sobre Jerusalém. A sombra acabou, a realidade chegou. Nossos pecados não são cobertos, eles se foram. Em todas as expiações do VT, os pecados eram somente COBERTOS, não TIRADOS (Hebreus 10:4), mas Deus disse através de João O Imersor (João O Batista) que Cristo TIRA, não apenas que COBRE o pecado João 1:29!!!

Nossa dívida é paga na íntegra pelo nosso amoroso Senhor Jesus. Que o nome dele seja louvado pelas vidas em que vivemos:

“Farei lembrado o teu nome de geração em geração; por isso os povos te louvarão eternamente”.

(Salmos 45:17)

8

Festa do Dia da Expição (parte 2)

(Levítico 23:26-32)

Estamos olhando as Festas do Senhor, particularmente as Festas de Outono, que são: A Festa de Yom Teruah/Trombetas, que foi no primeiro dia do mês Tishri. A Festa de Yom Kippur/Dia de Expição, que aconteceu no décimo dia de Tishri. E a Festa de Sukkot/Tabernáculos que começou no décimo quinto de Tishri e dura sete dias. Estas festas são "convocações sagradas" as quais são o miqra hebraico, o que significa: "ensaio". Em outras palavras, as festas do Senhor foram nomeadas como tempos de culto para Israel que serviriam de "ensaios" de eventos proféticos que aconteceriam no futuro. O estudo das Festas é um estudo em tipologia. A tipologia é a interpretação de eventos, pessoas e cerimônias do Velho Pacto como sinais, que prefiguram a realização de Cristo na Nova Aliança com a igreja.

Nós estamos olhando para a 6ª festa, que é Yom Kippur ou o Dia da Expição. No calendário hebraico, cai no décimo dia de Tishri, o sétimo mês hebreu, que corresponde aproximadamente a setembro ou outubro. O tema de Yom Kippur é expiação. Foi um dia que a expiação foi feita para o sacerdote e sua família, a comunidade, o Lugar Santíssimo, a tenda das reuniões e o altar. Foi um dia solene. Yom Kipur também foi um dia muito solene para o sacerdócio de Israel. Somente nesse único dia do ano, o sumo sacerdote foi autorizado a

entrar no Santo dos Santos no Templo e comparecer diante da presença da glória de Deus:

“Ora, estando estas coisas assim preparadas, a todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços;

Mas, no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo...”.

(Hebreus 9:6,7)

Nós vemos o serviço para Yom Kipur apresentado em detalhes em Levítico 16:

“Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído, e o levará para dentro do véu.

E porá o incenso sobre o fogo perante o Senhor, e a nuvem do incenso cobrirá o propiciatório, que está sobre o testemunho, para que não morra”.

(Levítico 16:12,13)

A Arca foi o objeto mais significativo na adoração da Velha Aliança. O simbolismo da Arca chegou ao seu grande clímax no Dia da Expição. Quando o sangue do sacrifício foi pulverizado no propiciatório, a glória de Deus apareceu. O propósito da Arca da Aliança era simbolizar o trono visível de Deus na Terra. O Senhor declarou que habitaria uma nuvem entre as asas dos querubins acima do propiciatório (Levítico 16:2). Isto também é onde Ele comunicaria com Moisés e o sumo sacerdote que ouviu a Sua voz entre as asas dos querubins (Números 7:89):

“E porás o propiciatório em cima da arca, depois que houveres posto na arca o testemunho que eu te darei.

E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins (que estão sobre a arca do testemunho), tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel”.

(Êxodo 25:21,22)

A nuvem que se sentava na Arca caracterizava a presença de Deus. O propósito para a Arca da Aliança era simbolizar a presença visível de Deus na Terra. Durante o segundo período do Templo, no tempo de Jesus, quando o sacerdote entrou no Santo dos Santos, o quarto estava vazio. A arca da aliança não estava lá, e também não aparecia o Senhor.

O que aconteceu com a arca?

A última menção histórica da Arca nas Escrituras é em 2º Crônicas capítulo 35, onde o Rei Josias (que reinou em Judá, 640-609 a.C.) pediu aos levitas que devolvessem a Arca ao Templo, onde Salomão tinha hospedado originalmente depois de completar e dedicando o Templo em algum momento no século 10 a.C. (2º Crônicas, capítulo 5).

Então, quando a Arca da Aliança desapareceu? Parece que desapareceu em algum momento imediatamente antes do cativeiro babilônico no século VI a.C. Antes da destruição do Templo, Jeremias, de acordo com o livro apócrifo de 2º Macabeus capítulo 2 (versículos 1-8), lemos que o profeta Jeremias "seguindo uma revelação divina, ordenou que a tenda e a Arca o acompanhassem e como Ele foi para a montanha que Moisés escalou para ver a herança de Deus. Quando Jeremias chegou lá, ele encontrou uma sala em uma caverna na qual ele colocou a tenda, a Arca e o altar do incenso, e ele bloqueou a entrada".

Nem o Templo de Zerobabel, que foi construído depois que a Pérsia liberou Israel do cativeiro babilônico, nem o Templo Herodiano, que foi construído no tempo do Messias, possuíam uma Arca da Aliança. Em Jeremias, capítulo 3, lemos uma conversa que ocorreu antes do cativeiro babilônico. Deus falou ao profeta Jeremias dizendo:

“Vai, pois, e apregoa estas palavras para o lado norte, e dize: Volta, ó rebelde Israel, diz o Senhor, e não farei cair a minha ira sobre ti;

porque misericordioso sou, diz o Senhor, e não conservarei para sempre a minha ira.

Somente reconhece a tua iniquidade, que transgrediste contra o Senhor teu Deus; e estendeste os teus caminhos aos estranhos, debaixo de toda a árvore verde, e não deste ouvidos à minha voz, diz o Senhor.

Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; pois eu vos despossei; e vos tomarei, a um de uma cidade, e a dois de uma família; e vos levarei a Sião.

E dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência.

E sucederá que, quando vos multiplicardes e frutificardes na terra, naqueles dias, diz o Senhor, nunca mais se dirá: A arca da aliança do Senhor, nem lhes virá ao coração; nem dela se lembrarão, nem a visitarão; nem se fará outra.

Naquele tempo chamarão a Jerusalém o trono do Senhor, e todas as nações se ajuntarão a ela, em nome do Senhor, em Jerusalém; e nunca mais andarão segundo o propósito do seu coração maligno”.

(Jeremias 3:12-17)

Aqui, Deus diz que a Arca da Aliança, que até então desempenhava um papel proeminente no culto judeu ortodoxo, não mais desempenharia esse papel, nem seria perdida pelos fiéis. O Senhor fez esta declaração durante o reinado de Josias (v. 6). A única outra menção da Arca da Aliança nas Escrituras ocorre quase 700 anos depois quando mencionada brevemente no Livro de Hebreus (9:4-5) e no Livro do Apocalipse (11:19). Por que a arca foi tirada de Israel? Por mais de um século, a Arca permaneceu em Silo até que os filhos de Eli a retiraram e perdessem para os filisteus:

“E, estando sua nora, a mulher de Finéias, grávida, e próxima ao parto, e ouvindo estas notícias, de que a arca de Deus era tomada, e de que seu sogro e seu marido morreram, encurvou-se e deu à luz; porquanto as dores lhe sobrevieram.

E, ao tempo em que ia morrendo, disseram as mulheres que estavam com ela: Não temas, pois deste à luz um filho. Ela porém não respondeu, nem fez caso disso.

E chamou ao menino Icabode, dizendo: De Israel se foi a glória! Porque a arca de Deus foi tomada, e por causa de seu sogro e de seu marido.

E disse: De Israel a glória é levada presa; pois é tomada a arca de Deus”.

(1º Samuel 4:19-22)

Assim como a glória deixou o Jardim, deixou Siló naquele dia devido ao pecado das pessoas. Jeremias fez menção a este evento e comentou, sob inspiração de Deus, sobre o pecado de Israel lá:

“Mas ide agora ao meu lugar, que estava em Siló, onde, ao princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo Israel”.

(Jeremias 7:12)

Muito mais tarde, no tempo de Davi como rei, a Arca foi devolvida a Jerusalém pelos filisteus. Israel teve novamente a presença de Deus, e Davi ergueu um tabernáculo temporal. Mais tarde, quando o Templo foi construído no tempo de Salomão, a Arca foi transportada para esta nova estrutura, uma vez que a glória de Deus encheu o Templo. Com o tempo, porém, o pecado de Israel trouxe a ira de Deus sobre eles de novo na forma do cativoiro babilônico. O Templo foi esmagado e a Arca nunca foi vista desde então. A glória de Deus partiu mais uma vez!

Você se lembra do que aconteceu no Templo no dia da Páscoa?

“E o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo”.

(Marcos 15:38)

Quando o véu do templo foi rasgado em dois, expôs o fato da adoração inútil e vazia que havia acontecido há 400 anos. O Santo dos

Santos estava vazio. A presença de Deus já não residia no templo, mas no corpo de Cristo, o povo redimido de todas as nações.

Vimos no estudo anterior sobre o bode expiatório. Vejamos alguma tradição judaica sobre este assunto. De acordo com a Mishná (a primeira interpretação rabínica do mandamento bíblico), o sumo sacerdote dividiu um fio de lã carmesim, amarrou uma metade à porta do Templo e a outra metade até o chifre do bode expiatório. Eles dizem que o fio escarlate na porta do Templo ficaria branco, o que indicaria que seus pecados eram perdoados.

O Talmud registra quatro eventos ameaçadores que ocorreram quarenta anos antes da destruição do Templo, que seria o tempo que o Messias morreu: 1) O lote "para o Senhor" sempre surgiu na mão esquerda. Eles achavam que era um bom sinal se surgisse na mão direita. 2) O fio escarlate na porta do Templo parou de ficar branco. 3) O ocidental mais leve no Templo Menorá não ficaria aceso. 4) As portas do Templo se abrirão sozinhas.

Nós lemos no Talmud de Jerusalém:

“Quarenta anos antes da destruição do Templo, a luz ocidental se apagou, o fio carmesim permaneceu carmesim, e o lote para o Senhor sempre surgiu na mão esquerda. Eles fechariam os portões do Templo de noite e levante-se pela manhã e os achava abertos”.

(Jacob Neusner, "The Yerushalmi", p.156-157)

Uma passagem semelhante no Talmud da Babilônia afirma:

“Nossos rabinos ensinaram: durante os últimos quarenta anos antes da destruição do Templo, o lote ['Para o Senhor'] não apareceu na mão direita, nem a cinta cor de vermelho tornou-se branca, nem o ocidente mais leve brilho, e as portas do Hekel [Templo] se abriram por si mesmas”.

(versão Soncino, "Yoma" 39b)

Uma vez que ambos os Talmud relatam a mesma informação, isso indica que o conhecimento desses eventos foi aceito pela comunidade judaica generalizada.

O Milagre do “SORTEIO”

O primeiro desses milagres diz respeito a uma escolha aleatória, um “SORTEIO”, que era lançado no Dia da Expição (Yom Kippur). “O Sorteado” escolhido determinaria qual das duas cabras seria “para o Senhor” e que cabra seria para “Azazel” ou “bode expiatório”. Durante os duzentos anos antes de 30 d.C, quando o Sumo Sacerdote pegava uma das duas pedras, mais uma vez esta seleção era guiada pelo “acaso”, e a cada ano, a sorte lançada deveria fornecer para o sacerdote uma pedra negra com a mesma frequência com que forneceria uma pedra branca. Mas por quarenta anos consecutivos, a partir de 30 d.C., esta sorte lançada fazia com que o Sumo Sacerdote pegasse consecutivamente a pedra negra (nunca mais conseguiu pegar a pedra branca!!). As chances de isso acontecer são astronômica (2 elevado à potência 40). Em outras palavras, as chances de isso acontecer é de 1 em cerca de 5.479.548.800 ou cerca de 5,5 bilhões para um! Em comparação, as suas chances de ganhar na loteria seriam muito mais favoráveis!

A sorte para Azazel, a pedra negra, ao contrário de todas as leis do acaso, surgiu 40 vezes seguidas e ininterruptas desde 30 dC até 70 dC! Isto foi considerado um evento terrível e indício de que algo significativo havia mudado fundamentalmente neste ritual de Yom Kippur. Este lançamento de sortes também é acompanhado por um outro milagre que é descrito a seguir.

O Milagre da Faixa Vermelha

O segundo milagre refere-se à faixa vermelha ou pano amarrado ao bode para Azazel. Uma porção deste pano vermelho era também retirada do bode e ligada à porta do Templo. A cada ano o pano vermelho na porta do templo ficava branco, como que para significar a expiação de outro Yom Kippur era aceitável ao Senhor. Este evento

anual aconteceu ininterruptamente até este mesmo ano 30 d.C., quando o pano, em seguida, manteve-se vermelho a cada ano até o tempo da destruição do Templo, quarenta anos depois. Isto, sem dúvida, causou muita agitação e consternação entre os judeus. Esta prática tradicional está ligada a Israel confessando seus pecados e cerimonialmente colocando o pecado desta nação sobre o bode para Azazel. O pecado era então removido pela morte de um dos bodes e o outro era lançado no deserto. O pecado era representado pela cor vermelha do pano (a cor do sangue). Mas o pano permaneceu vermelho isto é, os pecados de Israel não estavam sendo perdoados e “embranquecidos”.

Como Deus disse a Israel pelo profeta Isaías:

“Vem, vamos raciocinar juntos, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata [vermelho], eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a [branco] lã”.

(Isaías 1:18)

A indicação clara destes fenômenos é que toda a comunidade tinha perdido a atenção do Senhor em relação a algo que ocorreu neste mesmo e misterioso ano de 30 d.C. A expiação anual alcançada através da típica observância de Yom Kippur não estava sendo realizada como esperado. A Expição aparentemente estava sendo adquirida de alguma outra forma. Quem ou o que proporcionaria a expiação por mais um ano?

Em relação à faixa vermelha, embora não seja mencionada nas Escrituras, e muito antes de 30 d.C. durante os 40 anos em que Simão o Justo era Sumo Sacerdote, uma fita vermelha que era associada com a sua pessoa, sempre ficava branca quando ele entrava no mais interior do Santo dos Santos do Templo. As pessoas notaram isso. Além disso, eles observaram que “o sorteio do Senhor” (a pedra branca) sempre aparecia por 40 anos consecutivos durante o sacerdócio de Simão. Eles notaram que a “sorte” escolhida pelos sacerdotes após Simão, às vezes, eram pretas, e às vezes brancas, e que a fita vermelha, às vezes, ficavam

brancas, e às vezes não. Os judeus passaram a acreditar que, se o traço vermelho tivesse se tornado branco, então Deus teria aprovado os rituais do Dia da Expição e que Israel poderia ter certeza de que Deus perdoou seus pecados. Mas depois de 30 d.C., a fita vermelha não ficou branca novamente durante os próximos 40 anos, até a destruição do Templo e a cessação de todos os rituais do Templo!

O que a liderança da nação judaica fez em 30 d.C. para merecer tal mudança no Yom Kippur? Segundo alguns relatos, em 5 de Abril, de 30 d.C. (isto é, no dia 14 de Nisan, o dia do sacrifício da Páscoa), o Messias, Jesus, foi cortado de Israel, o próprio sendo condenado à morte como um sacrifício pelo pecado. A partir deste evento há uma transferência da expiação, e esta já não era alcançada através dos dois bodes como oferecidos no Yom Kippur. Como um cordeiro da Páscoa inocente, o Messias foi condenado à morte, embora nenhuma falha foi encontrada nele, conforme predisseram as profecias! Mas ao contrário dos sacrifícios do Templo ou dos eventos em Yom Kipur (conforme detalhado acima) onde o pecado era coberto apenas ao longo de um tempo (um ano), o sacrifício do Messias vem com a promessa de perdão dos pecados através da misericórdia de Deus para aqueles que aceitam um relacionamento pessoal com Ele. Este é essencialmente um evento único para toda a vida de cada pessoa e não uma série contínua de sacrifícios de animais. O mecanismo de fornecimento de perdão do pecado mudou em 30 d.C.

O Milagre das Portas do Templo

O próximo milagre, que as autoridades judaicas reconheceram, foi que as portas do Templo se abriram todas as noites e por sua própria vontade. Isso também ocorreu durante quarenta anos, com início em 30 d.C. A autoridade judaica líder desse tempo, Yohanan ben Zakkai, declarou que isso era um sinal de morte iminente, que o próprio Templo seria destruído.

O Talmud de Jerusalém relata:

“Disse Rabban Yohanan ben Zakkai ao Templo, ‘Ó Templo, por que você nos assusta? Nós sabemos que você vai acabar destruído. Por isso foi dito,’ abram suas portas, ó Líbano, para que o fogo possa tragar seus cedros’ (Zacarias 11:1)”.

(Sota 6:3)

Yohanan ben Zakkai era o líder da comunidade judaica durante o tempo após a destruição do Templo em 70 d.C., quando o governo judeu foi transferido para Jâmnia, umas trinta milhas a oeste de Jerusalém.

As portas podem ter sido abertas para significar também que todos agora podem entrar no Templo, através da intermediação do sacrifício do Messias, e que até mesmo em suas seções santas mais íntimas estavam disponíveis para aqueles que foram santificados por esta expiação. Este mesmo evento das portas está relacionado com o gigantesco Véu do Templo que foi rasgado naquele mesmo dia. O véu de separação fora rasgado, por iniciativa divina, indicando que um novo caminho de acesso a Deus havia sido consagrado através da morte expiatória do Messias. A evidência apoiada pelos milagres descritos acima sugere que a presença do Senhor se tinha retirado daquele Templo físico. Este não era mais apenas um lugar para os Sumo Sacerdotes apenas, mas as portas se abriram para que todos possam entrar.

O Milagre da Menorá do Templo

O quarto milagre foi que a lâmpada mais importante da Menorah (candelabro de sete lâmpadas) no Templo, brilhou com a intensidade de um dia claro durante meia hora e depois se apagou para sempre para nunca mais brilhar. Durante todas as noites pelos próximos 40 anos (mais de 12.500 noites seguidas) a lâmpada principal do candelabro do Templo (Menorah) se apagou por sua própria vontade, e não importa o quanto se tentasse reacendê-la e nem nenhuma outra precaução que

os sacerdotes tomassem para se proteger contra este evento! Eles jamais conseguiram reacendê-la.

Earnest Martin afirma:

“Na verdade, é-nos dito no Talmud que ao anoitecer as lâmpadas que estavam apagadas durante o dia (as quatro lâmpadas centrais permaneciam apagadas, enquanto as duas lâmpadas da direita normalmente permaneciam acesas durante o dia) precisavam ser reacendidas a partir das chamas da lâmpada central (que era uma lâmpada que deveria permanecer acesa o tempo todo era como a chama “eterna” que vemos hoje em alguns monumentos nacionais, e simbolizava a luz do Messias)....”.

“Esta “luz central” era para ser mantida acesa em todos os momentos. Por essa razão, os sacerdotes mantinham reservatórios extras de azeite e outros ingredientes sempre à mão, com pronta entrega, para se certificar de que a “luz central” (em todas as circunstâncias) iria ficar acesa. Mas o que aconteceu durante os quarenta anos desde o ano em que o Messias disse que o templo físico seria destruído? Toda noite durante estes quarenta anos a lâmpada central ficava APAGADA, e isto apesar dos sacerdotes todas as noites prepararem de tudo para tentar acender esta lâmpada central de uma maneira especial, de forma que ela pudesse se manter constantemente em chamas durante toda a noite!”

(O significado do Ano CE 30, Ernest Martin, Research Update, Abril de 1994, p.4)

Mais uma vez, as probabilidades contra a lâmpada se manter apagada continuamente durante estes 40 anos são astronômicas! Algo fora do comum estava acontecendo! A “luz” da Menorá que representa o contato com Deus, Seu Espírito, e sua presença agora foi removida. Esta demonstração especial ocorreu a partir deste mesmo ano 30 d.C., com a crucificação do Messias!

Deve ficar claro para qualquer mente razoável de que não há nenhuma maneira natural para explicar todos estes quatro sinais relacionados com o ano 30 d.C. A única explicação possível tem de ser sobrenatural. O que a nação judaica fez em 30 d.C. para merecer essa

mudança em Yom Kippur? No dia 14 de Nisan, o dia do sacrifício da Páscoa, o Messias, Jesus, foi cortado de Israel, Ele mesmo morto como um sacrifício pelo pecado. Atualmente, a expiação não é alcançada através dos dois cabritos oferecidos em Yom Kippur. Como um cordeiro da Páscoa inocente, o Messias foi morto.

“E, despindo-o, o cobriram com uma capa de escarlata...”.

(Mateus 27:28)

Aqui vemos o cordeiro que tira os pecados do mundo, com um manto escarlata. O tipo de bode expiatório é substituído pelo antítipo de Jesus.

Ao contrário dos sacrifícios do Templo ou dos eventos de Yom Kipur, onde o pecado só está coberto por um tempo, o sacrifício messiânico vem com a promessa do perdão dos pecados através da graça dada por Deus aos que confiam em Jesus como Messias. Este é essencialmente um evento único para a vida de cada pessoa e não uma série contínua de observâncias anuais e sacrifícios de animais. O mecanismo de perdão do pecado mudou em 30 d.C.

O Dia da Expição fala de sacrifício de sangue. O sacrifício de sangue está centralmente ligado à questão do pecado. A morte substitutiva de um inocente era necessária, uma vez que uma expiação (cobrança) pelo pecado deveria ser feita somente através do sangue:

“Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma”.

(Levítico 17:11)

A pena por quebrar a Lei de Deus é a morte (o derramamento de sangue). Sua justiça exige isso, mas em Sua misericórdia, Ele fez uma provisão para um substituto. Uma vez que "não há quem faz o bem, não, nem um" (Salmo 14:3), Deus ordenou o sacrifício de cordeiros, touros e cabras sob a Aliança Mosaica. A Antiga Aliança era apenas um precursor de algo maior, uma medida temporária até a plenitude dos

tempos em que Deus instituiria a Nova Aliança. Hebreus diz que a "lei não fez nada perfeito", "era apenas uma sombra", e tinha muitas falhas. Só cobriu o pecado, não perdoou o pecado!

O Antítipo do Yom Kippur

Os sacerdotes ofereceram sacrifícios de expiação para si e para o povo. A ordenança era uma figura da morte e ressurreição de Cristo, e a expiação feita assim, que apontou para a obra da redenção realizada por Cristo.

“Mas, no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo; Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação...”.

(Hebreus 9:7,11)

“Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus;

Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio;

De outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”.

(Hebreus 9:24-26)

Quem é o antítipo do sumo sacerdote? É Jesus o Cristo:

“Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão”.

(Hebreus 4:14)

Jesus cumpriu o antítipo de Yom Kippur como o Sumo Sacerdote e o sacrifício!

A Nova Aliança é muito superior à Antiga Aliança, na medida em que proporciona perdão e purificação verdadeira do pecado. Expição significa cobrir. Não paga nem afasta; cobre. Tipo de como quando compra algo com um cartão de crédito. Não é pago; é coberto pela empresa de cartão até que você os pague por isso. Não há expiação (cobertura) pelo pecado sob a Nova Aliança. Não há necessidade. A questão do pecado foi resolvida no Calvário. O Messias não foi nossa expiação - Ele acabou com a nossa expiação. Dizer que temos uma expiação, é realmente impreciso e nunca é ensinado na Nova Aliança. Jesus nos reconciliou com Deus. Ele já não cobre nossos pecados, Ele os tira:

“No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

(João 1:29)

Então, Yom Kippur foi o dia mais sagrado do ano, temos o homem mais santo, o sumo sacerdote, indo para o lugar mais sagrado, o Santo dos Santos, para proclamar o nome mais sagrado, Yahweh.

A Antiga Aliança era uma sombra da Nova Aliança. A Nova Aliança é a substância. Sob a Antiga Aliança, o pagamento pelo pecado foi antecipado; sob a Nova Aliança, é realizado! Sob a Antiga Aliança, os sacrifícios eram provisórios e recorrentes. Sob a Nova Aliança, o sacrifício de Jesus é eterno e totalmente suficiente. Sob a Antiga Aliança, os cordeiros dos homens só podiam cobrir o pecado, mas sob a Nova Aliança, o cordeiro de Deus tira o pecado!

Mesmo agora, ano após ano, o som do chifre do carneiro chama Israel para o arrependimento, mas hoje não há expiação no judaísmo. Não há sacrifício de sangue, nem Templo, nem sacerdócio, nem aderência aos regulamentos levíticos. Cristo foi oferecido como um sacrifício pelo pecado. Se o Seu sacrifício é rejeitado, apenas uma alternativa trágica permanece: homens e mulheres sofrerão a penalidade por seu próprio pecado. Essa penalidade é a morte e

separação eterna de Deus. Mas quem confiou nEle, Ele diz: "Seu pecado, não me lembrarei mais!"

Yom Kippur e a Destruição de Jerusalém na Parousia em 70 d.C.

O Yom Kippur é traduzido na Bíblia de 3 formas: O Dia da Expição, o Dia do Juízo, e o Sábado dos Sábados. Para os Judeus, este é então o Dia em que Deus julga o Seu povo, decidindo se os seus nomes serão ou não inscritos no Livro da Vida, e em que os pecados da nação de Israel são expiados.

Nós vimos acima Jesus cumpriu o antítipo de Yom Kippur como o Sumo Sacerdote e o sacrifício. Mas existe outro aspecto do Yom Kippur, é o Julgamento, Cristo foi oferecido como um sacrifício pelo pecado. Se o Seu sacrifício é rejeitado, apenas uma alternativa trágica permanece: homens e mulheres sofrerão a penalidade por seu próprio pecado.

Vamos olhar para o texto de Deuteronômio 32 para compreender melhor a relação entre o Yom Kippur e a Destruição de Jerusalém em 70 dC.

Ele deve fazer expiação pela terra - Deuteronômio 32:43 e 70 d.C. -

“Jubilai, ó nações, o seu povo, porque ele vingará o sangue dos seus servos, e sobre os seus adversários retribuirá a vingança, e terá misericórdia da sua terra e do seu povo”.

(Deuteronômio 32:43)

Esta profecia intrigante do Deuteronômio é muitas vezes negligenciada nas discussões de escatologia. No entanto, sugiro que tenha uma influência tremenda na nossa compreensão de todo o assunto!

O tema da vingança dos mártires de Deus é aquele que corre ao longo das escrituras. De Gênesis 4, onde o sangue do justo Abel clama do chão, ao Apocalipse, há um fio constante, do sofrimento dos santos de Deus e da promessa de reivindicação e glorificação. Por brevidade, só farei um ou dois pontos sobre este ótimo texto.

Em primeiro lugar, este capítulo é conhecido como o Cântico de Moisés, e previu os acontecimentos relativos a Israel e seus últimos dias. A profecia não tem nada a ver com o chamado "fim do mundo" ou o fim da era cristã (32:20; 29).

Segundo, como uma profecia, a Canção trata do destino de Israel nos últimos dias. Não se trata da igreja.

Em terceiro lugar, Jesus apareceu nos últimos dias, e os escritores do NT afirmaram repetidamente que estavam vivendo nos dias preditos pelos profetas do AT. Eles até citam a Canção repetidamente para falar de eventos que estão acontecendo ou estão prestes a acontecer.

Em quarto lugar, a promessa da vingança dos mártires é um dos tópicos escatológicos favoritos e mais importantes de Jesus. Além disso, em Mateus 23:35, Jesus enfaticamente disse que "todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar" seria vingado e julgado em sua geração no julgamento de Jerusalém. Então, Jesus apareceu no tempo predito pela Canção e prometeu o que a Canção previu. E ele disse que seria cumprida em sua geração do primeiro século no julgamento de Jerusalém. Isso é irrefutável e inescapável.

Em quinto lugar, na Canção YHWH disse que ele faria expiação pela terra e pelo povo. (Nota: várias traduções tornam isso "para a terra, o povo", o que é mais do que um pouco intrigante e importante, mas não vamos discutir isso aqui. A palavra "e" não está no original).

Agora, é amplamente assumido que a expiação prometida aqui é a morte de Jesus. No entanto, por favor, preste muita atenção aqui, e não entenda mal o que estou prestes a dizer - isso ignora o que a Lei de Moisés tinha a dizer sobre a expiação por culpa do sangue, e é o que o versículo 43 inegavelmente fala sobre isso.

Em Números 35 Deus providenciou a expiação da terra / povo quando o homicídio havia sido cometido.

“Todo aquele que matar alguma pessoa, conforme depoimento de testemunhas, será morto; mas uma só testemunha não testemunhará contra alguém, para que morra.

E não recebereis resgate pela vida do homicida que é culpado de morte; pois certamente morrerá.

Também não tomareis resgate por aquele que se acolher à sua cidade de refúgio, para tornar a habitar na terra, até à morte do sumo sacerdote.

Assim não profanareis a terra em que estais; porque o sangue faz profanar a terra; e nenhuma expiação se fará pela terra por causa do sangue que nela se derramar, senão com o sangue daquele que o derramou.

Não contaminareis pois a terra na qual vós habitais, no meio da qual eu habito; pois eu, o Senhor, habito no meio dos filhos de Israel”.

(Números 35:30-34)

Simplesmente declarado: a única expiação que poderia ser feita para o assassinato foi a morte do assassino. Não houve arrependimento oferecido. Nenhum sacrifício poderia ser dado. Não poderia haver escapatória. Esta é a Lei da Expição do Sangue. Aqui está um ponto crítico: ao longo da história de Israel, ela é retratada como o assassino intencional dos profetas. Mesmo quando Jesus foi julgado, e Pilatos não encontrou culpa nele, a multidão exigiu a morte dele e gritou: "Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!" (Mateus 27:25). Os líderes das pessoas entenderam o que estavam fazendo!

Em contraste, Pedro ofereceu ao povo uma "fuga" declarando que eles não sabiam o que estavam fazendo quando pediram o sangue de Jesus. Ele mesmo disse que os líderes não sabiam o que estavam fazendo! (Atos 3:14). A declaração de Pedro deve ser moderada um pouco pelo fato de que Jesus disse que os líderes tiveram a maior culpa e o fato de eles basicamente terem admitido que haviam matado intencionalmente um homem inocente (Mateus 27:3-4; João 19:11). O

que Pedro estava fazendo era procurar oferecer "graça surpreendente" em suas observações, pois, sem essa oferta, apenas o julgamento permaneceu.

Com tudo isso em mente, voltemos ao Deuteronômio 32. Nesse texto, Moisés previu o tempo - os últimos dias de Israel - quando Deus vingaria o sangue de Seus mártires. Assim, não há dúvida de que o assassinato dos inocentes está em evidência. Qual foi a provisão para fazer expiação por tais assassinatos? Bem, no caso de aqueles que "inocentemente", ou seja, acidentalmente ou na ignorância, mataram alguém, havia um caminho de fuga. Eles poderiam fugir para uma cidade de refúgio (cf Números 35:22-29).

Considere então que, como observou Pedro, as pessoas mataram Jesus em ignorância (Atos 3). Eles foram então orientados a fugir para uma cidade literal de refúgio, uma das seis cidades designadas em Números 35 e Deuteronômio 19? Não. Como disse o escritor de Hebreus, ele e seus leitores tinham "fugido para se refugiar para apoderar-se da esperança que nos foi proposta" (Hebreus 6:18), voltando-se para Jesus, aquele que havia sido morto. A ironia do texto não deve ser ignorada. Isso é incrível!

Por outro lado, para os culpados, a nação que, de fato, matou intencionalmente o seu Messias, o que restava para aqueles que se recusaram a se arrepender, foi a morte à espada segundo a Lei da Expição do Sangue em Números 35! Além disso, para aqueles que retornariam à Torá, depois de acreditarem nele (no Messias), eles seriam culpados de "crucificar novamente", para si mesmos o Filho de Deus ". Em outras palavras, eles dariam o consentimento aberto para o assassinato deliberado e intencional de Jesus. Assim, o escritor disse que tudo o que poderia permanecer para eles era a destruição (Hebreus 6:6-8).

Em Atos 2:22, Pedro afirmou que Israel estava sem desculpa por não reconhecer Jesus como seu Messias. Jesus foi "aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis". Ele continuou: "prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos" este que eles deveriam ter reconhecido como seu Salvador. Pedro também

afirmou que os apóstolos eram "testemunhas" de tudo o que tinha ocorrido, cumprindo assim os Números 35, e a demanda de testemunhas antes que a punição pudesse ser dada. No versículo 36, Pedro reiterou a culpa deles em crucificar Cristo. Ele então os convidou para se arrepender e incrivelmente, ofereceu-lhes perdão!

O que é tão notável é que, sob a Torá, não havia arrependimento, nem perdão, nem libertação para o que tinham feito. Havia apenas a Lei da Expição do Sangue. Pedro não podia direcioná-los a oferecer mais sacrifícios de animais para expiar o que tinham feito. O que eles fizeram foi assassinato; isto é, se eles não se arrependessem nenhum recurso pela Torá poderia ser oferecida.

Então, Pedro estava essencialmente - radicalmente - chamando-os a deixar a Torá para trás. Recusar-se a se arrepender era concordar, consentir deliberadamente, com o assassinato do inocente Jesus, assim, incorrer e invocar a Lei da Expição do Sangue. Permanecer nesse sistema era permanecer em um sistema que lhes oferecia apenas a morte e a destruição. Eles poderiam morrer para a Lei ao entrarem em Jesus, seu Cristo, ou, eles poderiam permanecer sob a Torá, e morrer pela Torá.

A escolha era dramática: "arrepender-se e ser batizado em nome de Jesus (o) Cristo, para a remissão dos pecados" ou enfrentar a morte e o julgamento de Deus por derramar sangue inocente. Assim, Pedro convocou a sua audiência: "Salvai-vos desta geração perversa" (Atos 2:40). Significativamente, as palavras de Pedro ecoam Deuteronômio 32:5, que chamou a geração dos últimos dias de Israel "uma geração torta e perversa". Pedro estava falando para eles que o cumprimento da Canção de Moisés estava sobre eles! Eram de fato a "geração final" em que Deus "vingaria o sangue de seus santos, e faria expiação pela terra, o povo".

Quando comparamos o Cântico de Moisés, o ensinamento de Jesus em Mateus 23, o sermão de Pedro, com o resto do testemunho do NT, a evidência é avassaladora. A geração de Jesus foi a geração anunciada por Moisés na Canção. Isso é confirmado pelo fato de que a Canção é citada diretamente várias vezes no NT no contexto da perseguição dos santos e da promessa da vindicação na vinda do Senhor (Romanos

12:19; Hebreus 10:31, Apocalipse 19:1-2). Como a Canção predisse, na geração final de Israel, Deus vingaria o sangue de Seus santos e julgaria seus assassinos. Na mesma geração, ele chamaria os gentios para serem o Seu povo, devido à desobediência recalcitrante de Israel. É claro que Paulo disse que o ministério gentil cumpriu o Cântico de Moisés (Romanos 10:19; 11:14).

Deuteronômio 32 desafia nossos conceitos de expiação. Pensamos principalmente nisso exclusivamente em termos das funções do Sumo Sacerdote de Jesus. Mas, como já vimos, isso negligencia a questão do martírio e a aplicação das sanções da Aliança Mosaica por derramar sangue inocente, ou seja, a Lei da Expição do Sangue.

O que dissemos não deve, de modo algum, ser interpretado como negando ou depreciando a eficácia da morte de Jesus e de sua função como Sumo Sacerdote em fazer a expiação. Esse trabalho, no entanto, era para o arrependido, para aqueles de fé. Foi para aqueles que fugiram para ele - e para a Nova Jerusalém, se você quiser - a verdadeira cidade de refúgio. Tudo isso é evidente e inegavelmente verdade. O que é igualmente verdadeiro é que, para os impenitentes, os assassinos, a Lei da Expição do Sangue era seu único destino.

É simplesmente errado, portanto, negar os elementos acima mencionados e como eles se relacionam com o martírio e a vingança do sangue dos santos. Deus decretou que não havia escapatória, nenhuma cidade de refúgio para os assassinos impenitentes de Seus santos. A única "expição" para eles foi a morte e a destruição e eles encontraram esse destino no terrível julgamento no ano 70 d.C.

Tipologia do Êxodo

A libertação da Páscoa não foi concluída até que entraram na terra prometida. A Páscoa começou com o sacrifício do cordeiro da Páscoa introduzido em Êxodo 12, enquanto Israel ainda está preso. Eles comeram a primeira Páscoa enquanto ainda estavam na escravidão egípcia. Em Números 9:5, eles comeram novamente a Páscoa,

enquanto eles estão peregrinando no deserto. E então, em Josué, eles entraram na terra:

“Disse mais o Senhor a Josué: Hoje retirei de sobre vós o opróbrio do Egito; por isso o nome daquele lugar se chamou Gilgal, até ao dia de hoje.

Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó”.

(Josué 5:9,10)

Ao longo da história de Israel, a Páscoa era um memorial não só a poupança das casas marcadas com o sangue do cordeiro da Páscoa, mas também apontava para a libertação posterior de Israel da escravidão no Egito; uma libertação que só foi consumada quarenta anos depois no cruzamento do rio Jordão. Uma vez que sua redenção foi consumada pela entrada na terra prometida, só então eles foram realmente redimidos da escravidão egípcia, este foi o já e o ainda não do Êxodo. Isto é verdade para a geração do segundo êxodo. Sua redenção não foi concluída até que o Senhor voltou para Sua noiva, este foi o já e o ainda não do segundo êxodo, entre 30 d.C. a 70 d.C.

O preterista completo tem a história terminando no ano 70 d.C.! A Bíblia, por outro lado, termina a história tipológica com o Reino da glória de Salomão, onde Israel teve “paz em todos os lados” e “as nações” trouxeram seus tributos e riquezas. Todos os inimigos de Salomão foram derrotados (1º Reis 4:20-28, 34; 5:3, 4). Muitas vezes, no estudo da tipologia, temos tipos duplos em andamento. Jesus é “Davi” e Ele é o “Filho de Davi”. Aqui, por um lado, o período de conquista termina com Salomão tendo paz em todos os lados.

No entanto, podemos ver que Salomão/Jesus deve ser aplicado na exaltação de Jesus em Sua Ascensão, em que Ele especificamente recebe “todo o poder” sobre seus inimigos. Contudo, isto deve ser dado também ao Povo de Deus, que, no Novo Testamento, é a “igreja” (feita de todas as nacionalidades). E se vemos, então, o fato de que a Salomão é dado tudo isso em 1º Reis 4 e 5, e então ele começa a “construir o templo” (capítulos 5-8), podemos paralelizar o fato de que

Jesus recebeu todo o poder sobre seus inimigos, e depois se concentra em construir o Templo/Igreja. Isso, por sua vez, termina com Deus aparecendo no Templo (1º Reis 9:1-2).

Entendendo Efésios 2:19-22; 4:11-16 como Salomão/Jesus construindo Seu Templo/Igreja seria isto aplicável para os eventos pós-70 d.C. Qualquer que seja a escatologia bíblica, deve fluir com toda a Bíblia, e não apenas com partes dela. Deve fluir com todos os padrões, e não apenas enfatizar alguns. Isto deve levar em consideração toda a história, e não apenas uma geração. Tem que se referir a toda a igreja e não apenas aos membros escritos no primeiro século. Nós nos concentramos na natureza dos atos progressivos de Deus em construir sua igreja e santificar seu povo. Com Jesus, podemos argumentar que ele raramente viu além do ano 70 d.C. (ênfasis raramente, porque ele considera o futuro da ressurreição e a inclusão das nações). Paulo, por outro lado, enfatiza muito mais do que Jesus a inclusão das nações. O que Jesus, o homem, realizou (inteiramente) na cruz, foi posto em movimento para ser realizado da mesma forma para o Seu povo: redenção, regeneração, santificação, glorificação, ascensão, exaltação. Como todos os inimigos foram colocados sob o homem, os pés de Cristo Jesus, assim também devem ser colocados sob nossos pés, pois, em união com Ele, somos vistos, metaforicamente, como seu corpo (não o corpo físico dEle, obviamente!).

No entanto, o preterista completo indicará que, se isso ainda não foi realizado para nós, então estamos inacabados na salvação. Isto é falso. Para Jesus, o homem, o ser humano, nós o vemos como Aquele que deve ser aplicado a nós. A redenção humana e a salvação já foi realizada precisamente porque Jesus, o homem, tem todas as coisas relativas à redenção e salvação aplicadas a Ele. Como homem, não lhe falta nada. Todo o poder? Ele tem isso. Tudo de seus inimigos, incluindo a morte, estão sob seus pés? Ele obteve isso através da ressurreição dos mortos, na medida em que “não pode morrer novamente” (Romanos 6:9). Glorificação? Ele foi glorificado. Exaltação? Remoção da maldição? Tudo se aplica a Ele, o homem, Cristo Jesus. Portanto, como Paulo tão raciocinou, se estamos unidos nEle, então, as coisas que se aplicam a Ele estão sendo feitas para que apliquemos a nós para que, no final,

devemos ser exatamente como Ele é, como seres humanos, levados ao corpo, triunfantes corporalmente sobre a morte (nunca capaz de morrer de forma física) e ter, literalmente, todos os nossos inimigos completamente sob nossos pés em resposta ao Salmo 8! Louve a Deus!

Portanto, nossa salvação completa foi realizada por Cristo, na cruz e Ele foi levantado para nossa justificação. E, essa completa salvação é aplicada a todos aqueles “que são ensinados sobre o Senhor” definitivamente, progressivamente e finalmente. Paulo não estava aplicando esse aspecto da salvação apenas para sua própria geração, mas estava olhando para futuras “gerações” (Efésios 3:21). Seria dentro dessas épocas vindouras que Deus aperfeiçoaria seu Templo através do Templo já perfeito, Jesus Cristo.

“Então no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta do jubileu; no dia da expiação fareis passar a trombeta por toda a vossa terra,

E santificareis o ano quinquagésimo, e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família”.

(Levítico 25:9,10)

O ano do Jubileu (libertação de prisioneiros) só poderia ser proclamado em Yom Kippur. O cumprimento final do ano do Jubileu ocorreu na Parousia do Senhor em 70 d.C.

“E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.

E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus”.

(Mateus 24:29-31)

A trombeta descrita em Mateus 24.31 é a trombeta do Jubileu que só poderia ser cumprida em Yom Kippur, veja isto no comentário de Gary DeMar:

“A “grande trombeta” é o chamado do Evangelho. Remete a Números 10.1- 10 onde trombetas de prata foram feitas para chamar o povo à adoração e para cadenciar sua marcha. Também se refere ao Jubileu, o ano em que a terra voltava para os donos originais, o ano em que Satanás é desapossado e Cristo reclama para si o mundo (At 3.19-21). O ano do Jubileu significou a vinda do Reino de Cristo, e foi anunciado por trombetas (Lv 25.8-17; Lc 4.16- 21; Is 61.1-3). A voz dos mensageiros do Evangelho atua de forma similar ao som da trombeta chamando o povo ao arrependimento: “Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados” (Is 58.1; v. Jr 6.1; Ez 33.3-6; Rm 10.18).

A trombeta também é usada para reunir a nação como povo unificado: “E será, naquele dia, que o Senhor padejará o seu fruto desde as correntes do rio até o rio do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. E será, naquele dia, que se tocará um grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que foram desterrados para a terra do Egito tornarão a vir e adorarão ao SENHOR no monte santo, em Jerusalém” (Is 27.12,13). O ajuntamento se dá desde a Assíria até o Egito, lugares aonde os judeus foram levados em cativeiro. Edward J. Young escreveu: “Esse linguajar figurado simboliza o chamado para o retorno. Não devemos conceber uma trombeta literal soprada. Mateus 24.31 se baseia no imaginário do Antigo Testamento para simbolizar a grande obra que estava prestes a ter início: o grande ajuntamento do povo de Deus em uma nova nação”.

A restauração completa da herança perdida do homem ocorreu. Então, o ano do Jubileu e do Dia da Expição fala da plenitude do plano redentor de Deus para o homem. Não pode ser provado, mas alguns dizem que o ano 70 d.C. foi um ano do Jubileu! O que faz todo o sentido.

O Senhor divinamente colocou o Dia da Expição antes da Festa dos Tabernáculos, que se chama "A Temporada da Nossa Alegria". Os filhos de Israel e todos os crentes no Senhor Jesus só poderiam se alegrar quando fossem redimidos e seus pecados perdoados.

9

Festa dos Tabernáculos (Levítico 23:33-44)

Estamos estudando as festas de Javé encontradas em Levítico 23:

“Estas são as solenidades do Senhor, as santas convocações, que convocareis ao seu tempo determinado...”.

(Levítico 23:4)

As palavras "convocações sagradas" são o miqra hebraico, o que significa: "ensaio". As festas do Senhor foram nomeadas tempos de culto para Israel que serviriam de "ensaios" de eventos proféticos que aconteceriam no futuro. Através destas festas, o Senhor mostrou a Israel o que Ele iria fazer. Eram imagens de seu Messias vindouro e de Sua obra. Essas festas, como ensinamos, foram sete festas literais celebradas em Israel todos os anos e TIPOS do calendário profético de eventos de Deus para a Igreja.

Estudamos as quatro Festas da Primavera - Páscoa, Pão ázimo, Primeiros Frutos e Pentecostes. Estas quatro festas eram um prenúncio profético da Primeira Vinda do Senhor Jesus. Elas falaram de Sua morte, libertação, ressurreição e o advento da Nova Aliança. As três festas restantes são as festas de outono, que foram um prenúncio profético da parousia de Cristo em 70 d.C. A Festa das Trombetas, o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos. As festas de outono

ocorreram no mês de Tishri no calendário hebraico, que seria setembro ou outubro em nosso calendário. Estas três festas falam da consumação da redenção após o derramamento da ira de Deus e do Novo Céu e da Terra, que é tipificado pela Festa dos Tabernáculos.

Vamos entrar diretamente no nosso estudo da Sétima e última Festa, que é a Festa dos Tabernáculos:

“E falou o Senhor a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste mês sétimo será a festa dos tabernáculos ao Senhor por sete dias.

Ao primeiro dia haverá santa convocação; nenhum trabalho servil fareis.

Sete dias oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; ao oitavo dia tereis santa convocação, e oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; dia de proibição é, nenhum trabalho servil fareis.

Estas são as solenidades do Senhor, que apregoareis para santas convocações, para oferecer ao Senhor oferta queimada, holocausto e oferta de alimentos, sacrifício e libações, cada qual em seu dia próprio;

Além dos sábados do Senhor, e além dos vossos dons, e além de todos os vossos votos, e além de todas as vossas ofertas voluntárias, que dareis ao Senhor.

Porém aos quinze dias do mês sétimo, quando tiverdes recolhido do fruto da terra, celebrareis a festa do Senhor por sete dias; no primeiro dia haverá descanso, e no oitavo dia haverá descanso.

E no primeiro dia tomareis para vós ramos de formosas árvores, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas, e salgueiros de ribeiras; e vos alegrareis perante o Senhor vosso Deus por sete dias.

E celebrareis esta festa ao Senhor por sete dias cada ano; estatuto perpétuo é pelas vossas gerações; no mês sétimo a celebrareis.

Sete dias habitareis em tendas; todos os naturais em Israel habitarão em tendas;

Para que saibam as vossas gerações que eu fiz habitar os filhos de Israel em tendas, quando os tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus.

Assim pronunciou Moisés as solenidades do Senhor aos filhos de Israel”.

(Levítico 23:33-44)

Esta é a sétima festa no sétimo mês, e duraria sete dias. O número "sete" é o número bíblico de conclusão. Este é o grande final no plano de redenção de Deus; Deus habita com o Seu povo.

A festa dos tabernáculos é a mais alegre e festiva de todas as festas de Israel. É também a festa mais importante e proeminente, que é mencionada mais frequentemente nas Escrituras do que qualquer outra festa. A Festa dos Tabernáculos é conhecida por pelo menos dois nomes na Escritura. Na maioria das vezes, é referido como "Sukkot" ou "cabines ou Tabernáculos". A palavra "tabernáculo" é do latino tabernáculo, que significa: "cabine" ou "cabana". Ela adquiriu este nome pela exigência bíblica para que todos os israelitas habitassem em cabanas ou abrigos temporários durante o feriado. Era uma lembrança anual da provisão de Deus durante a 40 anos de residência do deserto quando Israel vivia em abrigos semelhantes. Esta última festa do ano é conhecida nas Escrituras também como a "Festa da Colheita", pois foi observada depois de todas as culturas terem sido colhidas e reunidas:

“E a festa da sega dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a festa da colheita, à saída do ano, quando tiveres colhido do campo o teu trabalho”.

(Êxodo 23:16)

A festa foi celebrada com grande alegria. A alegria era dupla, pois comemorava o bem e a provisão do passado de Deus durante a sua vida no sertão, e comemorava a bondade presente de Deus e a provisão com a conclusão da colheita.

O clima de Sukkot é alegre e é um momento para a celebração. Lembre-se da progressão: arrependimento na festa das trombetas, perdão e expiação em Yom Kippur, e agora é hora de se alegrar e se alegrar durante Sukkot:

“E, na tua festa, alegrar-te-ás, tu, e teu filho, e tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas.

Sete dias celebrarás a festa ao Senhor teu Deus, no lugar que o Senhor escolher; porque o Senhor teu Deus te há de abençoar em toda a tua colheita, e em todo o trabalho das tuas mãos; por isso certamente te alegrarás”.

(Deuteronômio 16:14,15)

Todos, incluindo os gentios (estrangeiros), receberam o comando de alegrar-se durante Sukkot.

A festa dos tabernáculos cai no outono do ano. No calendário hebraico, ocorre no dia 15 de Tishri, no sétimo mês (geralmente no final de setembro a meados de outubro); apenas cinco dias após a solene Dia da Expição. A Festa dos Tabernáculos dura sete dias. O primeiro dia e o dia após os Tabernáculos (o oitavo dia, conhecido como Shemini Atzeret) são considerados assembleias sagradas, ou sabáticos (Levítico 23:36, 39). Como tal, nenhum trabalho de qualquer tipo é permitido nestes dias (Levítico 23:36, 39).

Três porções das Escrituras descrevem a observância bíblica da Festa dos Tabernáculos. O povo deveria viver em cabines e se alegrar diante de Deus com galhos. (Levítico 23:33-43). Havia muitas ofertas diárias e sacrificiais (Números 29:12-39). Em um ano sabático, a Lei deveria ser lida publicamente durante os Tabernáculos (Deuteronômio 31:10-11).

Por causa da alegria associada à Festa dos Tabernáculos, tornou-se o feriado mais proeminente de Israel. Foi referido simplesmente como "o feriado" pelos antigos rabinos. A importância da Festa dos Tabernáculos também é vista na sua inclusão como uma das três festas peregrinas; Páscoa e Pentecostes são as outras duas. Três vezes durante o ano, todos os homens judeus foram requeridos por Deus para comparecer perante Ele no Templo. Estas eram conhecidas como festas de peregrinos por causa da peregrinação necessária para Jerusalém. Durante a Festa dos Tabernáculos, as pessoas trouxeram seus dízimos e oferendas ao Templo, pois não deveriam "aparecer diante de Deus com as mãos vazias".

Mais importância é vista no grande número de sacrifícios exigidos durante a semana da festa. Cada dia, uma cabra, 14 cordeiros, dois

carneiros e vários touros (13 no primeiro dia, diminuindo por um por dia) foram oferecidos no Templo. Cada um dos sacrifícios foi oferecido com as ofertas de refeições adequadas (farinha e óleo) e ofertas de bebidas (vinho). Todas as 24 divisões de sacerdotes compartilhavam nas tarefas sacrificais durante a semana. Nos dias do Templo, a Festa dos Tabernáculos foi vista com grande admiração, pois foi durante a Festa dos Tabernáculos que Salomão dedicou o Templo recém construído a Deus. Naquela observância antiga dos Tabernáculos, a glória de Deus desceu do Céu para iluminar o fogo no altar e encher o Santo dos Santos.

A Festa dos Tabernáculos ocorre na mudança de estações de Israel e marca o início do inverno, estação chuvosa. Essas chuvas refrescantes trazem a umidade necessária para trabalhar o solo e germinar novas culturas. Se, por algum motivo, os padrões climáticos são tais que várias semanas de chuvas são perdidas, uma escassa falta de água pode se desenvolver rapidamente para as safras do próximo ano. Porque a Festa dos Tabernáculos é observada nesta importante junção, quando a antecipação da chuva está no seu máximo, os dois se tornaram inseparavelmente conectados. Ainda hoje, as preces de chuva continuam sendo uma parte importante da observância dos Tabernáculos.

O Serviço da Festa dos Tabernáculos

Nos dias do Templo, os peregrinos judeus reuniram-se para Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos. Eles vieram de todas as aldeias dentro da nação e de muitos países estrangeiros, na maioria das vezes em grandes caravanas para proteção. Foi uma viagem alegre com muito canto e risada ao longo do caminho.

Ao chegarem em Jerusalém, os peregrinos concentraram suas energias na construção de cabines para a Festa. À tarde de 14 de Tishri, milhares e milhares de cabanas frondosas alinharam as ruas e salpicaram os campos e colinas circundantes. Todos foram cuidadosamente localizados dentro da jornada de um dia de Sabbath

(um pouco mais de uma milha e meia) do Templo. Ao pôr-do-sol, o sopro do shofar (chifre de carneiro) do Templo anunciou a chegada do feriado. Uma sensação de maior entusiasmo caiu sobre a cidade quando a escuridão chegou. Milhares de fogueiras cintilantes espremiavam a paisagem circundante.

Durante a Festa dos Tabernáculos, a intensa antecipação da chuva tornou-se refletida nos serviços do templo. Todas as manhãs dos Tabernáculos, uma libação de água (sacrifício derramando água) foi oferecida a Deus como uma oração visual pela chuva. Pouco depois do amanhecer, todas as manhãs, enquanto os muitos sacrifícios estavam sendo preparados, o sumo sacerdote foi acompanhado por uma procissão alegre de música e adoradores até a Piscina de Siloé. O sumo sacerdote carregava um cântaro dourado capaz de segurar um pouco mais de um litro de água. Ele cuidadosamente mergulhou o jarro na piscina e trouxe de volta ao Monte do Templo.

Ao mesmo tempo, outra procissão foi para um local próximo ao sul de Jerusalém, conhecido como Motza, onde os salgueiros do ribeiro cresciam em grande abundância. Eles reuniram os salgueiros longos e magros e os levaram de volta ao Templo. No Templo, os salgueiros foram colocados nos lados do altar para que seus topos formassem um dossel de galhos caídos sobre o altar. Enquanto isso, o sumo sacerdote com a água da Piscina de Siloé chegou ao portão sul do Templo. Esse portão era conhecido como PORTÃO DE ÁGUA por causa desta cerimônia. Ao entrar, três sopros das trombetas de prata soaram fora do Templo, e os sacerdotes com uma voz repetiram as palavras de Isaías:

“E vós com alegria tirareis águas das fontes da salvação”.

(Isaías 12:3)

O sumo sacerdote passou lentamente para o altar de pedra no Tribunal Interior do Templo e subiu ao lado direito da rampa. No pico, ele se virou para a esquerda, onde havia duas bacias de prata que davam até a base do altar. Um foi reservado para as ofertas regulares de bebidas (libações de vinho) e um para as libações de água durante esta

feita. Quando o sumo sacerdote levantou o jarro de ouro para derramar a oferta de água, as pessoas gritaram: "Levante sua mão!" Em resposta, o sumo sacerdote ergueu a mão mais alto e serviu, permitindo que as pessoas verificassem sua ação. Esta tradição surgiu em torno de 95 a.C. em resposta a um levante nos dias de Alexandre Jannaeus, o neto rei-sacerdote de Simão os Macabeus.

Quando o sumo sacerdote derramou a libação de água perante o Senhor, uma oferta de vinho foi simultaneamente aplicada na outra bacia. Três sopros das trombetas de prata imediatamente seguiram o derramamento e sinalizaram o início da música do Templo. As pessoas ouviram o coro de levitas cantando o Hallel (ou seja, o louvor dos Salmos 113-118). No momento apropriado, a congregação acenou seus ramos de palmeira em direção ao altar e se juntou a cantar:

“Salva-nos, agora, te pedimos, ó Senhor; ó Senhor, te pedimos,
prospera-nos”.

(Salmos 118:25)

Ao mesmo tempo, os sacerdotes, com ramos de palmeiras na mão, marcharam uma vez para o altar.

O salmo 118 foi visto como um salmo messiânico e, como tal, deu à festa uma ênfase messiânica. É por isso que Jesus foi saudado pelas multidões gritando: "Hosana" (hebraico para "salvar agora") e acenando ramos de palmeiras em Sua entrada triunfal em Jerusalém (Lucas 19:38, João 12:13). Eles o viram como o Messias e Rei ("salve agora" Israel em cumprimento do Salmo 118). Esta mesma imagem está em vista em Apocalipse 7:9-10, onde os santos redimidos adoram, com ramos de palmeiras na mão, em torno do trono de Deus e do Cordeiro.

Este costume de transportar ramos e cantar Salmos durante a Festa dos Tabernáculos é de origem antiga. Retorna pelo menos ao tempo dos Macabeus, cerca de 165 anos antes de Cristo (ver Macabeus 10:6-7). A cerimônia da extração da água também é da antiguidade. Embora exista um debate sobre se Isaías aludiu à cerimônia da extração da água (Isaías 12:3), ou a cerimônia foi derivada das palavras de Isaías, sabe-se

que a cerimônia estava em uso pelo menos 100 anos antes do tempo de Jesus.

A celebração do derramamento de água (em oposição à cerimônia) foi observada durante as noites da Festa por uma impressionante cerimônia de luz no Templo. Era conhecido como o Simchet Bet Hasho'ayva ("O Júbilo da Câmara dos que tiram a água"). Quando a segunda noite dos Tabernáculos se aproximou, as pessoas se aglomeraram no vasto campo exterior do Templo, conhecido como Tribunal das Mulheres. Nesta ocasião, uma barreira foi levantada para dividir os homens das mulheres. No centro da quadra havia quatro menorás altas, cada uma com quatro ramos de lâmpadas de óleo. Suas mechas foram fabricadas com as roupas de linho desgastadas dos sacerdotes. Cada menorá tinha quatro largas escadas que levavam às lâmpadas, que eram periodicamente reabastecidas por jovens sacerdotes que levavam grandes jarros de azeite. A Festa dos Tabernáculos começou no meio do mês lunar, quando a lua da colheita estava cheia e o céu do outono estava claro. O contorno das colinas da Judeia circundantes era claramente visível no suave luar. Com este pano de fundo, a luz da celebração do Templo foi de tirar o fôlego. Durante toda a noite, os anciãos do Sinédrio realizaram impressionantes danças de tocha, enquanto as constantes chamas amarelas das lâmpadas de óleo de menorá inundaram o Templo e as ruas de Jerusalém com luz brilhante.

Pouco depois da celebração, um grupo de levitas reuniu-se no Tribunal Interno no que era conhecido como "Tribunal dos Israelitas". Uma vez formado, o grupo dos levitas atravessou o portão de Nicanor para ficar no topo dos 15 degraus que levaram ao tribunal das mulheres. O som de flautas do templo, trombetas, harpas e outros instrumentos de cordas eram ouvidos enquanto os levitas cantavam os 15 Salmos de Graus (Salmos 120-134). Com cada novo Salmo desceram ao próximo passo.

Esta celebração foi repetida todas as noites a partir da segunda noite até a noite final como um prelúdio para a extração da água na manhã seguinte. Nada no antigo Israel se compara a esta celebração. Foi tão espetacular que os antigos rabinos disseram: "Aquele que não viu a

alegria da extração da água (a celebração de Simchet Bet Hasho'ayva) nunca viu alegria em sua vida (Sukkah 5:1). A celebração da luz era uma reminiscência da descida da glória do Senhor nos dias de Salomão, e aguardava o retorno da glória de Deus.

Esta Festa também serviu como o backup histórico dos importantes ensinamentos de Jesus em João, capítulos 7-9. João registrou que era o dia após a Festa dos Tabernáculos (o oitavo dia), que foi considerado um sábado, quando Jesus voltou do Monte das Oliveiras para ensinar no Templo (João 8:2, cf. 7:2, 37). Durante a festa de Sukkot foi dito que Jerusalém era a luz do mundo. Quando os fariseus vieram Jesus proclamou:

“Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida”.

(João 8:12)

Os fariseus não questionaram o significado de Sua declaração. Eles sabiam que era uma reivindicação messiânica, pois imediatamente o chamavam de mentiroso. Eles estavam familiarizados com os muitos títulos na Escritura que atribuíram LUZ ao Messias. Ele é chamado de "Estrela de Jacó", a "luz de Israel", a "luz das nações (gentios)", um "fogo refinador", uma "lâmpada incandescente" e o "Sol da justiça".

De acordo com os idiomas e símbolos entendidos e praticados pelos escritores do Novo Testamento, o símbolo da luz fala da menorá no Templo. A Menorá, que é um dos símbolos mais antigos da fé judaica, é um candelabro de sete ramificações usado no Templo. Foi dito que a menorá é um símbolo da nação de Israel e sua missão de ser "uma luz para as nações".

Vejamos a menorá no antigo hebraico. A primeira letra é o "Mem", representado como uma série de ondas no mar, o que pode sugerir os vários significados potenciais de caos, poderoso, sangue ou simplesmente água ou ondas. Neste caso, escolheremos "Poderoso", e a razão será evidente em um momento.

A segunda letra é a "Nun", que é uma imagem de uma semente. Esta carta pode significar: "continuar, herdeiro ou filho", uma vez que tudo

isso vem da semente de um homem. Ou, simplesmente pode significar: "semente". Mas escolheremos "Filho" nesta instância.

A terceira letra é um "Resh", que se assemelha a cabeça de homem. Esta letra pode significar: "primeiro, topo ou início", já que no mundo antigo um homem era o primeiro ou superior de sua casa. Neste caso, o significado de "Primeiro" se adequa melhor aos nossos propósitos.

A última letra é a "Ei", que é uma imagem de um homem tentando chamar sua atenção. Esta letra tem os significados alternativos de olhar, revelar ou respirar, mas também pode significar: "louvor ou contemplar", dependendo de como e onde é usado. Mas aqui vamos escolher "Revelar".

Então, o Menorá na imagem pictograma hebraica significa: "O Poderoso Filho Revelou Primeiro". O Templo Menorá tinha sete velas com sete chamas, e sabemos que essas chamas permaneceriam acesas o tempo todo. Esta menorá pretendia representar as sete festas do Senhor. Então vemos o simbolismo que se refere a Jesus o Cristo, uma vez que o primeiro advento de Jesus e a parousia em 70 d.C. cumprem todos esses festivais na sua totalidade. Então Jesus foi revelado pela primeira vez pelo simbolismo por trás desta Menorá.

Se considerarmos o nome "Yeshua" nas letras hebraicas, veremos que o simbolismo Menorá adicional é revelado. Observe como o nome do Senhor tem sete chamas em cima das letras, assim como a Menorá sempre teve sete chamas queimando em cima dela. As letras hebraicas são um tanto únicas desta maneira, na medida em que várias delas têm esse floreio no topo que parece uma chama. Mas o nome de Yeshua é uma das poucas palavras em hebraico que exibiria esse efeito.

Mais tarde naquele dia, o Messias reforçou essa mesma verdade quando curou o cego. Ao fazê-lo, ele repetiu: "Enquanto eu estiver neste mundo, eu sou a luz do mundo" (João 9:5). Os fariseus voltaram a se irritar com Jesus. A questão continuou sendo a Sua messianidade (João 9:22). Desta vez, no entanto, eles escolheram achar falha em que ele curou o cego no oitavo dia, que era um sábado (João 9:14). Embora não existissem leis mosaicas contra o ato de curar no sábado, as tradições dos fariseus classificaram como trabalho e, portanto, proibiram isso. Mais do que apenas uma afirmação messiânica, a

afirmação de Jesus de ser a "luz do mundo" trazia uma referência à celebração da luz do Templo. A celebração ainda estava viva em suas mentes. Eles tinham celebrado seis noites seguidas. A luz que Jesus ofereceu não iluminaria apenas o Templo, iluminaria todo o mundo. Ele, ele mesmo, foi a fonte:

“Disse mais: Pouco é que sejas o meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os preservados de Israel; também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra”.

(Isaías 49:6)

O servo de Deus é Jesus, ele é a luz das nações.

No sétimo e último dia da Festa dos Tabernáculos, os serviços do Templo atingiram o clímax. A antecipação da chuva estava em sua alta anual. A tradição judaica afirmou que foi neste dia que Deus declarou se haveria chuva para as colheitas do próximo ano. Consequentemente, neste último dia da Festa, o ritual da extração da água do Templo tomou grande importância. A água era o pensamento mais importante na mente de todos.

Nos outros seis dias desta Festa, as trombetas de prata deram três toques. Neste dia, as trombetas deram três conjuntos de sete toques. Nos outros seis dias, os sacerdotes fizeram apenas um circuito ao redor do altar. Neste dia, os sacerdotes fizeram sete. Enquanto caminhavam ao redor do altar, eles cantavam o verso de Hosana (Salmo 118: 25), e as pessoas acenavam com ramos de palmeiras. Por estas razões, o dia era conhecido como Hoshanah Rabbah, ou "Grande Hosana". As expectativas para chuva para o próximo ano e o fervor messiânico estavam em seu tom mais alto.

O ano era em torno de 30 d.C. Foi Hoshanah Rabbah, o último dia, o grande dia da festa dos tabernáculos. À medida que as pessoas observavam atentamente os sacerdotes se dirigindo ao serviço, uma voz alta soou da multidão. Os sacerdotes olharam com consternação, e as pessoas se deram uma grande surpresa ao ver quem ousou interromper o serviço. Eles viram um jovem galileu em seus 30 anos

de idade, aquele que muitos consideravam um grande rabino, um profeta ou mesmo o Messias:

“E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba.

Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre”.

(João 7:37,38)

O som de Suas palavras produziu silêncio, depois êxtase. A liderança religiosa estava enfurecida, indignada e ameaçada. Alguns queriam matá-lo:

“E alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém lançou mão dele”.

(João 7:44)

A reivindicação autorizada foi entendida por todos, acreditada por alguns, rejeitada por outros. Jesus estava reivindicando ser o muito esperado e prometido Messias.

Eu acredito que Jesus o Cristo, a Água Viva, nasceu neste mundo durante a Festa dos Tabernáculos. Gostaria de lhe dar alguns fatos que provam que Jesus nasceu no primeiro dia de Sukkot. Primeiro, acredito que você entenda que 25 de dezembro não é a data real do nascimento de Jesus. A data de 25 de dezembro é simplesmente tradição. 25 de dezembro não foi reconhecido como data do nascimento do Messias até o século IV, quando Constantino cristianizou todas as férias pagãs. Para entender a data do nascimento de Jesus, devemos estabelecer corretamente a data do nascimento de João Batista. Lucas 1:26 indica que houve exatamente seis meses de diferença entre a concepção de João e a concepção de Jesus. Se suas concepções fossem separadas seis meses, então seus nascimentos também estarão separados seis meses. Então, vamos ver se podemos descobrir quando João Batista nasceu. Lucas 1:5 e 1:8 afirma que o pai de João Batista, Zacarias, pertencia à divisão sacerdotal de Abias que estava servindo no Templo quando

recebeu a notícia de que Isabel ficaria grávida. 1º Crônicas 24:10 diz que a divisão sacerdotal de Zacarias, Abias, foi a oitava divisão para servir no Templo. A Mishná afirma que cada divisão teve que servir duas vezes em um ano (mas não consecutivamente), com a primeira divisão a partir da primeira semana de Nisan. Cada divisão serviu um período de uma semana e todas as divisões sacerdotais tiveram que servir durante os três festivais peregrinos.

O seguinte é a ordem das divisões sacerdotais em relação às Festas:

1ª semana de Nisan , a 1ª divisão sacerdotal de Jeoiaribe serve

2ª semana de Nisan, 2ª divisão sacerdotal de Jedaías serve

3ª semana de Nisan , Páscoa / Festa dos Pães ázimos, todos os sacerdotes servem

4ª semana de Nisan , 3ª divisão sacerdotal da Harim serve

1ª semana de Iyar, 4ª divisão sacerdotal de Seorim serve

Segunda semana de Iyar , 5ª divisão sacerdotal de Malquias serve

3ª semana de Iyar , 6ª divisão sacerdotal de Míamin serve

4ª semana de Iyar , 7ª divisão sacerdotal da Hacoze serve

1ª semana de Sivan , 8ª divisão sacerdotal de Abias serve

2ª semana de Sivan, Shavuot , todos os sacerdotes servem (incluindo a divisão de Abias)

Zacarias serve durante a primeira semana de Sivan e então é obrigado a servir a semana seguinte para Shavuot (Pentecostes). Durante Shavuot os sacerdotes jogariam sortes sobre quem teria a honra de ir ao lugar sagrado para queimar incenso no altar. Só uma vez durante a vida de um sacerdote poderia ser convocado para esse serviço. O lote

de Zacarias foi escolhido (Lucas 1:9), e foi seu tempo oferecer o incenso. Zacarias entraria no Lugar Sagrado, oferecendo incenso, e então retornaria para fora para dar a bênção aos adoradores. Como Zacarias oferece incenso, para sua surpresa, um anjo do Senhor aparece para ele e informa-lhe que suas orações foram respondidas, e que sua esposa teria um filho. Zacarias duvidou do anúncio do anjo e perdeu a capacidade de falar (Lucas 1:19-20). Os adoradores começaram a se perguntar o que estava acontecendo com Zacarias por levar tanto tempo, e então ele apareceu para dar a bênção, mas logo percebeu que não podia falar (Lucas 1:21-22).

Depois que o serviço de Zacarias foi completado, ele voltou para casa; e Isabel, sua esposa, concebeu. João Batista foi concebido algum tempo depois de Shavuot. Se João fosse concebido em algum momento após Shavuot, então João Batista teria nascido no mês de Nisan. Gostaria de propor que João nasceu em 15 de Nisan, o primeiro dia da festa do Pão ázimo e da Páscoa, com base nesses fatos. Primeiro, Malaquias 4:5-6 indica que Elias deve chegar antes da chegada do Dia do Senhor. Em Mateus 11:11-14, o Messias diz que João Batista é o Elias que deveria vir. João veio como o precursor do ministério de Cristo; João preparou os corações e as mentes das pessoas para Cristo. João foi o Elias que deveria vir como profetizado por Malaquias. Quando o povo judeu esperava Elias? Em cada Seder da Páscoa, um lugar é estabelecido para Elias, e uma criança abrirá a porta para ver se Elias chegou. Se João Batista é o Elias que deveria vir, e ele foi concebido em algum momento após Shavuot, então acredito que João nasceu na Páscoa (Nisan 15).

Lembre-se que o Messias nasceu seis meses depois de João Batista. Se João nasceu em 15 de Nisan, então o Messias teria que nascer em 15 de Tishri. Eu acredito que o Messias nasceu no primeiro dia da festa dos Tabernáculos. João diz: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós..." A palavra grega para "habitação" é skenoo e significa: "ocupar (como uma mansão) ou (especificação) para residir (como Deus fez no Tabernáculo de antigamente, um símbolo de proteção e comunhão)". O sukkah é uma imagem perfeita de Cristo. O sukkah não é uma estrutura atraente, assim como não havia nada de Cristo que nos

atraísse para ele (Isaías 53:2). Se a vida e o ministério de Cristo girassem em torno da festa, então mesmo seu nascimento teve que estar em conjunto com uma festa. A Festa dos Tabernáculos se encaixa perfeitamente com o nascimento do Messias. O Salvador do mundo nasceu em uma sukkah humilde no primeiro dia da festa de Sukkot.

Se o Messias nasceu em 15 Tishri, então a circuncisão dele teria ocorrido no oitavo dia de Sukkot. Os judeus têm uma tradição associada aos oito dias chamado "Simchat Torah" e significa: "Regozindo-se na Torá". Lucas 2:21-38 diz que, no oitavo dia, levaram o bebê Messias ao Templo para circuncidá-lo e nomeá-lo, e quando Simeão e Ana viram o Salvador de Israel, eles se alegraram com Ele. Esses dois justos se regozijaram com a Torá viva de Deus. Todo aspecto do nascimento do Messias, inclusive o dia da Sua circuncisão, é um quadro destinado a nos ensinar mais sobre Ele.

Como dissemos anteriormente, a Festa do Tabernáculo é chamada "a estação da nossa alegria" e "a festa das nações". Com isso em mente, note o que Lucas escreve:

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo”.

(Lucas 2:10)

Aqui, o nascimento de Cristo é anunciado como um tempo de grande alegria (Sukkot é chamado de "estação de nossa alegria"), que deve ser para todas as pessoas (Sukkot é chamado de "Festa das Nações"). Assim, podemos ver disso que a terminologia que o anjo anunciava o nascimento de Jesus eram temas e mensagens associadas à Festa dos Tabernáculos.

Em Lucas 2:12, o bebê Jesus estava envolto em panos e deitado numa manjedoura. Os panos também foram usados como mechas para iluminar as 16 tábuas de óleo dentro do tribunal das mulheres durante o festival de Sukkot. Assim, os panos estão associados ao festival de Sukkot .

Durante a Festa dos Tabernáculos, Deus exigiu que todos os judeus homens viessem a Jerusalém (Deuteronômio 16:16). Por esse motivo, a cidade estaria superlotada com pessoas.

O Antítipo

Foi durante o tempo desta festa de outono que marca o início da construção da sukkah de Deus, o santuário no deserto (Êxodo 25:8-9). Em Êxodo 25:9, a palavra tabernáculo é a palavra mishkan em hebraico. De acordo com a tradição, Moisés novamente subiu ao monte Sinai durante 40 dias e noites para receber o segundo conjunto de tabuletas e desceu sobre Yom Kipur, levando-os como um sinal do perdão de Deus de Israel pelo pecado do bezerro de ouro e como um símbolo do pacto duradouro entre Deus e Israel (Êxodo 24:12-18; 34:1-2; 27-28). No dia seguinte Moisés transmitiu as instruções de Deus para construir o mishkan - uma morada. Por que o Mishkan foi construído?:

“E me farão um santuário, e habitarei no meio deles”.
(Êxodo 25:8)

Para estabelecer a relação entre Deus e Israel, Deus habitaria no meio do povo. Portanto, o mishkan, o tabernáculo no deserto, foi instruído a ser construído por Deus para Ele, para que Ele pudesse habitar com Seu povo. Espiritualmente falando, este tabernáculo físico foi dado por Deus para nos ensinar que Ele deseja viver e habitar com Seu povo.

O sukkah, ou estande, simboliza a necessidade do homem de depender de Deus por sua provisão de comida, água e abrigo. Isso também é verdade no domínio espiritual. Com isso em mente, vejamos o contexto pelo qual a palavra tabernáculo é usada na Nova Aliança.

Jesus tabernaculou (sukkot) entre nós (João 1:14). A Bíblia fala de um tabernáculo celestial (Hebreus 8:1-2; Apocalipse 13:6; 15:5). Este tabernáculo celestial é visto vindo à terra (Apocalipse 21:1-3). Jesus foi o verdadeiro tabernáculo de Deus (Hebreus 9:11).

“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação...”.

(Hebreus 9:11)

Então, o estande, ou sukkah, era uma morada temporária. Historicamente, foi para lembrar as pessoas de seu êxodo do Egito, como descrito em Levítico 23:42-43. Profeticamente, o sukkah apontou para a parousia de Cristo em 70 d.C., quando Deus habitaria com Seu povo em uma relação "face a face".

Uma das verdades mais destacadas da Festa de Tabernáculos envolvem as chuvas sazonais em Israel. Cristo é a chuva que desceu do céu, bem como a água viva e a fonte da água viva mencionada em João 4:4-6, 10-14, 20-24; e Apocalipse 21:6 e 22:1-5, 17. Cristo deseja que bebamos da água que Ele dá, o que resulta em vida eterna (João 4:14) para que possamos ser preenchidos (Mateus 5:6).

A plenitude desta festa no sétimo mês foi experimentada na vinda de Cristo na destruição de Jerusalém em 70 d.C. Este foi um tempo de grande alegria para todos os crentes.

A Festa dos Tabernáculos foi para comemorar e Lembrar:

- 1) O fim das andanças no deserto dos filhos de Israel.
- 2) Também foi uma celebração de sua herança e entrada em Canaã - a Terra Prometida.

A satisfação antítipo veio no final do período de transição de 40 anos (30 a 70 d.C.) quando a Antiga Aliança chegou ao fim e a Nova Aliança foi totalmente consumada e a herança dos Novos Céus e da Nova Terra chegou, onde estamos "abrigados" com Deus. Lembre-se que esta foi uma festa de 7 dias com um sábado no oitavo dia. Por que esse sábado foi no final da festa? Ele retrata Jesus Cristo que é o nosso sábado. Ele cumpriu o tipo da antiga aliança. Nós, como crentes, descansamos totalmente e completamente nele.

Eu disse anteriormente nesta mensagem que a Festa das Trombetas também é conhecida na Escritura como a "Festa da Colheita", pois foi observada depois que todas as safras foram colhidas e reunidas:

“E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus”.

(Mateus 24:31)

“Então, tendo despedido a multidão, foi Jesus para casa. E chegaram ao pé dele os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola do joio do campo.

E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem;

O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno;

O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos.

Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo.

Mandarà o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade.

E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

(Mateus 13:36-43)

Jesus diz que após a colheita os justos resplandecerão como o sol no reino, ele faz aqui uma citação direta ao texto de Daniel:

“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo;

mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro.

E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.

Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente”.

(Daniel 12:1-3)

Aqui vemos que após o grande período de aflição, a ressurreição nacional de Israel aconteceria (confira o Comentário do livro de Daniel para mais detalhes) e justos resplandeceriam como o fulgor do firmamento. Isso aconteceria após o julgamento do chifre pequeno descrito em Daniel 7, quando os santos Herdam o Reino:

“Então tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro e as suas unhas de bronze; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava;

E também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça, e do outro que subiu, e diante do qual caíram três, isto é, daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros.

Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.

Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.

(Daniel 7:19-22)

Essa imagem dos santos possuindo o reino também foi abordada por Jesus em Mateus 25:

“E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

“E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo...”.

(Mateus 25:31-34)

Vemos aqui que a colheita ou a reunião dos eleitos está relacionada com o fim da era, na parousia de Cristo em 70 d.C., foi nesse tempo que os santos herdaram/possuíram o reino. Esta colheita é um Dia de Combate, quando Deus congrega o Seu povo para si mesmo e queima os ímpios como palha e restolho:

“Porque eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.

Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e cura trará nas suas asas; e saireis e saltareis como bezerros da estrebaria”.

(Malaquias 4:1,2)

Os justos entre os gentios também foram reunidos para o Senhor. Naquele dia, os gentios celebrarão a festa dos tabernáculos na Jerusalém Celestial:

“E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos.

E acontecerá que, se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva”.

(Zacarias 14:16,17)

O Senhor não só reuniu Seu povo, mas Ele começou a TABERNÁCULAR no meio deles:

“E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus”.

(Apocalipse 21:1-3)

Esta era em que vivemos é a era da Nova Aliança. Nós somos a Nova Jerusalém, vivemos na presença de Deus. Temos acesso ao trono de Deus. Como salvos das nações, caminhamos à luz desta cidade sagrada. Hoje somos a luz do mundo, uma cidade situada em uma colina:

“E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite.

E a ela trarão a glória e honra das nações”.

(Apocalipse 21:25,26)

O que isso significa? Olhe para:

“E as tuas portas estarão abertas de contínuo, nem de dia nem de noite se fecharão; para que tragam a ti as riquezas dos gentios, e, conduzidos com elas, os seus reis”.

(Isaías 60:11)

Aqui vemos a razão de que esses portões nunca estão fechados; que os homens possam trazer a riqueza dos gentios e seus reis em procissão. Esta é uma referência ao poder do Evangelho. O versículo seguinte nos diz que somente os eleitos entram nela:

“E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro”.

(Apocalipse 21:27)

A salvação está sempre disponível, os portões estão sempre abertos a esta cidade. Olhe para o capítulo 22:

“E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro.

No meio da sua praça, e de um e de outro lado do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações”.

(Apocalipse 22:1,2)

Aqui, o rio da água da vida flui do Templo para as nações do mundo. A árvore da vida está lá para a cura das nações. O rio da água da vida foi previsto no Tanakh em Ezequiel 47. Este rio sai da Nova Jerusalém em Apocalipse 22:1-2; que é a igreja. Devemos estar envolvidos em levar a água da vida para as nações. Qual é a água da vida?

“E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida”.

(Apocalipse 22:17)

Este é um apelo à salvação! Se os Novos Céus e a Nova Terra são o estado eterno, como ensina o Dispensacionalismo, por que o convite para a salvação (beber da água da vida) continua a ser anunciado? O Novo Céu e a Terra é a Nova Aliança, a Igreja. E da Igreja vem a água da vida para a cura das nações.

Agora estamos vivendo no Novo Céu e na Terra. Nós somos a Nova Jerusalém, que é o corpo de Cristo. Jesus e Seu Pai estão entre nós, e não precisamos de Templo; não precisamos de nenhum dos rituais e cerimônias do antiga aliança. Estamos na presença de Deus agora e para sempre.

C. H. Spurgeon disse:

“Você já se arrependeu da ausência do holocausto, ou da novilha vermelha, ou de algum dos sacrifícios e ritos dos judeus? Você peneirava para a festa do tabernáculo ou a dedicação? Não, porque,

embora fossem os velhos céus e a terra para os crentes judeus, eles passaram, e agora vivemos sob os Novos Céus e uma Nova Terra, no que diz respeito à dispensação do ensino divino. A substância vem, e a sombra desapareceu: e não lembramos disso”.

(Metropolitan Tabernacle Pulpit , vol. Xxxvii, p. 354)

Os velhos céus e a terra do judaísmo faleceram, e agora vivemos nos Novos céus e na Nova Terra da Nova aliança. Que Deus nos ajude a entender e apreciar plenamente a nossa posição no Novo Céu e na Terra, onde a justiça habita, e onde o Senhor habita com o Seu povo.

Após a destruição do Templo no ano 70 d.C., a observância desta Festa, como todas as festas, foi radicalmente alterada. Sem um templo e um sistema de sacrifício, essas Festas não podiam mais ser observadas, o que deixa claro que TODAS estas Festas terminaram com a destruição de Jerusalém e a parousia de Cristo no ano 70 d.C. Não há mais ensaios, os ensaios terminaram quando o antítipo chegou. As profecias que estavam ensaiando foram cumpridas.

Assim, como o Israel moderno atravessa os movimentos do ensaio desta Festa, eles perderam a realidade por dois mil anos. Eles não sacrificam mais em Sukkot, nem mais cabras, cordeiros, carneiros ou touros são sacrificados conforme prescrito na Torá. Porque não há mais Templo, não mais sacerdócio, porque tudo foi cumprido em 70 d.C. quando Jesus veio em julgamento sobre Jerusalém, reuniu os santos e tabernaculou com sua igreja.

A Festa dos Tabernáculos finaliza o processo redentor de Israel espalhando os ímpios de Israel pelas nações. A Grande Colheita dos Gentios começa. Este é o tempo da conversão das nações, da regeneração (Mt 19:28), da plenitude dos gentios (Rm 11:25). Esta Festa aponta para o reinado milenar de Jesus (cf. Mt 25:31-46, Ap 20). É a mais importante Festa profética para a Igreja, pois representa o governo do Messias sobre as nações da Terra, o qual colocará todos os inimigos debaixo de seus pés, e o tempo do cumprimento da Grande Comissão (cf. Mt 28:19, At 3:23, 1 Co. 15:24-26).

O significado profético da Festa de Purim

Colossenses 2:17 diz que todas as festas e festivais do Antigo Testamento eram uma sombra das coisas por vir . O que isso significa, que eles eram uma sombra das coisas por vir "? Hebreus 10:1 diz a mesma coisa. Ele diz que as leis cerimoniais eram uma sombra das coisas boas que viriam. Essa passagem está dizendo que estamos experimentando as boas coisas no reino, e que aquelas cerimônias do Antigo Testamento prenunciaram o que temos e até mesmo o que é futuro para nós. Como vimos, todos os festivais do Antigo Testamento eram imagens que transmitiam a verdade sobre Jesus e nossa era (Colossenses 2:17; Hebreus 10:1) e todo livro do Antigo Testamento (incluindo Ester) fala dessa época (Lucas 24:25-27; Atos 3:24-26, 10:43, 1 Pe 1:10-12, Apocalipse 19:10). Agora vamos olhar para o simbolismo da festa de Purim.

Vimos que as festas do Senhor lançam uma sombra no futuro de Israel, assim como as árvores a 30 metros de distância podem lançar uma sombra até onde você está. Quando o sol está atrás de você, a sombra se move à sua frente - está prenunciando sua chegada. Se você tentar se aproximar de alguém com o sol nas suas costas, eles saberão. Por quê? Porque sua sombra chega lá antes de você. Isso é prenúncio. A sombra pode não mostrar todos os seus recursos, mas muitas vezes você pode obter o suficiente na forma que você pode até mesmo dizer quem ou o que está chegando. E isso é verdade das imagens proféticas do Antigo Testamento. Nós vimos que as festas do Senhor retratam a obra de Cristo e Seu reino. Você pode não ter percebido isso, mas todos os festivais no Antigo Testamento retratam uma faceta diferente da obra de Cristo. E até a ordem em que foram dados mostra o progresso histórico da era do Novo Testamento.

Breve visão geral das sete festas bíblicas ligadas ao templo

A primeira coisa que eu deveria fazer é dar uma breve visão geral de como todos os festivais lançaram uma sombra sobre a era do nosso reino desde o começo do reino até o último dia. Se você olhar o quadro que eu fiz em festivais, eu acho que vai ajudar você a acompanhar.

Jesus nos redime através da Sua morte (Páscoa), seu enterro (pão sem fermento) e sua ressurreição (primícias). Eles recebem nomes diferentes, mas são três dias seguidos, regozijando-se até o oitavo dia. 50 dias depois temos o pentecostes e mostra que Jesus equipando e capacitando um povo. É a primeira festa que usa fermento no pão. Quando a Páscoa acabar com todo o fermento do pecado, o novo fermento do reino crescerá. E há o símbolo dos dois pães representando os judeus e os gentios unidos.

As próximas três festas têm seu foco no templo. E devo salientar que a própria natureza de todas as sete festas gira em torno do templo. Uma vez que estas festas foram cumpridas, não há mais necessidade do templo. Isso é importante para se entender. A festa das trombetas faz o que você esperaria que uma trombeta fizesse: chama os gentios à salvação e adverte os judeus que eles podem ser cortados. Yom Kippur declara que Jesus providenciou cobertura ou expiação para o Seu povo, mas julga Israel por pecado intencional.

Na próxima festa, os Tabernáculos declaram a intenção de Deus de salvar as nações e espalhar Israel entre as nações. E havia muitos, muitos detalhes dessas festas que forneciam simbolismo para isso. Por exemplo, Gênesis 10 lista 70 nações como representativas de todas as nações do mundo. Na festa dos Tabernáculos havia 70 touros ao longo de 7 dias que foram sacrificados para simbolizar o fato de que Jesus morreu pelas nações gentias. Mas nem todos vêm a Cristo de uma só vez. Há 13 no primeiro dia, 12 no segundo, etc., mostrando que os gentios gradualmente virão com o tempo. Mas Israel tinha que viver em tendas ou cabanas feitas de ramos para simbolizar o fato de que Israel se tornaria peregrino e seria disperso

sem um lar se não se arrependessem. Zacarias 14 é uma das várias passagens que indicam que esta festa da colheita foi projetada para mostrar uma grande colheita dos gentios e que esta colheita duraria até que todas as nações se convertam ao Senhor. Mas a coisa desconcertante sobre esta festa é que a 70 as nações para as quais estes 70 touros são mortos não incluem Israel. De fato, a palavra para nações, goyim, significa gentios. Esta foi uma festa por excelência para os gentios que Israel foi forçada a celebrar. Isso pode explicar por que, durante a maior parte da história de Israel, os judeus se recusaram a celebrá-la. Ouça a Neemias 8:17: "E toda a congregação dos que voltaram do cativeiro fizeram cabanas, e habitaram nas cabanas, porque nunca fizeram assim os filhos de Israel, desde os dias de Jesua, filho de Num, até àquele dia; e houve mui grande alegria". Com tantos gentios tornando-se crentes, penso que lhes ocorreu o significado desta festa. Foi uma festa para o reino de Deus se estender aos gentios. Os judeus deveriam mantê-lo como um aviso de que perderiam suas casas e se dispersariam se não mantivessem o pacto.

E é aí que entra a festa de Purim. Ela responde à pergunta: "O que acontece com a igreja durante o reino de Cristo?" Segundo os registros do livro de Ester, a festa de Purim comemora o dia da vitória do povo judeu sobre os povos inimigos na época do Rei Assuero, medo-persa, durante o cativeiro dos judeus na Babilônia. Hamã havia emitido um decreto sem o conhecimento total do rei Assuero, determinando que o povo judeu deveria ser exterminado da terra sem qualquer direito de defesa.

Segundo a lei medo-persa, como qualquer decreto, após emitido, não poderia mais ser revogado nem pelo próprio rei, a solução encontrada por Mordecai e pela rainha Ester foi a de se emitir um segundo decreto, dando o direito aos judeus de se defenderem. Deus honrou o Seu povo e o fez prevalecer, fazendo cair por terra o plano inimigo de extinguir o povo de Deus da face da terra.

A festa de Purim assegurou ao povo de Deus (mesmo quando estavam no exílio) que Deus nunca os abandonaria. Ela aponta para o

tempo onde o povo de Deus obtém vitória sobre seus inimigos. De fato, antecipa uma época em que o evangelho avança e todas as nações se convertem ao Senhor. Isso ainda é futuro para nós.

Esse é o padrão geral. No decorrer dessa era, mais e mais gentios, serão reunidos no reino até que o cristianismo se torne a religião majoritária. Com a conversão de todas as nações, isso levará o mundo a um tempo sem paralelo de paz, prosperidade evangélica e vida santa. A lei de Deus governará as nações; Sua lei triunfará.

Seu lugar na história da redenção

Existem muitos elementos simbólicos nesta festa, mas apenas o lugar que ele tem na história da redenção é o que acho que aponta lindamente para o futuro. Foi dada quase 1000 anos depois das primeiras sete festas. A festa de Purim foi dada quase 1000 anos depois que os primeiros sete festivais foram dados isso nos mostra que a realização profética da festa do purim acontece "mil anos" depois da realização das sete festas (cf. Ap 8-10, 17-20). A partir de 1500 aC (quando Moisés deu esses sete festivais) até 510 aC (quando este festival foi dado).

Bem, esse também é o padrão da história do Novo Testamento para o Israel físico. Nos últimos dois mil anos, os verdadeiros crentes da etnia de Israel têm sido um pequeno remanescente; o resto foi como Sodoma e Egito. Mas Deus profetiza que isso mudará. Todas as nações se converterão ao Senhor antes do fim da história.

As primeiras sete festas estão intimamente ligadas ao templo. Purim não tem ligação com o templo.

Mas o segundo ponto também mostra um paralelo. Esta é a única festa que não está de forma alguma ligada ao templo quando foi estabelecida. Era impossível celebrar as outras festas quando o templo veio a ser destruído, mas esta festa foi projetada por Deus para nunca terminar. Foi iniciada sem referência ao templo e aponta para um período além do templo. Ester 9:27 diz: Os judeus

estabeleceram e impuseram sobre si mesmos e seus descendentes e sobre todos os que se unissem a eles, para que, sem falta, celebrassem esses dois dias todos os anos, de acordo com as instruções escritas e de acordo com o tempo prescrito. [verso 28] que estes dias devem ser lembrados e mantidos ao longo de toda geração, toda família, toda província e toda cidade, que estes dias de Purim não deixem de ser observados entre os judeus, e que a memória deles não pereça entre seus descendentes. Isso sugere uma relevância para essa festa que vai muito além da destruição do templo. Não há templo agora, exceto o templo do povo de Deus.

O purim (dados, Ester 9:26)

Um dos símbolos interessantes em Purim é o dado. A palavra persa é purim. Veja o versículo 26: Então eles chamaram esses dias Purim, que vem do nome Pur. Pur é a palavra persa para "lote" ou uma forma de dados. E eu acho que é tão irônico que a própria festa mostra que não existe tal coisa como o acaso, toma como seu nome o símbolo do acaso. Eu amo isso. Nós reclamamos dos pagãos que tomam palavras perfeitamente boas e transformam seu significado em algo maligno. Mas aqui está uma situação em que Deus está tirando algo do pagão e usando-o para ilustrar Sua providência sobre os menores eventos - até mesmo a conjuração do purim. Então, o dado é um símbolo do controle de Deus sobre os chamados eventos da vida. É o símbolo da garantia de Deus que Ele realizará tudo o que Ele profetizou.

E isso pode parecer um acaso que levará à salvação de todas as nações. Deus frequentemente usa pequenas coisas para realizar grandes propósitos. Nenhum detalhe da vida é acidental. A queda de um pardal não é acidental; a queda de um cabelo da sua cabeça não é acidental. Às vezes podemos ver o propósito; às vezes não podemos. Mas nós vimos que, se Deus não controla tudo, Ele não pode controlar nada. Que nome legal para esta festa, Dados. Dados para o cristão deve ser o símbolo da completa soberania de Deus sobre todos, nada é por acaso. Você sabe, existem fórmulas estatísticas para antecipar probabilidades, mas se realmente houvesse chance, a análise

estatística seria usada. Isso mostra que Deus está no controle. Não existe sorte. Deus garantirá a conversão de todas as nações.

O descanso do sábado (Ester 9:16-18)

O Sábado é chamado de dia de descanso. Foi o último dia de sábado que foi instituído. Veja os versículos 16-18:

“Também os demais judeus que se achavam nas províncias do rei se reuniram e se dispuseram em defesa das suas vidas, e tiveram descanso dos seus inimigos; e mataram dos seus inimigos setenta e cinco mil; porém ao despojo não estenderam a sua mão.

Sucedeu isto no dia treze do mês de Adar; e descansaram no dia catorze, e fizeram, daquele dia, dia de banquetes e de alegria.

Também os judeus, que se achavam em Susã se ajuntaram nos dias treze e catorze do mesmo; e descansaram no dia quinze, e fizeram, daquele dia, dia de banquetes e de alegria”.

Veja o versículo 22: "Como os dias em que os judeus tiveram repouso dos seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa, para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem presentes uns aos outros, e dádivas aos pobres".

Jobes ressalta que isso certamente aponta para um descanso escatológico. Em outras palavras, um descanso que viria no futuro. Todas as nações, entrarão no descanso sabático da salvação; o messias colocará todos os inimigos debaixo dos seus pés (cf. 1 Co 15:24-26).

O livro de Ester indica não apenas que muitos gentios se tornaram crentes, mas no capítulo 9:3, "e todos os oficiais das províncias, os sátrapas, os governadores e todos aqueles que faziam a obra do rei ajudaram os judeus, porque O medo de Mardoqueu [que aqui representa Jesus] caiu sobre eles". Não sabemos como isso acontecerá. Tudo o que sabemos é que de alguma forma, em algum momento todas as nações incluindo oficiais autoridades e

governadores se converterão ao Senhor. É assim que Ester termina. O capítulo 10 diz: E o rei Assuero impôs tributo à terra e às ilhas do mar. [Ainda é um império mundial, mas agora está beneficiando a igreja. O verso 3 diz] Pois Mardoqueu, o judeu, era o segundo do rei Assuero, e era grande entre os judeus e bem recebido pela multidão de seus irmãos, buscando o bem de seu povo e falando em paz a toda a sua parentela. Estamos falando sobre o maior avivamento de todos os tempos no Antigo Testamento, sendo um tipo fraco e obscuro de Reforma ainda maior no futuro. 1 Coríntios 15 diz que Cristo deve reinar até que todo inimigo seja colocado sob Seus pés; troncos e domínios, nações e grupos de pessoas. Isto é o que a igreja tem desejado e orando há séculos.

O que pode ser necessário acontecer antes que todas as nações venham a se converter ao Senhor?

Bem, deixe-me rapidamente fazer uma revisão de algumas coisas que estavam em vigor antes deste reavivamento. E pode ser um indicador do que Deus levantará antes que Israel seja salvo.

Líderes com paixão pelo bem-estar do povo de Deus (Ester 4:1-17; 8:9-17; 9:20-10:3)

Uma coisa pela qual podemos orar é líderes que ardem com paixão por todo o corpo de Cristo, como Mordecai fez. O capítulo 10 diz que ele estava procurando o bem de seu povo. A igreja de Jesus Cristo precisa de líderes que não estejam apenas preocupados com o fato de sua própria igreja se tornar santa, mas que cada igreja em todo o mundo se torne santa; líderes que estão preocupados com os cristãos que sofrem em prisões comunistas e que procuram fazer algo sobre a perseguição de santos em prisões africanas, asiáticas e do Oriente Médio. Pessoas que choram pela situação de seu povo como Ester fez. Ela poderia ter colocado o sofrimento deles fora de vista e fora da mente, mas Deus despertou seu coração para que ela não pudesse.

Uma igreja ativista (Ester 9:1-17)

Outra coisa que precisamos é de pessoas que tenham fé para acreditar em face do ataque. Já em 8:16, os judeus se regozijaram na vitória, embora o projeto de genocídio não pudesse ser revogado. Uma das coisas que impediram o reavivamento na América é o vírus da loucura dos últimos dias. As pessoas estão tão convencidas de que a igreja falhará, que não têm fé para crer em Deus para grandes coisas. As coisas não poderiam ter parecido mais sombrias para esses judeus. Se alguém tivesse uma razão para o pessimismo, teria sido eles, e ainda assim eles estavam unidos na fé que Deus daria a vitória - que Deus seria fiel à Sua palavra. Você pode acreditar em Cristo quando Ele diz que eu edificarei a Minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela? Você pode acreditar que será o inferno que está encolhido atrás de portões e a igreja estará derrubando esses portões? Preencha sua mente com tais Escrituras para dar fé, e encha a mente de seus amigos com tais Escrituras para que eles possam substituir o desencorajamento pela fé.

Uma igreja que nunca se compromete, mesmo quando está doendo (Ester 3:1-6; 5:9; 8:9-9:17; cf. Êxodo 17:8-16; Dt 25:17-19; 1 Sm. 15; 1 Crônicas 5: 42-43)

Outro exemplo disso é o próximo ponto: uma igreja que nunca se compromete, mesmo quando está doendo. Teria sido muito mais fácil para Mordecai comprometer a palavra de Deus, curvando-se para Hamã, o amalequita. Talvez ele pudesse ter sido pessoalmente elevado. Mas se ele tivesse, pense em tudo o que teria sido perdido. E precisamos de homens e mulheres que se levantem contra as falsas filosofias de hoje e não cedam.

Temos cristãos que misturaram filosofia agagita com o cristianismo. Eles fizeram isso misturando a psicologia pagã com a religião cristã; eles misturaram ideologias socialistas e marxistas com cristianismo; eles se recusaram a lutar contra a pornografia. Eles ou tomaram uma posição de não-envolvimento, ou eles realmente se curvaram diante de Hamã e o honram. Deus não pode abençoar quando os cristãos

não resistem. Há uma boa camiseta que você pode comprar que diz: Intolerância é uma coisa bonita. Precisamos de mais Mordecais. E não devemos nos envergonhar quando outros cristãos se posicionam.

Líderes que nos desafiam a morrer por Cristo
(Ester 4:1-17; 9:18-10:3)

Precisamos de líderes como Mordecai que nos desafiem a morrer por Cristo. Todos nós morreremos de uma vez ou outra, mas seria horrível morrer sem ter conseguido nada para a eternidade. Mordecai desafiou Ester a falar com o rei, mesmo que isso significasse sua morte. Ele desafiou os judeus a se defenderem com ousadia.

Seguidores que estão dispostos a ser dispensáveis (Ester 4:10-17)

E os seguidores responderam com ousadia e disposição para morrer por Cristo. Palavras de Ester Se eu perecer, eu perecerei precisar ser nossas palavras quando pensarmos em nosso envolvimento em estender o reino de Cristo. Não se eu me sentir confortável ou se encaixar no meu horário, mas "eu farei porque o Cristo é glorificado, porque é a coisa certa a fazer. Precisamos de pessoas que se recusam a acreditar que o compromisso é o único caminho para progredir".

Crentes com ousadia (Ester 4:16; 5:1-2; 7:6; 9:13)

Precisamos de crentes com a ousadia de Ester e Mordecai. Se quisermos ver a evangelização mundial em nossa vida, precisamos de mais pessoas que se arrisquem e estejam dispostas a perder tudo para que possam ganhar tudo para Cristo. Isso é o que eu quero para minha vida, e eu rezo para que seja o seu desejo também. Vamos sair e sair por Jesus e orar para que o Seu reino avance em poder e glória.

Festas de Israel e seu Significado Profético

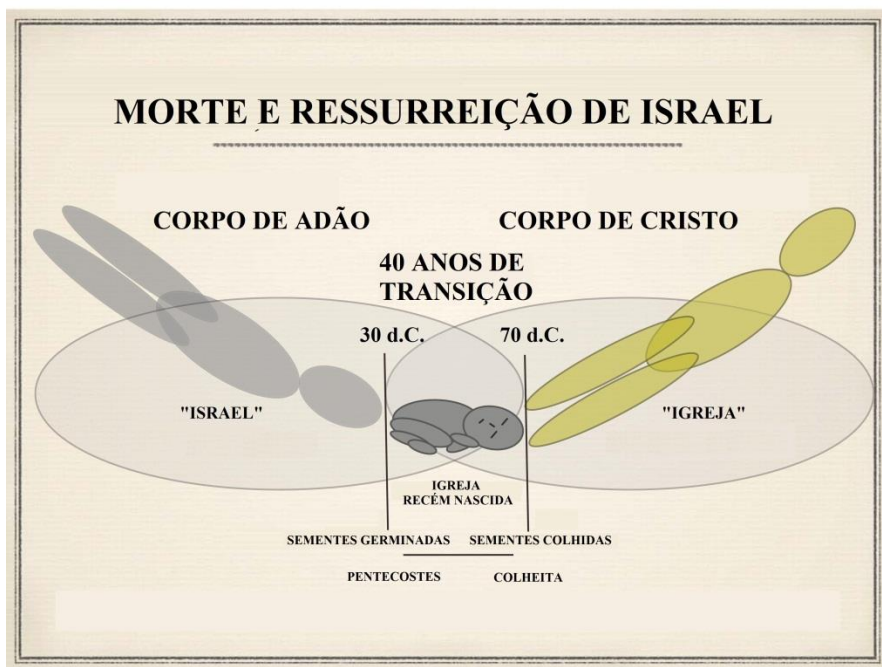
	Festa	Passagens chave	Ênfase		Realizada
	Dedicação	Nm. 7-8; Lv. 8-9; Ex.40; Zc 7-8; Ag 2:10-23; Jo 10:22	Jesus encarnado		Aprox. 4aC
As Sete Festas Mandatadas de Levítico 23	Páscoa	Ex. 12: 1-14; Lv. 23:5; Nm. 9:1-14; 28:16; Dt. 16:1-7	Jesus redime Israel	Festivais conectados ao templo	30dC
	Pão sem fermento	Ex. 12: 15-20; 13:3-10; Lv. 23:6-8; Nm. 28:17-25; Dt. 16:3,4,8			
	Primícias	Lv. 23: 9-14; Nm.28:26			
	Pentecostes	Ex. 23: 16; 34:22; Lv.23:15-21; Nm. 28:26-31; Dt. 16: 9-12	Jesus equipa Israel		67 dC
	Trombetas	Lv. 23:23-25; Nm.29: 1-6; Jl 2:1-17	Jesus avisa Israel		
	Yom Kippur (Dia de Jejum. Dia da Expição pela nação. Purificação do Santo dos Santos. A aceitação ou rejeição da nação por Deus)	Lv. 16; 23:26-32; Nm. 29:7-11	Jesus julga Israel		70dC
	Tabernáculos (festa da colheita com 70 touros mortos por 70 nações gentias)	Ex. 23: 16; 34:22; Lv.23: 33-36, 39-43; Nm.29: 12-38; Dt. 16:13-15	Jesus espalha o Israel físico, e reúne o Israel espiritual		70dC Contínuo
	Purim	Ester 9	Jesus vence todos os inimigos	Sem templo	Último Dia

As festas aplicadas

Festa	O que Cristo fez	Aplicado a Israel	Realizada
Dedicação	Este festival olhou para a dedicação do templo e para o nascimento de Jesus.	O Novo Templo de Israel é estabelecido para substituir o antigo templo (João 2:18-22)	Aprox. 4aC
Páscoa	Jesus morre no dia da Páscoa. O pecado é pago. Sua morte livra seu povo	Jesus faz um novo Israel a partir de um remanescente do antigo Israel. (cf. 12 apóstolos e 12 tribos em Lucas 22: 29-30)	30dC
Pão sem fermento	Cristo estava na sepultura por causa de nossos pecados, ele enterrou nossos pecados.	Os pecados do Novo Israel são enterrados e não são mais lembrados (Jr 31.31-34)	
Primícias	Vitória sobre a morte, "primícias" dos mortos	Primícias fala da ressurreição do corpo. Jesus é primícias dos que dormem; Ele foi o primeiro a ressuscitar para não mais morrer. Jesus sai debaixo da terra e ressuscita como os frutos que a terra produzia e eram entregues a Deus na festa das primícias.	
Pentecostes	O poder do Espírito depende de Jesus ser crucificado (Galatas 3:3-14) e glorificado (João 7:39). Une judeu e gentio	O Espírito Santo é derramado sobre o novo Israel (Joel 2:28-32; Atos 2). Não haverá mais um muro divisório entre judeus e gentios. Início da colheita dos eleitos como "primícias" para se unirem ao reino (Oséias 6:2)	
Trombetas	Cristo adverte do juízo sobre essa geração, se eles não se arrependerem. Cristo dá mais avisos na seção das trombetas do Apocalipse.	Eliminação do Israel nacional e início dos "tempos dos gentios" (Lucas 21:24) em 67 dC (Hebreus 12: 18-29; Apocalipse 8-10)	67 dC
Yom Kippur	Cristo ungiu o Santo dos Santos com Seu próprio sangue e chamou Israel ao arrependimento e ao único verdadeiro santuário. Um chamado para "afligir vossas almas" (Nm 29.7) e sair do acampamento com Cristo e buscar uma cidade celestial (cf. Hb 13.10-14).	O velho Santo dos Santos é destruído em 70 dC para tornar visível que há apenas um lugar de expiação. Yom Kippur era pelos pecados da ignorância (Hebreus 9: 7), mas trouxe julgamento sobre a rebelião intencional (Hb 10: 26-31), portanto a morte de Cristo vindicada sobre aquela geração. O sistema levítico é removido	70 dC
Tabernáculos	Enquanto Israel se torna sem-teto (vendedores de estandes errantes), Jesus recebe gentios em sua casa. Zc 14: 16-20 liga o presente período de evangelização mundial com a Festa dos Tabernáculos. A Grande Colheita dos Gentios começa em 70 dC	"O endurecimento em parte aconteceu a Israel até que a plenitude dos gentios chegou". (Rm. 11:25) "a sua queda é riqueza para o mundo, e a sua diminuição a riquezas para os gentios" (Rm. 11:12). Este é o tempo da conversão das "70 nações", mas também uma época em que apenas um "remanescente" dos judeus é salvo.	70dC e Contínuo
Purim	Embora Ele tenha rejeitado Israel nacional - 70 dC (Rm 11), a Nova Aliança ainda é acessível a eles (Jr 31:31-40). Todas as nações se converterão ao Senhor. A Grande Comissão é cumprida	A salvação de Israel traz bênçãos ainda maiores aos gentios (Rm 11:12). O dia do jejum (Adar 13) aponta para o arrependimento judaico, e os dois dias do banquete (14-15) para a sua salvação e bênção. Todos os inimigos são subjugados a Jesus	Último Dia

Calendário das festas

Festa	Calendário sagrado	Calendário civil	Encontro
Dedicação	9º mês	Terceiro mês	Chislev 25
Páscoa	1º mês	7º mês	Abibe (nisã) 14
Pão sem fermento			Abibe 15-21
Primícias			Abibe 16
Pentecostes	Terceiro mês	9º mês	Sivan 6
Trombetas	7º mês	1º mês	Tishri 1
Yom Kippur			Tishri 10
Tabernáculos			Tishri 15-22
Purim	12º mês	Sexto mês	Adar 13-15



Bibliografia

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_01-03_sabbath-rest.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_04-05_feast-passover.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_06-08_feast-unleavened.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_09-14_feast-first-fruits.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_15-22_feast-pentecost.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_23-25_feast-trumpets.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_26-32_feast-atonement.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_26-32_feast-atonement02.htm

Fonte: http://www.bereanbiblechurch.org/transcripts/leviticus/lev-23_33-44_feast-tabernacles.htm

Fonte:
<https://kaysercommentary.com/Sermons/Old%20Testament/Esther/Esther%20part%2012.md>

Fonte:
<https://www.kaysercommentary.com/Resources/Feasts%20of%20Israel.md>

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo**Desmascarando o Dogma Dispensacionalista**

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usfrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrsta.org/artigos.htm

Nossos e-book's com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrsta.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrsta.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrsta.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servi-lo no endereço:

www.revistacrsta.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrsta.org